

PUCRS

FACULDADE OU ESCOLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

PAULO EDUARDO MÜLLER

A CRISTOLOGIA NA EVANGELII GAUDIUM DO PAPA FRANCISCO

Uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PAULO EDUARDO MÜLLER

A CRISTOLOGIA NA EVANGELII GAUDIUM

Uma abordagem pastoral da pessoa de Jesus Cristo

Dissertação apresentada ao PPG-Teologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia na área de concentração em Teologia Sistemática.

Linha de pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre, 2018

AGRADECIMENTOS

Louvo e bendigo ao Bom Deus pelo dom da vida, da vocação e pela oportunidade da formação permanente, em nível de mestrado.

Louvo e bendigo ao Bom Deus pela PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, através da Escola de Humanidades, na pessoa do seu Coordenador, Prof. Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin e ao apoio recebido da CAPES (O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – BRASIL).

Sou muito grato ao Prof. Dr. Érico João Hammes, o qual teve muita paciência e muito ajudou no desenvolvimento do meu tema de estudo, ou seja, a Cristologia na *Evangelii Gaudium*. Aos professores, que, com dedicação e sabedoria, ajudaram na partilha de seus conhecimentos e de seus exemplos de vida, aos meus colegas da Pós-Graduação e a secretária Sra. Juliane Hammerschmidt.

Louvo e bendigo ao Bom Deus pela acolhida e disponibilidade dos professores da banca examinadora, composta pelo orientador Prof. Dr. Érico João Hammes, Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin e pelo Prof. Dr. Frei Vanildo Zugno. Obrigado pela partilha do conhecimento de vocês e por me desafiar a crescer.

Louvo e bendigo aos Freis da Província São Francisco de Assis, no RS, aos meus familiares e amigos que auxiliaram com suas orações e apoio, em particular aos amigos das Paróquias Rede de Comunidades São José, de Gravataí – RS e Paróquia São José, de Taquari e Tabai – RS. Aos professores da ESTEF (Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana) pelo incentivo e apoio e as pessoas que se dedicam ao trabalho junto aos pobres, nas Pastorais Sociais da Igreja, na Cáritas e no voluntariado.

Sou muito grato ao Deus Trindade, que me chamou para colaborar na missão da sua Igreja, como franciscano e sacerdote. Como Jesus e o Papa Francisco digo: “Eu te louvo, ó Pai, porque o teu Reino chegou aos pequeninos” (Lc 10,21) os quais são “bem-aventurados”. Paz e bem!

“Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (*Evangelii Gaudium* 183).

RESUMO

Esta dissertação trata da Cristologia presente na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco. Visa, por meio da análise do conteúdo da Exortação, descobrir o Cristo presente no pensamento do Papa, e fazer relação com a sua vida, seus discursos, práticas e situá-lo a partir de toda a sua caminhada numa abordagem pastoral. Para Francisco, o encontro com o Senhor enche a vida de alegria e, revestindo a pessoa de Seu Espírito, a faz ser capaz de ir ao encontro dos outros, como fez Jesus. O caminho proposto pelo Papa tem a sua referência no Evangelho. Condena uma sociedade que age e vive sem Deus. Vê na misericórdia a chave para a transformação da sociedade e no agir em favor do próximo o caminho para se obter a salvação. Para Francisco uma fé autêntica está relacionada com uma vida comprometida pelo bem de todas as pessoas. Isso implica em olhar e entender cada qual a partir da sua realidade e desejar que todos tenham vida e vida, em abundância.

Palavras-chaves – Papa Francisco, Cristologia, alegria, misericórdia, pobres, encontro com o Evangelho.

ABSTRACT

This dissertation deals with Christology present in the Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium*, by Pope Francis. Through analyzing the content of the Exhortation, he aims to discover the Christ present in the Pope's thought, and to make a connection with his life, his discourses, his practices and to situate him from his entire pastoral approach. For Francis, the encounter with the Lord fills the life of joy and, putting on the person of His Spirit, makes it possible to go to meet others, as Jesus did. The path proposed by the Pope has its reference in the Gospel. It condemns a society that acts and lives without God. He sees in mercy the key to the transformation of society and acting in favor of the neighbor the way to obtain salvation. For Francis an authentic faith is related to a life committed to the good of all people. This implies looking at and understanding each one from your reality and desiring everyone to have life and life in abundance.

Keywords - Pope Francis, Christology, joy, mercy, poor, encounter with the Gospel.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	7
INTRODUÇÃO	8
1 GÊNESE DA EVANGELII GAUDIUM.....	12
1.1 A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO PAPA FRANCISCO	13
1.1.1 <i>Teologia do Povo (Pueblo) e/ou Teologia da Cultura</i>	13
1.1.2 <i>Características da Teologia do Povo</i>	16
1.1.3 <i>A cristologia na Teologia do Povo</i>	19
1.1.4 <i>A cristologia de Santo Inácio de Loyola</i>	22
1.1.5 <i>Tomás de Aquino</i>	23
1.1.6 <i>Outras referências para o pensamento de Francisco</i>	25
1.1.7 <i>O Pastor e Teólogo Francisco</i>	27
1.2 DO VATICANO II A APARECIDA	28
1.2.1 <i>A cristologia do Vaticano II</i>	30
1.2.2 <i>A Cristologia na Exortação Evangelii Nuntiandi</i>	31
1.2.3 <i>A cristologia no documento de Aparecida</i>	33
1.3 ASPECTOS TEOLÓGICOS DA EVANGELII GAUDIUM.....	36
1.3.1 <i>O Sínodo de 2012</i>	36
1.3.2 <i>O Sínodo de 2012 na Evangelii Gaudium</i>	38
1.3.3 <i>Conceitos-chave para entender a EG</i>	40
1.3.4 <i>Características da Encíclica</i>	44
1.4 CONCLUSÃO DA PRIMEIRA SEÇÃO	46
2 A CRISTOLOGIA NA EVANGELII GAUDIUM.....	48
2.1 CRISTO ALEGRE	49
2.1.1 <i>A alegria brota da Trindade</i>	50
2.1.2 <i>A alegria impulsiona para a missão</i>	51
2.1.3 <i>A alegria leva à conversão</i>	53
2.1.4 <i>A alegria no mistério salvífico</i>	54
2.2 JESUS CRISTO POBRE	55
2.2.1 <i>O assumir o lugar dos pobres</i>	56
2.2.2 <i>Bem-aventurados os pobres</i>	58
2.2.3 <i>O compromisso social</i>	59
2.2.4 <i>Os pobres no mistério salvífico</i>	61
2.3 O CRISTO MISERICORDIOSO	63

2.3.1	<i>O agir comprometido</i>	63
2.3.2	<i>A conversão fruto da misericórdia</i>	65
2.3.3	<i>Misericordiosos, a exemplo da Trindade</i>	66
2.3.4	<i>No mistério salvífico</i>	68
2.4	CONCLUSÃO DA SEGUNDA SEÇÃO	69
3	PROCLAMAR O EVANGELHO DA MISERICÓRDIA	71
3.1	A ALEGRIA DO EVANGELHO	72
3.1.1	<i>A alegria do encontro com o Evangelho</i>	72
3.1.2	<i>O Kerigma – anúncio alegre</i>	74
3.1.3	<i>O método pedagógico da Evangelii Gaudium</i>	75
3.1.4	<i>Chamados a viver com alegria</i>	77
3.1.5	<i>Jesus Cristo – Alegria dos pobres</i>	79
3.2	SEGUIR O CRISTO POBRE	80
3.2.1	<i>Viver a opção pelos pobres</i>	82
3.2.2	<i>Uma Igreja pobre</i>	89
3.2.3	<i>No discipulado de Jesus</i>	90
3.3	CONSTRUINDO PONTES: O AGIR PELA MISERICÓRDIA	92
3.3.1	<i>A misericórdia como critério moral</i>	94
3.3.2	<i>Misericórdia e Caridade</i>	95
3.3.3	<i>Misericórdia e Paz</i>	97
3.4	CONCLUSÃO DA TERCEIRA SEÇÃO	98
	CONCLUSÃO	100
	REFERÊNCIAS	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELAM - Conferência do Episcopado Latino-Americano

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAp - Documento de Aparecida

DP - Documento de Puelba

EG - Evangelii Gaudium

EN - Evangelii Nuntiandi

EE – Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola

GE – Gaudete et Exsultate

GD - Gaudete in Domino

GS - Gaudium et Spes

LS - Laudato Sí

MM – Carta Apostólica Misericordia et Misera

MV – Misericordiae Vultus

Ss - Seguintes

TdL - Teologia da Libertação

Vat II – Concílio Vaticano II

INTRODUÇÃO

O dia 13 de março de 2013 é a data mais significativa da história recente da Igreja católica. Neste dia foi eleito o Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio como Papa, sendo sucessor do até então Papa Bento XVI, que renunciara ao cargo no mês anterior. Nessa opção feita pelos Cardeais do Colégio cardinalício está implícita uma mudança significativa na vida da Igreja quanto ao seu agir, pensar e relacionar-se com o mundo. Ele é o primeiro Papa latino-americano, o primeiro jesuíta e o primeiro que escolhe o nome Francisco.

Ao final do seu primeiro ano de pontificado, no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro de 2013, Francisco dá a conhecer ao mundo a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho. Acolhendo o convite dos Padres sinodais escreve este texto (Cf. EG 16) para marcar uma nova etapa evangelizadora na vida da Igreja para os próximos anos (Cf. EG 1). Por isso a Exortação, muito mais do que ser um texto pós-Sínodo de 2012, é a síntese do pensamento do Papa Francisco e referência para seus pronunciamentos.

Jorge Mario Bergoglio é homem de fé profunda. Como pessoa de oração intensa, de uma vida marcada pelo encontro com o Senhor, têm na simplicidade uma das suas grandes virtudes. Em Francisco, um cidadão argentino, religioso, padre, Bispo, Arcebispo e agora Papa, está presente um grande ser humano, um pastor e um grande teólogo. A clareza presente no seu pensamento, aquilo que fala e escreve, é respaldado pelo testemunho de vida simples e próxima do povo. Este seu jeito, já conhecido na Argentina, leva agora para a Igreja Universal.

Acompanhei a vida do Papa Francisco desde a sua eleição, em março de 2013. Seu jeito simples sempre me chamou atenção e me cativou. Ao ler a *Evangelii Gaudium* fiquei impressionado com a profecia contida em seu pensamento. Ao analisar e estudar a Exortação percebi que o caminho proposto pelo Papa Francisco para a Igreja é um convite a uma conversão de vida, marcada pelo encontro com o Evangelho e o testemunho desta vida alegre junto ao povo. Por isso que o centro da minha pesquisa está em descobrir qual é o “Cristo do Papa Francisco”.

Estabelecido o objetivo da pesquisa eis que surge a primeira questão a resolver: há material escrito sobre esta temática? Sobre a vida do Papa, comentários relacionados à exortação e textos de suas homilias há muitas publicações. Há livros

e artigos tentando entender o pensamento do Papa Francisco. Em relação à sua Cristologia ainda há pouco material publicado. Cabe destaque ao livro de Lúcio Casula, citado neste trabalho, traduzido e publicado pelas Edições CNBB e alguns raros artigos. Por isso a pesquisa parte da análise do texto da Exortação e procura entender o seu conteúdo com o auxílio das fontes citadas, de artigos, livros e comentários publicados a respeito dela e como o Papa Francisco se vale desse conteúdo em seus discursos, homilias, livros, etc.

A pergunta central que move meu estudo é: qual é a Cristologia presente na *Evangelii Gaudium*? Ligado a esta estão outras perguntas: onde estão as referências para compreender o pensar cristológico do Papa Francisco? Qual deve ser o agir da Igreja impulsionada pela cristologia presente na *Evangelii Gaudium*? Através da análise do texto da Exortação procurarei responder a essas perguntas. Este meu texto, estruturado em três capítulos, tem seu centro no segundo capítulo, onde procuro responder à questão central, motivadora deste trabalho.

Um elemento a ser destacado é o enfoque a ser dado para a cristologia presente na *Evangelii Gaudium*. Ela orienta para o agir, pois a sua referência é Jesus que vai ao encontro dos outros para partilhar a alegria, aproximar-Se e oferecer a misericórdia. Da cristologia da *Evangelii Gaudium* será feita uma abordagem pastoral, pois traz orientações de um viver a partir do Evangelho, como propõe o Papa Francisco.

O primeiro capítulo procura fazer a gênese da *Evangelii Gaudium*. Bergoglio, formado no contexto do Concílio Vaticano II, colabora para “trazer” a teologia do Concílio para o contexto latino-americano e especificamente para o argentino, surgindo a teologia do povo. Esta teologia reconhece a presença de Deus nas culturas e nos pobres. Ela tem a sua referência na Trindade, no amor de um Deus que se antecipa, primeiraia, que vem ao encontro no Verbo e em Jesus oferece a sua alegria e misericórdia. O Papa Francisco toma de Inácio de Loyola o princípio do seguimento a Jesus que na cristologia da *Lumen Gentium* é traduzido como assumir a causa do pobre, ou seja, como povo congregado no amor somos responsáveis uns pelos outros, conforme a *Gaudium et Spes*. Inspirado em Paulo VI, Francisco vê no Evangelho a fonte da alegria de Deus. O encontro com Jesus Cristo, caminho, verdade e vida é um convite para ser discípulos-missionários. A transmissão da fé é fruto de uma vida de oração e do testemunho desta vida transformada pelo Evangelho. A força contida nele

impulsiona para sair da autorreferencialidade e viver para os outros. Essa atitude é fonte de grande alegria.

A Cristologia presente na *Evangelii Gaudium* é o tema do segundo capítulo. Ela é caracterizada pelo amor salvífico que Deus nos oferece e pela alegria da Trindade. Esta alegria é fruto de uma conversão provocada pelo encontro com o Evangelho. Ela contagia e move-nos em direção aos outros, de modo especial aos pobres, para lhes oferecer a misericórdia de Deus. A exemplo de Jesus que exulta no Espírito e louva o Pai porque o seu Reino chegou aos pequeninos (Cf. Lc 10,21), o Papa afirma que força contida no Evangelho faz-nos sair da autorreferencialidade e aproximar-nos dos outros para buscar o seu bem. Ir ao encontro é atitude de um Deus que se abaixa para oferecer continuamente a misericórdia, colocando no seguimento do Seu Filho o caminho para a nossa salvação. Essa se apóia no viver para os outros.

O proclamar o Evangelho da misericórdia, tema do terceiro capítulo, contém as atitudes dos que acolheram a Palavra e fazem dela vida. É a alegria do agir como Jesus que valoriza os pequenos passos que cada um consegue dar no viver para os outros. É a vida transformada pelo sair de si e ir ao encontro do outro, de modo particular os pobres, ver neles a presença de Jesus e empenhar-se pelo seu bem mediante a cultura da solidariedade, enfrentando das causas estruturais da pobreza. É o olhar para o outro a partir da ótica do amor, que não condena, mas integra e compreende cada um a partir da sua cultura e realidade.

Para enriquecer ainda mais esta reflexão outros aspectos poderiam ter sido aprofundados. Uma das possibilidades teria sido relacionar a cristologia presente na *Evangelii Gaudium* com outras cristologias, com a que está presente no pensamento de Jon Sobrino ou do Cardeal Ratzinger, o Papa emérito Bento XVI, por exemplo. Outro caminho a ser explorado poderia ter sido a crítica que o Papa Francisco faz ao gnosticismo e ao neopelagianismo (Cf. EG 94). Ambas possibilidades, sem desmerecer sua importância, foram refutadas em vista de uma opção feita. Esta privilegia fazer uma abordagem pastoral da cristologia presente na *Evangelii Gaudium*.

O Papa propõe este novo agir para a Igreja, baseado no Evangelho, na vida de Jesus que sai de junto do Pai para ir ao encontro das pessoas, movido pelo Espírito Santo. A cristologia de Francisco é a síntese da vida de um Pastor, que vê na misericórdia, a atitude de um Deus, que no amor, acolhe e conduz para aos outros. Este deve ser o movimento da Igreja que impulsionada pelo Espírito, sai de si, vai ao

encontro de todos, de modo especial os pobres e dá testemunho da alegria presente no Evangelho.

A alegria do Evangelho é a alegria de Deus Pai, que gera no amor, e continuamente oferece o seu amor e compreende cada pessoa no amor. É a alegria do Filho, que ao se encarnar no meio dos pobres, partilha o amor do Pai procurando resgatar a pessoa da sua autorreferencialidade e convidá-la a ser “para os outros”, oferecendo continuamente a sua misericórdia. A alegria é o Espírito que impulsiona a transformar todas as realidades na acolhida das suas potencialidades, na partilha dos seus dons e no convite a uma conversão perpétua.

1 GÊNESE DA *EVANGELII GAUDIUM*

A *Evangelii Gaudium* apresenta o Cristo que deve ser anunciado nos tempos atuais, fruto da caminhada da Igreja e das vivências do Papa Francisco. A sua gênese, tema deste primeiro capítulo, visa encontrar as raízes do pensamento do Papa, a partir das fontes citadas na Exortação. Estas, enriquecidas com a história do cardeal Jorge Mario Bergoglio e hoje Papa Francisco, dão suporte para o conteúdo presente no texto citado. O caminho percorrido parte da formação teológica do Papa Francisco, que em sintonia com a caminhada da Igreja, são referência para conceituar e compreender a cristologia presente na *Evangelii Gaudium*.

A Exortação carrega em si a história do Papa Francisco que acompanhou, participou e se formou a partir da caminhada e reflexão da Igreja mundial, de modo particular da Igreja da América Latina, que a partir do Concílio Vaticano II cresceu na consciência da sua opção pelos mais pobres, mediante a inculturação do Evangelho. Na Argentina esta opção criou forma pela teologia do povo. Ela parte da valorização da religiosidade popular, das culturas, dos pobres e combate os poderes que geram exclusão; uma cultura do “descartável”. Orientada a partir do amor presente na Trindade, mediante a encarnação do “logos”, vê em Deus alguém que se antecipa, oferece o seu amor e está próximo de quem o procura.

Para o Papa seguir o Cristo da fé, mas também o Jesus concreto presente na vida do povo, com suas alegrias e sofrimentos, exige um coração transformado pelo amor de Deus: um coração misericordioso, que movido pela alegria do Espírito, procura ir ao encontro do outro, a fim de socorrê-lo na pobreza e ser sinal de esperança. Este é o Deus que sempre oferece a sua misericórdia, o qual conquistou o Papa Francisco, fazendo dele alguém desapegado, próximo e sensível à dor e ao sofrimento dos pobres.

A *Evangelii Gaudium* (EG) é a soma da vida deste jovem portenho, formado na escola jesuítica, que tocado pelo Evangelho, viveu para os pobres e os defendeu. Chamado ao ministério de Pastor da Igreja e como Bispo de Roma crê numa Igreja em saída chamada a levar o amor e alegria de Jesus a todos, antecipando-se às distintas situações, ou seja, sai da sua autorreferencialidade, sob o impulso provocado pelo encontro com o Evangelho. Nessa Igreja todos devem se sentir povo fiel de Deus e chamados a serem discípulos-missionários.

1.1 A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO PAPA FRANCISCO

A formação acadêmica do Papa Francisco deu-se na época do Concílio Vaticano II, do qual foi gestada na Argentina a Teologia do povo ou da cultura. Sua característica é a valorização da religiosidade popular, pela inclusão social, por viver entre os pobres, como Igreja em saída e por reconhecer o estilo próprio de cada comunidade. Tem seu acento no *Pueblo*, o povo pobre e trabalhador e na cultura, no estilo de viver de um povo. A Cristologia presente na teologia do povo tem a marca do amor da Trindade, que na Palavra, o “*logos*”, se encarna em cada cultura revelando um Deus que se aproxima, “primeireia”, e vem ao encontro.

Francisco foi formado na escola jesuítica. Nos Exercícios Espirituais (EE), Santo Inácio de Loyola coloca o centro no seguimento de Jesus Cristo. Inácio apresenta Jesus como sendo Aquele que está preocupado com outros, de modo especial os pobres, que combate o pecado da humanidade e condena os poderes opressores. Além do fundador da Companhia de Jesus, o Papa tem em São Tomás de Aquino um teólogo referencial para o seu pensamento. Vale-se de Tomás para elaborar o seu conceito sobre a alegria, embora não citando o autor diretamente sobre este tema, sobre a pobreza e, de modo especial, sobre a misericórdia, no que se refere ao agir moral. Dos escritos de São Beda, o Venerável, Francisco toma o seu lema episcopal, o qual é tema de fundo para o seu pensar sobre a misericórdia. E, em Romano Guardini vê alguém que é referência para a elaboração dos critérios sociais da *Evangelii Gaudium*.

O Papa Francisco é a soma e da riqueza de sua formação e vivência eclesial. Muito sensibilizado pela causa dos pobres tem no Evangelho a grande inspiração para o seu pensamento e a referência para o seu agir. A *Evangelii Gaudium* parte do encontro com o Evangelho e se enriquece com as diferentes reflexões e experiências que dele provém.

1.1.1 Teologia do Povo (*Pueblo*) e/ou Teologia da Cultura

A Teologia do *Pueblo* (Povo) também chamada de Teologia da Cultura está na base das vivências pastorais do Papa Francisco. Os dois termos que a caracterizam,

ou seja, Pueblo (povo) e Cultura são fundamentais na compreensão do conceito. Por este motivo serão aprofundados neste trabalho.

a) Povo¹

A expressão povo (*pueblo*) se refere ao povo pobre e trabalhador; povo que tem uma sabedoria e que é um particular concreto. A Teologia do Povo se opõe a um falso universalismo (que nega as diferenças) e a um particularismo (que nega a universalidade). Parte do princípio de que Cristo é o singular e ao mesmo tempo, é o universal, ou seja, é o particular, concretizado no fragmento onde se manifesta todo o universal sem esgotá-lo. Para Francisco é o *Kairós*, a manifestação de Deus é hoje, aqui, na história.

Para a Teologia do povo o acesso a Deus se dá mediante o alívio dos sofrimentos do pobre. Isto implica na luta contra a injustiça social. Tenta, portanto, intervir culturalmente na realidade para tirar o pobre da miséria e inseri-lo numa nova perspectiva de vida. Esta é a alegria que move a esperança daqueles que se deixam encontrar pelo Evangelho.²

O Pueblo, o povo pobre e trabalhador são todos os oprimidos em geral e não somente os trabalhadores, os camponeses, ou formalmente empregados pelo sistema. Para a Teologia do Povo, povo é um povo particular, concreto, integrado também pelos desempregados, os desocupados e os empregados de maneira marginal ou precária, já que todo o pobre trabalha para sobreviver no dia seguinte e por isso mesmo é trabalhador e se não se considera um trabalhador ele morre. Por isso para os teólogos do povo, povo é esta parte do povo concreto que são os pobres trabalhadores. Segundo a Teologia do povo, dizer que os pobres não são trabalhadores é despojá-los de sua dignidade.³ Esta concepção é típica de quem pertence à cultura do *antipueblo*, de uma cultura de morte, baseada na injustiça, ou seja, os opressores do povo.⁴

Para o Papa Francisco soa forte a ideia de povo como unidade na diversidade. Distingue também o povo, como sendo as pessoas que possuem uma cultura comum e o Povo de Deus. Segundo Scanonne⁵ na expressão “povo fiel” o Papa reconhece o

¹ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.101-129.

² Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 75-79.

³ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.112.

⁴ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.135.

⁵ SCANONNE, Juan Carlos. *El Papa Francisco y la Teología del Pueblo*, p.44.

mistério que tem suas raízes na Trindade, mas que tem sua concretização histórica em um povo peregrino e evangelizador, que transcende toda necessária expressão institucional (Cf. EG 111 e EG 95).

Este é o povo que anuncia o Evangelho. Não são chamados como povo isolado, mas como comunidade humana (EG 113), pois Deus se encarna na cultura de quem o recebe (EG 115). A eles Deus se antecipa e oferece a sua misericórdia (Cf. EG 3), sendo os pobres seus primeiros destinatários os pobres. A salvação que Deus oferece não é para salvar o homem sozinho, mas o povo de Deus⁶, ou seja, Deus em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens (Cf. EG 178).

b) Cultura

O termo cultura é central para a compreensão da Teologia do Povo, ou Teologia da Cultura. Ganhou visibilidade a partir do Vat II, na Constituição *Gaudium et Spes*, na qual o segundo capítulo é totalmente dedicado ao tema. É retomado por Medellín, mas com Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (EN 20) recebe destaque quando o Pontífice fala da “evangelização das culturas”. Não cabe aqui fazer uma reflexão a partir do magistério sobre o termo, mas buscar o seu embrião, a fim de conceituá-lo a partir da Teologia da Cultura.

A Teologia do Povo⁷ define cultura como prática cultural, isto é, como modo de viver, o *ethos* de um povo. Por isso a cultura se constrói desde o povo e no tempo.⁸ Não se intui desde o saber dos iluminados.⁹ Este conceito é importante para entender toda a crítica que a Teologia do Povo e o Papa Francisco fazem àqueles que são defensores de uma cultura hegemônica, manipuladora e centralizadora.¹⁰

⁶ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.125.

⁷ O termo que será utilizado para falar da Teologia do Pueblo será Teologia do Povo, sem, contudo, tirar a importância do termo Teologia da Cultura, mas somente sendo fiel ao modo como ele é mais conhecido.

⁸ Um povo necessariamente é dinâmico. A cultura de um povo, esses valores e símbolos comuns que o identificam, não a paralisada repetição do mesmo, mas a vital criatividade sobre do recebido. BERGOGLIO, Jorge Mário. *O verdadeiro poder é serviço*, p. 96.

⁹ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.151.

¹⁰ O Papa Francisco apropria-se deste conceito quando na *Evangelii Gaudium* quando afirma: “A cultura é algo de dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar face aos próprios desafios” (EG 122).

Para os Teólogos do povo a cultura possui três núcleos centrais:¹¹ 1) toda pessoa possui um corpo e valorizar o corpo é defender as condições mínimas de vida do corpo; 2) considera a fraternidade entre as pessoas como a garantia de “povo-nosso”, visto que o povo latino-americano acredita num Deus misericordioso, encarnado e que faz com que todos sejam “humanos”; 3) acredita e deseja uma libertação política dos povos, mas também a salvação escatológica, mediante o surgimento de uma nova época ou era histórica.

A encarnação do Filho de Deus, num determinado povo e cultura, é a concretização desta nova época. Jesus assume os valores presentes na cultura do seu povo, convida-os a uma conversão mediante a acolhida da Sua Palavra e condena os sistemas opressores e injustos. A riqueza de uma cultura está em buscar um estilo de vida que saiba resistir a tantas ameaças de morte presentes na sociedade. Este exercício implica em reconhecer a presença de Deus atuando na história, ou seja, agir baseado na justiça, dignidade e vida para todos.¹²

1.1.2 Características da Teologia do Povo

A Teologia da Cultura ou Teologia do Povo¹³ tem suas origens na Argentina em 1966, com o surgimento da COEPAL¹⁴. Tem seus grandes expoentes em Lúcio Gera, Rafael Tello, Juan Carlos Scanonne e, atualmente, o Papa Francisco.¹⁵ É uma das correntes da Teologia da Libertação¹⁶, com características próprias, denominada

¹¹ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.134.

¹² Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.152-158.

¹³ A Expressão foi cunhada por Juan Luis Segundo em seu livro *Libertação da Teologia*. Afirma: “Portanto, é certo que, sobretudo na Argentina, graças ao fenômeno peronista, mas não apenas aí, está se criando uma “teologia do povo” submetida à orientação geral da “teologia da libertação” e como sendo a expressão mais profunda desta.” SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*, p. 255.

¹⁴ A COEPAL (Comissão Episcopal de Pastoral) existiu de 1966 a 1973 com o intuito de impulsionar o plano nacional de Pastoral (Conforme. SCANONNE, Juan Carlos. *El Papa Francisco y la Teología del Pueblo*, p. 39). Procurou dar uma aplicação concreta do Vat II para o contexto argentino. Entre os textos oriundos desta comissão está a Documento de San Miguel (1969), uma declaração do Episcopado Argentino em que se procura fazer uma leitura dos textos do Vat II e da Conferência de *Medellín* para a realidade pastoral Argentina. O texto está publicado em <http://www.familiasecnacional.org.ar/wp-content/uploads/2017/08/1969-ConclusionesMedellin.pdf>

¹⁵ Conforme CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 68-69.

¹⁶ Conforme SUSIN, Luís Carlos. *Verbete Teologia da Libertação* in SIDEKUM, Antonio; WOLKMER, Antônio Carlos e RADAELLI, Samuel Mânica. *Enciclopédia Latino-americana dos Direitos humanos* p. 665-679. Coloca na origem da Teologia da Libertação (TdL) a importância do retorno a São Tomás, o que obrigou a verificar mais a relação do que a distinção ou o dualismo entre natural e sobrenatural. Um grupo de pensadores franceses, reunidos ao redor a Revista *Espirit* elaborou categorias de relação e identidade entre história do mundo e história da salvação. No entender de

Teologia da Libertação desde a práxis cultural. O fim desta corrente é a inculturação da Teologia. Utiliza como meio a Filosofia, a análise sociocultural, a análise histórico-cultural e o conhecimento sapiencial, expressado em símbolos e sua correspondente hermenêutica.¹⁷

Juan Carlos Scanonne, afirma que o documento de Puebla nos números 413-418 dá muita importância para a sabedoria popular, a qual é considerada, para a Teologia do Povo, a mediação entre fé do povo e Teologia inculturada. No entender deste autor tanto o Papa Francisco, como Lúcio Gera e o documento de Puebla reconhecem sua importância ao falar do conhecimento por conaturalidade, seguindo a Tomás de Aquino.¹⁸ Além da importância e do valor da sabedoria popular, a Teologia do Povo apresenta outras características gerais, a saber:

a) A valorização da religiosidade popular

Para Scanonne¹⁹ a Teologia do Povo valoriza a religiosidade popular e a sua mística, as quais acolhem o Evangelho por inteiro e o encarnam por meio de manifestações como a oração, fraternidade, justiça e festa, em cada cultura.²⁰ Emilce Cuda afirma que a religiosidade e mística popular partem do princípio de que o povo pobre é o autêntico intérprete do Evangelho, por meio de sua tradição espiritual e sua sensibilidade para a justiça.²¹ O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG), afirma que: “as novas formas de religiosidade popular são encarnadas, porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal [...] com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Estes têm carne e têm rostos” (Cf. EG 90).

b) A Unidade na Diferença

No entender da Teologia do Povo e também do Papa Francisco a unidade na diferença significa em reconhecer, acolher e lutar para que todos sejam incluídos,

EMILCE CUDA, em seu livro *Para leer a Francisco*, p. 71 e 72 este grupo também chamado de Nouvelle Théologie influenciou correntes teológicas latino-americanas do séc. XX para uma resignificação de categorias teológicas a partir da análise da realidade concreta. Estas ideais receberam impulso com o Vat II (Constituição *Gaudium et Spes* n. 53 e 54 que falam da promoção da cultura). E ganham destaque com Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (EN) em (1975), quando associa evangelização e povo concreto (EN 63).

¹⁷ Conforme CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 99-100.

¹⁸ SCANONNE, Juan Carlos. *El Papa Francisco y la Teología del Pueblo*, p.42

¹⁹ SCANONNE, Juan Carlos. *El Papa Francisco y la Teología del Pueblo*, p.47-48.

²⁰ O Papa Francisco na EG faz referência a tais manifestações nos números 237, 124, 68-70.

²¹ CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.148.

evitando egoísmos. Como consequência desse processo está o combate de uma cultura do descarte, de sobrantes, de excluídos. Na *Evangelii Gaudium* afirma que precisamos desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que têm coragem de ultrapassar a superfície de conflito e considerar os outros na sua dignidade mais profunda (Cf. EG 228).²²

c) O viver entre os pobres

Para Emilce Cuda²³ a importância de viver entre os pobres permite aos teólogos do povo discernir uma ação libertadora desde a perspectiva do povo, de seus interesses, fazendo-os sujeitos e agentes da sua história vinculada com à História da Salvação. Para os Teólogos do povo os sinais dos tempos se fazem presentes na cultura do povo pobre. Os Teólogos são chamados a ser Pastores, ou seja, além de ajudar o povo a expressar-se e organizar-se, também os escutam, entendem e conhecem suas necessidades e valores. Precisam estar próximos e ir ao encontro. Cuda afirma ainda que “que os pobres são destinatários privilegiados do Evangelho, são proclamadores preferenciais, são também Teólogos.”²⁴ Na *Evangelii Gaudium* Francisco faz referência a essa característica ao utilizar em expressões como: “Pastores com cheiro de ovelhas” (EG 24); “por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar” (EG 198).

d) O ethos cultural

Entende-se por *ethos cultural* o estilo de vida próprio de uma comunidade, que constitui seu modo de viver no mundo, seu modo de se relacionar com os demais homens, com os outros povos e também com Deus²⁵. Ele faz referência a duas dimensões da vida, a saber: o conjunto dos princípios morais vividos com valores

²² Sobre este assunto Emilce Cuda afirma: “Essa unidade na distinção que Francisco propõe como fundamento de uma cultura de encontro tem sua origem no dogma trinitário, pois, segundo o Papa: A intimidade de Deus, incompreensível para nós, nos é revelada através de imagens que nos falam de comunhão, comunicação, doação, amor. Por isso a união, que Jesus pede, não é uniformidade, mas a ´multiforme harmonia que atrai´ (EG 117). Conforme Cuda, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 83. Neste texto cita parte do discurso do Papa Francisco no Parque Bicentenário, no Equador, no dia 7 de julho de 2015. Este discurso está em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150707_ecuador-omelia-bicentenario.html acesso em 27/08/2018.

²³ Cuda, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 79 e p. 172.

²⁴ Cuda, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.174.

²⁵ Conforme está em SCANNONE, Juan Carlos. Treinta años de teología en América Latina, in SUSIN, Luís Carlos. *O mar se abriu*. Trinta anos de teologia na América Latina, p. 203.

comuns e o modo de relacionar-se com o sentido último da vida. Esses princípios têm por base a busca pelo amor evangélico, tanto nas relações entre as pessoas como nas estruturas e instituições.²⁶

1.1.3 A cristologia na Teologia do Povo²⁷

A cristologia presente na Teologia do Povo se apoia em três ideias que são complementares, mas não excludentes. Em primeiro lugar a pericorese, ou seja, a união na diversidade das três pessoas da Trindade; em segundo lugar está o *logos encarnado* e em terceiro lugar o conceito muito utilizado pelo Papa Francisco que é o *primeirizar*. Estes três conceitos são referenciais para se entender o ponto de partida teológico da Teologia do Povo. Para um melhor aprofundamento, cada qual dos conceitos citados acima será tomado de forma separada e como eles aparecem na *Evangelii Gaudium*.

a) Pericorese

Entre as três pessoas da Trindade existe uma relação dinâmica, marcada pelo amor que brota do coração do Pai, o Criador, revelado pela encarnação no Filho, o Salvador, e no Espírito que é o Santificador. Há, portanto, unidade na diversidade. Cada qual é um quanto a sua função, mas os três são um só Deus.

Há entre as pessoas da Trindade uma comunicação de vida: o Pai é o princípio da vida; o Filho é a plena acolhida da vida como dom gratuito do Pai, e, por isso, é o *logos*, princípio de unidade e inteligibilidade, porque é na singularidade que o todo se reflete na parte, sem esgotá-la; o Espírito Santo é vivificador. O Filho é o próprio Deus, como é o Pai e também o Espírito Santo.²⁸

Essa unidade na diversidade, própria da Trindade, na qual cada uma das pessoas trinitárias conserva sua particularidade, mas está em íntima relação com as demais, é traduzida por pericórese. A fórmula do Concílio de Calcedônia²⁹ usa a expressão pericórese³⁰ para designar a união sem confusão das naturezas humana e

²⁶ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p.174-183.

²⁷ Tomarei como referência o texto CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco* p. 191-216.

²⁸ Conforme texto de CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 192.

²⁹ Que diz que em Cristo há uma só pessoa, com duas naturezas: uma humana e outra divina, em união e sem confusão. Conforme. SESBOÛÉ, Bernard. *O Deus da Salvação*, p. 346-351.

³⁰ A palavra é traduzida também como circumincessão ou circuminsessão. Leonardo Boff faz a distinção entre ambos os termos, afirma que "circumincessão significa a interpenetração ativa das

divina na pessoa de Cristo. Aplicado à Trindade, o termo diz que o Pai está todo no Filho, todo no Espírito Santo. O Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo. O Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho. Ninguém precede a outro em eternidade ou o excede em grandeza ou sobrepuja em poder.³¹

Este conceito está presente na *Evangelii Gaudium* quando o Papa, ao falar do Povo de Deus, revela que este possui muitos rostos e formas culturais diversas. Cabe ao Espírito Santo construir a comunhão e a harmonia com base no modelo da Trindade, conforme está em EG 115-117. Em outro texto ao citar o poliedro (EG 236), Francisco destaca que a Igreja cresce mediante a riqueza das diferenças, onde todos possuem igual importância. Essa igualdade de importância (unidade) que mantém a riqueza das diferenças (particularidade) pode ser contemplada como reflexo da pericórese trinitária.

b) O Logos Encarnado

É a encarnação da Palavra de Deus em cada cultura. Parte do princípio que em cada cultura, na sua forma de expressão, tanto simbólica, quanto nos seus mistérios e jeito de ser, há a presença de Deus. Isto exige respeito aos elementos que cada cultura possui, além de não impor uma nova forma de ser.

Na *Evangelii Gaudium*, baseado na Teologia do Povo, o Papa afirma que “uma cultura popular evangelizada contém valores de fé e solidariedade.” (EG 68). Em cada cultura contém a Sabedoria, ou seja, a Palavra, o *logos* encarnado, a segunda pessoa da Trindade. E são obras da Palavra revelar os mistérios de Deus, criar, restaurar e aperfeiçoar as criaturas. Assim as culturas são a Sabedoria dos povos, que refletem, de maneira particular, a Sabedoria nelas encarnada.³²

Segundo a compreensão de Francisco para conhecer o povo precisamos amá-lo, apreciar a bondade que há em cada cultura, valorizar seus costumes e ter uma proximidade real com ele. O Evangelho para ser encarnado precisa ser traduzido em gestos de amor para com o pobre. (EG 199). Ao insistir que precisamos de “pastores com cheiro de ovelhas” (EG 24), reconhece que no amor às pessoas ampliamos o

Pessoas divinas entre si por causa da comunhão eterna que vigora entre elas; [...] circumsessão significa estar ou morar uma Pessoa na outra, porque cada Pessoa divina somente existe na outra, com a outra, pela outra e para a outra.” BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. Série II: o Deus que liberta seu povo, p. 286

³¹ CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 194.

³² Conforme CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*, p. 207.

nosso conhecimento de Deus (Cf. EG 272). Esta se torna exigência para quem coloca-se ao serviço do projeto de Deus.

c) Primeirear

O conceito de primeirear está apoiado na compreensão de que somos responsáveis uns pelos outros. Partindo deste conceito os outros são a mediação de Deus no mundo. Deus, faz o movimento ético, o que o Papa chama de “primeirear”, ao encarnar-se assume a cultura na qual se encarna. Deus fez a opção preferencial para os pobres. Ele assume a “causa” dos pobres. O teólogo do povo é chamado a um processo de conversão. Este implica em tomar como seu o movimento que é próprio de Deus: amar o seu povo, assumir sua cultura e dar a vida por ele.³³

Por isso o teólogo do povo é alguém chamado a viver com o povo, num lugar concreto e com ele colocar-se a caminho, como Povo de Deus, que caminha na história e faz dela História da Salvação.³⁴ Nesse sentido pode afirmar-se que a Teologia do Povo é uma Teologia inculturada, ou seja, valoriza a cultura local, situa e, ao mesmo tempo, percebe nela a presença da Palavra encarnada, o *logos encarnado*. Procura valorizar todos os elementos culturais, sociais e religiosos do povo. Percebe neles sinais de sabedoria, que são próprias de cada cultura e procura fazer uma leitura destes sinais a partir da revelação.³⁵

Esta verdade revelada é a manifestação de Deus em cada cultura, ou seja, o primeirear, Deus que chega primeiro, que se abaixa, comove, acolhe e se envolve com os seus. Na *Evangelii Gaudium* 24 o Papa Francisco explica este conceito. Afirma que os evangelizadores com Espírito precisam ter paciência no acompanhamento da vida do povo, permitindo que sejam feitos processos, mesmo que hajam pequenas limitações, tendo ao horizonte a esperança dos frutos. E quando estes surgirem alegrar-se e festejar.

³³ Conforme EMILCE, Cuda. Para leer a Francisco, p. 209-216.

³⁴ Conforme está em EMILCE, Cuda. Para leer a Francisco, p. 213.

³⁵ Conforme está em EMILCE, Cuda. Para leer a Francisco, p. 214-217.

1.1.4 A cristologia de Santo Inácio de Loyola³⁶

Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus (jesuítas) não escreveu nenhum tratado teológico. Deixou como grande contribuição para a vida da Igreja os seus Exercícios Espirituais (EE)³⁷. Sobrino³⁸ afirma que Santo Inácio “teria admitido o Cristo total. Nos EE o santo diz que é possível compreender e aceder a esse Cristo total através do seguimento do Jesus histórico.³⁹ Para o teólogo o esquema teológico presente nos EE de Inácio de Loyola tem como pano de fundo uma lógica que parte de Deus, passa pela mediação concreta de Jesus Cristo para chegar a Deus. Logo Santo Inácio não teria tanto interesse em saber quem é Deus, mas como se vai a Deus⁴⁰.

A intuição de Santo Inácio nos Exercícios Espirituais é provocar uma renovação da existência cristã pelo encontro com o Evangelho. O encontro com Jesus pela oração deve criar um forte apelo para o seu seguimento. Esta opção pelo Jesus histórico, que é o *logos* redentor, traz consigo três atitudes fundamentais, a saber:

a) Erradicar o pecado concreto

Para Santo Inácio o pecado é aquilo que mata a Jesus e aos seus filhos. Portanto para resolver o problema do pecado não basta somente uma atitude moral, mas uma ação baseada na vida de Jesus, que traz implícita a conversão de vida. O Papa Francisco toma este pensamento na EG 179 quando afirma que “o que fizermos aos outros tem uma dimensão transcendente”.

³⁶ Serão tomados como base para o aprofundamento da Cristologia de Santo Inácio de Loyola os seus Exercícios Espirituais (EE).

³⁷ SPENCER FILHO, Custódio em seu livro Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, p. 13-17 afirma que Inácio teve contato durante o período de convalescença em 1521 com vários livros como a *Vita Christi*, de Ludolfo, o cartuxo, e a *Legenda Dourada*, do dominicano Tiago de Voragine, os quais foram importante fonte para chegar à elaboração dos seus Exercícios Espirituais.

³⁸ Jon Sobrino, teólogo e jesuíta, em 1990 publicou um livreto com o título *El Cristo en los Ejercicios de San Ignacio*. O texto de 32 páginas publicado pela Editora Sal Terrae; Edición: 1 (7 de noviembre de 1990) Colección: Cuadernos Aquí y Ahora. Posteriormente publicou um artigo, como o mesmo título na página eletrônica dos jesuítas [https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio/JON SOBRINO - 1990 - EL CRISTO DE LOS EJERCICIOS DE SAN IGNACIO.pdf](https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio/JON%20SOBRINO%20-%201990%20-%20EL%20CRISTO%20DE%20LOS%20EJERCICIOS%20DE%20SAN%20IGNACIO.pdf) acesso em 06/08/2018. Este último texto servirá como referência para esta parte do trabalho.

³⁹ Conforme SOBRINO, Jon. *El Cristo de los Ejercicios de San Ignacio*., p. 03 O texto foi publicado em <https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio>.

⁴⁰ Conforme SOBRINO, Jon. *El Cristo de los Ejercicios de San Ignacio*., p. 14 O texto foi publicado em <https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio>.

b) Chamar para o serviço

Jesus veio revelar o Reino de Deus. Portanto sem o Jesus histórico não há vida cristã e nem temos acesso ao Cristo total, o Cristo da fé. Por isso, seguir a Jesus histórico, no entender de Santo Inácio, consiste em “tomar para si” esta vida baseada no sofrimento, por amor e serviço. A fé é a expressão exterior da vida nova interior acolhida através do encontro com o Evangelho.⁴¹

c) Seguir Jesus no conflito

Jesus viveu num mundo de pecado. O Reino anunciado por Ele é como se fosse uma nova criação. Seguir Jesus implica em enfrentar todos os poderes de opressão que são contrários à lógica do amor e do poder serviço, que tem como consequência a cruz. Inácio entende que o princípio da desumanização está nas riquezas.⁴² A configuração com Jesus é a humildade, o amor serviço que se concretiza na pobreza e no opróbrio.⁴³

Santo Inácio, para poder imitar e parecer mais com Cristo, em seus escritos afirma: “eu quero e escolho mais pobreza com Cristo pobre que riqueza; injúrias com Cristo cheio delas que honras; e desejo mais ser estimado por ignorante e louco por Cristo, que primeiro foi tratado assim, do que por sábio ou prudente neste mundo.”⁴⁴

1.1.5 Tomás de Aquino⁴⁵

O Papa cita São Tomás de Aquino quatorze vezes (14x) na EG, sendo o santo mais citado.⁴⁶ Citou-o três vezes na EG 37 ao falar da misericórdia, da caridade e do agir moral. Francisco tira de Tomás o conceito de que Cristo deu poucos preceitos aos Apóstolos e por isso não se deve tornar pesada a vida dos fiéis (Cf. EG 43). Cita

⁴¹ O Papa, em sintonia com o pensamento do seu fundador, na EG 91, ao citar o pensamento de Santa Teresa de Lisieux afirma: “Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado.”

⁴² Francisco, na *Evangelii Gaudium* números 55-58, em sintonia com o pensamento de Santo Inácio, questiona a sociedade que coloca o centro do seu viver na idolatria ao dinheiro.

⁴³ Conforme está colocado no texto de SOBRINO, Jon. El Cristo de los Ejercicios de San Ignacio, p. 04-18 O texto foi publicado em <https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio>.

⁴⁴ INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, nº 167.

⁴⁵ Massimo Borghesi afirma que Jorge mantinha a *Summa theologiae* como referência do seu pensamento. Compreendia mais do que qualquer outro a profundidade e a originalidade de São Tomás de Aquino. Conforme BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio*. Uma biografia intelectual, p. 29-30.

⁴⁶ MORAES, Abimar Oliveira de. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 39.

a Trindade como referência de vida no amor e que a nossa vida deve se orientar pelo Espírito (Cf. EG 117, 40 e 199). De Tomás, o Pontífice usa a expressão *Credere in Deum que o credere Deum* para dizer que, muito mais do que meramente ouvir o Evangelho, devemos nos esforçar para praticá-lo (Cf. EG 124, 150, 171 e 242). Destaca a beleza do outro (Cf. 199) e valor do pobre (Cf. EG 199). Por isso, São Tomás é referência direta para Francisco falar sobre a misericórdia, sobretudo, quanto ao agir moral, e, de maneira subliminar, para falar da pobreza e alegria. Estes três temas citados, na ordem inversa, constituem o eixo da cristologia presente na *Evangelii Gaudium*.

a) Misericórdia

Francisco tira do pensamento de São Tomás de Aquino a ideia de que aquilo que deve reger a vida cristã é o amor. Ensina que a moral cristã, muito mais do que um conjunto de normas, deve se guiar pelo Evangelho da misericórdia. Sublinha “que os preceitos dados por Cristo e pelos Apóstolos ao povo de Deus são pouquíssimos” (EG 43). Do santo, toma outro elemento chave para compreender Cristo misericordioso. Deus, no seu abaixar e tocar as feridas da humanidade, por meio de Jesus Cristo, revela a sua onipotência (Cf. EG 37).

O Papa, de acordo com o pensamento de São Tomás de Aquino, afirma que o agir com misericórdia tem por base o amor de Deus que se doa por nós. Da mesma forma o nosso agir com misericórdia não deve ter por interesse único o privilégio próprio, mas deve ajudar a comprometer-nos com o próximo e santificar-nos. No dizer do pensamento do Aquinate o sacrifício que agrada a Deus é a misericórdia que socorre a miséria do outro e assegura o bem do próximo. Na realidade, Deus não precisa dos nossos sacrifícios, mas deseja que os mesmos Lhe sejam oferecidos para nossa devoção e utilidade do próximo (Cf. EG 37).

b) Pobreza ⁴⁷

Para São Tomás, o viver pobre está em comunhão com a opção de Jesus Cristo, que viveu pobre, mendigando, sem propriedade, mas confiando-se à providência de Deus. Tem consciência de que os bens temporais são efêmeros, passageiros, incompletos, incapazes de saciar o ser humano. Comunga com o Direito

⁴⁷ Conforme está em AQUINO, S. *Th*, I-II, q. 66

Natural, segundo o qual tudo é de todos, sendo o homem somente guardião dos bens de Deus. Defende a partilha para que ninguém passe necessidade. Em casos extremos, afirma, que até roubar não é ocasião de pecado. Compartilha da ideia de que se alguém tiver mais bens do que necessário para o seu sustento, tem obrigação de ajudar quem está na penúria. É dentro deste contexto, de que todos somos parte da grande comunidade de Deus e portadores dos mesmos direitos, para uma vida digna que o Papa Francisco, citando São Tomás de Aquino na sua referência ao pobre, na EG 199 afirma: “o pobre quando é estimado é de alto valor”.

c) Alegria⁴⁸

Para São Tomás a alegria é causada em nós pelo Espírito Santo, conforme a Escritura. Para o Aquinate a alegria completa está em Deus. Por meio da caridade, reconhecemos a alegria de Deus e dela participamos. Aquele que permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele. Logo poderemos obter a alegria, no entender de Tomás de Aquino, vivendo no amor que é Deus. A caridade é fruto do amor de Deus e a esperança é a certeza de que aquilo que for realizado na caridade frutifica. Associa a alegria com o viver a partir de Deus, que é amor, de cujo o fruto resulta a caridade. A alegria, deste modo, é um ato ou efeito da caridade. E pela caridade é que merecemos a bem-aventurança.

1.1.6 Outras referências para o pensamento de Francisco

Segundo Moraes⁴⁹ o Papa na *Evangelii Gaudium* faz referência ao pensamento de vários santos e uma santa. Também cita vários teólogos e professores contemporâneos, textos do Concílio Vaticano II, além dos já citados neste trabalho e contempla a riqueza das reflexões das diferentes Conferências Episcopais. Francisco busca inspiração em São Francisco de Assis para a sua missão e em São Beda, o Venerável para o seu ministério episcopal. Têm em Romano Guardini um teólogo no qual busca apoio para o seu pensamento, visto que o então padre Bergoglio, nos anos 1980, na Alemanha, iniciou o seu doutorado com base no pensamento deste autor, o qual não chegou a concluir.

⁴⁸ Conforme está em AQUINO, S. *Th*, I-II q. 28.

⁴⁹ MORAES, Abimar Oliveira de. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 38-42.

Sem desmerecer a importância das fontes da *Evangelii Gaudium*, mas com o intuito de aprofundar a cristologia presente na obra citada, várias fontes serão deixadas de lado; outras serão utilizadas ao longo do texto para fundamentar o pensamento. Aqui cabe, brevemente, fazer referência a São Beda, por sua importância no ministério episcopal de Francisco, mesmo que o santo não seja citado na Exortação e também a Romano Guardini por dar base ao pensamento do atual Papa.

a) São Beda, o Venerável

O Papa toma dos escritos de São Beda, o Venerável o lema para o seu ministério episcopal. No dia 21 de setembro, dia da festa de São Mateus, na liturgia das horas, a Igreja coloca a homilia 21 deste santo padre onde ele afirma:

Jesus viu um homem chamado Mateus, assentado à banca de impostos, e disse-lhe: Segue-me (Mt 9,9). Viu-o não tanto com os olhos corporais quanto com a vista da íntima compaixão. Viu o publicano, dele se compadeceu e o escolheu. Disse-lhe então: Segue-me. Segue, quis dizer, imita; segue, quis dizer, não tanto pelo andar dos pés, quanto pela realização dos atos. Pois quem diz que permanece em Cristo deve andar como ele andou (1Jo 2,6). E levantando-se, o seguiu (Mt 9, 9).⁵⁰

O Papa Francisco tira dos escritos de São Beda o seu lema episcopal. Ao comentar sobre a vocação de Mateus na Bula *Misericordiae Vultus* faz menção a São Beda. Afirma o Papa Francisco que a vocação de Mateus se insere no horizonte da misericórdia. Jesus olha Mateus cheio de misericórdia e escolhe-o para tornar-se um dos Doze. São Beda, ao comentar esta cena do Evangelho, escreve que Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e escolheu-o: *miserando atque eligendo*. Sempre me causou impressão esta frase, a ponto de a tomar para meu lema (Cf. MV 8).

b) Romano Guardini

Em 1986 o padre Jorge Mario Bergoglio vai para a Alemanha para fazer o seu doutorado sobre o pensamento de Romano Guardini. O tema da sua tese era a oposição polar como estrutura do pensamento cotidiano e do anúncio cristão.

⁵⁰ LITURGIA DAS HORAS IV, p. 1299-1300.

Embora não tenha concluído seu doutorado ele serviu para o ministério. A parte sobre os critérios sociais da *Evangelii Gaudium* é tirada da tese sobre Guardini.⁵¹

O Papa faz referência a Guardini na EG 224 quando ao falar sobre o construir processos. “O único padrão para avaliar justamente uma época é perguntar-se até que ponto, nela, se desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser a plenitude da existência humana, de acordo com o carácter peculiar e as possibilidades da dita época”. Para o Papa é preciso confiar-se ao Espírito, pois nem tudo é possível de ser compreendido. Tal como na parábola do joio e do trigo (Mt 13, 24-30), mesmo se há ações do mal na sociedade, no tempo o bem sempre se manifesta (Cf. EG 225).

1.1.7 O Pastor e Teólogo Francisco⁵²

Quem é Francisco, o Papa? É Jorge Mário Bergoglio, menino que tem no seu sangue a descendência italiana, que se criou nos arredores de Buenos Aires, gostava de ouvir música clássica, divertir-se e que teve forte formação religiosa, sobretudo por parte de sua vó. Que um dia no confessionário foi chamado para a vocação sacerdotal e que sempre teve uma sensibilidade muito grande pelos outros.

Um jovem que durante a sua formação religiosa na Companhia de Jesus acompanhou o Concílio Vaticano II, mesmo que à distância. Ao ser ordenado padre em 1969 participou na Argentina da “aplicação” do referido Concílio, onde referência importante foi a Declaração de *San Miguel*, gestada pela COEPAL, a qual foi um embrião da *Teologia del Pueblo*, Teologia do Povo ou Teologia da Cultura, assim também chamada.

Quatro anos após ser ordenado padre, Jorge é eleito Superior dos jesuítas da Argentina. Durante o período em que esteve à frente da Companhia sentiu na pele o impacto da ditadura militar e o completo descaso para com os pobres. Estes sempre foram os seus preferidos. Por isso nomeava os melhores padres para trabalhar nas periferias. Esta prática manteve como arcebispo de Buenos Aires.

⁵¹ Conforme BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio*. Uma biografia intelectual, p. 110-144.

⁵² A biografia do Papa Francisco está baseada em obras como: HIMITAN, Evangelina. *A vida de Francisco*. O Papa do povo; VALENTE, Gianni. *Francisco*. Um Papa do fim do mundo; BORGHESSI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio*. Uma biografia intelectual; PIQUÉ, Elisabetta. *Papa Francisco*. Vida e Revolução; RUBIN, Sérgio; AMBROGETTI, Francesca. *O Papa Francisco*. Conversas com Jorge Bergoglio; SHRIVER, Mark K. *Peregrino*. Minha busca pelo verdadeiro Papa Francisco.

Foi professor, provincial, diretor de escola, e durante o estudo do doutorado, viveu por um período em reclusão na cidade de Córdoba, e posteriormente, nomeado Bispo e Arcebispo. Bergoglio, e hoje o Papa Francisco, gosta de estar próximo das pessoas, de andar de ônibus, ter contato com muitas e diferentes pessoas. Como provincial e depois como bispo preocupava-se muito com seus padres e nomeava sempre os “melhores” para trabalhar junto aos pobres. Muito carismático e crítico, já como Arcebispo de Buenos Aires, fazia discursos onde abordava a dimensão social do Evangelho e questionava posturas do governo argentino. Como Cardeal exerceu diversas funções ligadas à Santa Sé. Entre 2005 e 2011 foi Presidente da Conferência Episcopal da Argentina. Durante este período fora coordenador da equipe de redação da Conferência de Aparecida.

Hábil cozinheiro, devoto de Nossa Senhora desatadora dos nós, dotado de uma inteligência ímpar foi o chefe da equipe de redatores da Conferência de Aparecida (2007), a qual sob o impulso do Vaticano II e de Puebla, reforça a evangelização das culturas. Foi dele também o discurso inaugural do conclave que o elegeu Papa em 2013, onde afirma que a Igreja precisa sair de si mesma para buscar as periferias existenciais.

O Papa Francisco é filho do Concílio Vaticano II, o qual abriu as portas da Igreja para o mundo. Foi um dos colaboradores da Teologia da Cultura e, como bom discípulo de Inácio de Loyola e Tomás de Aquino, seguidor de Jesus encarnado na cultura do povo. Fiel a Igreja e sensível com as realidades do povo pobre defende uma Igreja de discípulos-missionários que faz da oração um impulso para ação.

O seu primeiro texto, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* é como um tratado do seu ministério episcopal. Tem como referência o Sínodo de 2012 que fala da transmissão da fé. Nela vale-se da riqueza do pensamento de outras fontes, as quais são significativas para Francisco.

1.2 DO VATICANO II A APARECIDA

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), do Vaticano II apresenta Jesus Cristo como aquele que nos aproxima de Deus e nos torna responsáveis uns pelos outros, pois somos povo de Deus, povo da Aliança. Como povo somos chamados a viver o amor e cumprir a vontade do Pai.

O Filho de Deus ao se encarnar numa cultura concreta, fruto do amor de Deus por obra do Espírito, marca a história por meio da vinculação afetiva que desde sempre o homem teve com Deus, mas que se tornou plena em Jesus Cristo. Todos somos responsáveis uns pelos outros, pois somos Filhos no Filho. “Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos (EG 113). Somos convocados ‘não como seres isolados’, mas ‘como povo’ (LG 9).”⁵³⁺

A oportunidade do encontro com o Evangelho, o “*Logos*”, Palavra viva de Deus, aflora em nós os dons que o Espírito nos suscitou. Na partilha dos mesmos, nos congregamos como Povo de Deus. A salvação que Deus oferece para todos passa por mediações concretas que se traduzem no testemunho do Cristo vivo, luz dos povos, sinal de unidade e comunhão, o Bom Pastor, Aquele que veio anunciar o Reino, no qual todos têm vida e vida em abundância (Cf. Jo 10,10).

Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* (EN) convida ao anúncio alegre da alegria provocada pelo encontro com o Evangelho. Esta alegria está baseada na alegria de Jesus, que sob o impulso do Espírito, anuncia a Boa Nova. Ela está fecunda do amor que brota da Trindade (EN 9) que faz com que nos tornamos próximos dos outros (EN 46) e a aprendamos a respeitar a riqueza de cada cultura (EN 79-80). Este pensamento aparece com força no documento final Conferência de Puebla (DP 450) o qual o Papa cita na *Evangelii Gaudium* 122 ao falar da enculturação do evangelho. Para Francisco “a cultura abrange a totalidade da vida de um povo” (EG 115).⁵⁴

O convite que Aparecida (DAp) faz é que cada um seja discípulo-missionário do Cristo que é vida plena para todos. É o encontro com a pessoa de Jesus caminho, verdade e vida que nos conduz em direção ao outro (DAp 349). Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco fala que o início do ser cristão é marcado pelo encontro com uma Pessoa que dá a vida um novo horizonte (Cf. EG 7). A partir de Jesus Cristo Deus assume um rosto humano e convida à todos para sair de si mesmos em direção aos outros. Em todas as culturas transparece o rosto de Deus (DAp. 496).

⁵³ SUESS, Paulo. O Concílio Vaticano como raiz e fonte da *Evangelii Gaudium*. O texto está publicado em <http://www.itf.org.br/o-concilio-vaticano-ii-como-raiz-e-horizonte-da-evangelii-gaudium.html> acesso em 28/07/2018.

⁵⁴ Neste ponto cita novamente o documento de Puebla (DP) nos números 386-387.

1.2.1 A cristologia do Vaticano II

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa cita vários textos do Concílio Vaticano II e, dentre estes, de modo especial as Constituições *Lumen Gentium* (LG) e *Gaudium et Spes* (GS). Por isso o objetivo deste texto não é fazer uma abordagem geral da cristologia do Concílio Vaticano II, mas dar ênfase a alguns aspectos desta cristologia, sobretudo das Constituições *Lumen Gentium*⁵⁵ e *Gaudium et Spes*⁵⁶.

a) A cristologia na *Lumen Gentium*

A *Lumen Gentium* apresenta Cristo como luz dos povos e instrumento de unidade com Deus e todas as pessoas. (LG 1). Criados no amor do Pai (LG 2) em Cristo somos “filhos no Filho” e chamados a viver a exemplo de Jesus, o Bom Pastor (LG 6). Vivificados pela Palavra do Deus vivo e pelo seu Espírito (LG 9) no amor nos tornamos responsáveis uns pelos outros, mediante o despojamento e o serviço de Cristo nos pobres (LG 8). Em Cristo, no amor e pelo Espírito, somos constituídos a ser Povo de Deus, povo da Aliança, chamado à salvação e à santificação. (LG 9)

Este povo é convidado a reproduzir a imagem do Filho de Deus (LG 2). Cristo, no mistério pascal transformou-nos em nova criatura. Ele, comunicando o seu Espírito, fez misteriosamente de todos nós os Seus irmãos. (LG 7) É o Espírito Santo que distribui a cada um os seus dons com Lhe apraz. (LG 12), a fim que todos possam ser discípulos de Cristo, testemunhando Jesus Cristo em toda a parte e dando razão da esperança da vida eterna que habita em cada pessoa (LG 10). A Igreja, povo unido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (LG 4), é chamada a anunciar a verdade da salvação (LG 17).

A Cristologia presente na *Lumen Gentium* apresenta Cristo como mediador e caminho da salvação (LG 14) o qual nos convida a cumprir a vontade do Pai (LG 3). Em Cristo, como membros da videira (GS 6), todo o povo e cada parte do Povo de Deus é testemunha viva desta unidade, pois é portador do Espírito do Filho, o Senhor e fonte da vida (GS 13). Este povo é o novo Israel, que Cristo pelo seu sangue, sob a

⁵⁵ A reflexão terá por base os dois primeiros capítulos da LG, a saber: Capítulo I – O Mistério da Igreja e o capítulo II – O Povo de Deus. A Constituição é citada seis vezes na *Evangelii Gaudium* e apontada como a referência dogmática (EG 17).

⁵⁶ Desta Constituição citada quatro vezes na EG será feita uma abordagem cristológica bem sucinta colocando o seu centro no número 22 que fala da encarnação do Filho de Deus.

ação do Espírito Santo, não cessa de se renovar até, pela cruz, chegar à luz que não conhece ocaso (GS 9).

b) A Cristologia na *Gaudium et Spes*

Na Cristologia presente na *Gaudium et Spes* está implícita a ideia de que somos criados à imagem de Deus (GS 12). Procura vincular a encarnação do Filho de Deus com a comunhão de vida com cada pessoa (GS 22) e de todas as pessoas entre si. Nesse sentido tudo o que for afetar a dignidade da pessoa é atentar contra a vontade de Deus, ou seja, cometer injustiça (GS 13).⁵⁷

Este pressuposto é fundamental para entender que, se o Espírito de Deus habita em nós (GS 22) a nossa salvação não é algo isolado, mas é realizada como povo, congregado pelo amor (EG 113). Citando São Tomás de Aquino afirma que todos nós necessitamos da vida social (GS 25) porque faz parte da nossa constituição sermos para os outros, superando as dificuldades e vivendo no amor, a exemplo da Trindade (GS 21).

O Filho de Deus, ao se encarnar, inseriu-se numa cultura e na vida de um povo. Esta foi a manifestação plena de Deus na história, porém, em outras épocas, falava com o povo dentro de cada contexto histórico (GS 58) valorizando assim os aspectos de cada cultura (GS 53). O elemento da inculturação do Evangelho, presente na cristologia da *Gaudium et Spes*, é assumido pelo Papa Francisco quando afirma que “a graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe” (EG 115).

1.2.2 A Cristologia na Exortação *Evangelii Nuntiandi*

O Papa Francisco tem como outra fonte para o seu pensamento os escritos do Papa Paulo VI. Logo no começo da Exortação *Evangelii Gaudium* (EG 3) faz referência à Exortação de Paulo VI *Gaudete in Domino* afirmando que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”, ou seja, o Evangelho é para todos. Porém o texto mais utilizado de Paulo VI por Francisco é a Exortação *Evangelii Nuntiandi*

⁵⁷ Para um aprofundamento deste tema consultar CABRAL, Raquel Cavalcante. *Cristologia e Antropologia na Gaudium et Spes*, p. 46-58. O texto está disponível em <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/250714-fSvy9Swkvwc4g.pdf> acesso em 16/08/2018.

(EN).⁵⁸ Devido à sua importância para o estudo feito será abordada a Cristologia nela presente.

O desejo do Papa Paulo VI ao escrever a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* é o testemunho e anúncio da alegria de Cristo de quem teve uma vida transformada pela acolhida da Boa Nova (Cf. EN 80). A cristologia implícita neste texto pode ser caracterizada como sendo uma Cristologia a) pneumatológica, b) trinitária e c) encarnada.

a) Cristologia pneumatológica

O Papa afirma que Jesus viveu sob a ação do Espírito. No batismo desceu sobre Ele o Espírito (EN 75); no deserto, conduzido pelo Espírito, venceu o mal; e com a potência do Espírito anunciou o Reino aos pobres e depois, por fim, soprou sobre os discípulos o Espírito, enviando-os em missão (EN 51) Destaca a presença do Espírito na vida da Igreja primitiva (Pedro e Paulo) e que ainda hoje atua e age em cada um dos evangelizadores. Afirma que a Palavra é atual se nela estiver a força divina (EN 42) e que graças aos carismas do Espírito Santo que a evangelização se torna ativa e frutuosa. (EN 74) “Através dele, do Espírito Santo, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é Ele que faz discernir os sinais dos tempos, os sinais de Deus, que a evangelização descobre e valoriza no interior da história” (EN 75).

b) Cristologia trinitária

Para Paulo VI todos somos chamados a testemunhar o “Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. No seu Filho amou o mundo e no Verbo Encarnado deu o ser a todas as coisas e chamando todos os homens para à vida eterna” (EN 26). A exemplo do amor da Trindade, Cristo anuncia a salvação e a misericórdia para todos (EN 9, 27 e 34), liberta todos os homens e os une no Espírito de amor e de verdade (EN 77).

c) Cristologia encarnada

O testemunho de Jesus de andar de cidade em cidade e proclamar o alegre anúncio da realização das promessas e da aliança feitas por Deus, como toda a sua vida, desde a encarnação, vida pública até a cruz e ressurreição (EN 6) revelam a sua

⁵⁸ Ela é citada quinze vezes (15x) na *Evangelii Gaudium*.

missão, ou seja, o anúncio do Reino de Deus, tema central na Exortação. (EN 8). Nele são de grande importância os pequeninos e pobres (EN 12; 76). Movidos pelo mandamento novo, a nova Aliança da esperança (EN 28) os evangelizadores devem ser próximos das pessoas (EN 46) e viver as bem-aventuranças, a partir de uma vida de renúncia, que passa pela cruz (EN 10). O Papa ressalta que todos nós somos convidados a trabalhar pela justiça (EN 29-31) e reforça que o anúncio do Evangelho respeite o valor que possui cada cultura (EN 79-80).

1.2.3 A cristologia no documento de Aparecida⁵⁹

A cristologia presente no Documento da Conferência Latino-americana de Aparecida tem como referência o tema central da Conferência: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele nossos povos tenham vida. ‘Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo 14,6)”.⁶⁰ “Todo o documento gira em torno de Jesus Cristo como fonte de vida para toda a humanidade e da experiência fundante do cristão missionário.”⁶¹. Segundo Jorge Costadoat⁶², a Cristologia de Aparecida possui o centro no a) Encontro com Jesus; b) no Cristo que é Vida Plena para todos; c) no Cristo do Reino e em d) Jesus como o único Salvador da humanidade. Por sua importância cada um desses itens será aprofundado separadamente.

a) Encontro com Jesus

O encontro com a pessoa de Jesus transformou a vida dos discípulos e transforma a vida de todas as pessoas que se deixam encontrar por Ele. Este encontro leva a um processo de conversão, comunhão e solidariedade pois está apoiado no sólido fundamento da Trindade de Amor. (DAp 240-245)⁶³ O convite que o Documento de Aparecida faz é deixar-se guiar pelo Espírito a fim de seguir Jesus e configurar-se

⁵⁹ Na *Evangelii Gaudium* Francisco cita duas vezes a Conferência de Puebla (EG 115 e 122) e 13 vezes a Conferência de Aparecida.

⁶⁰ Documento de Aparecida, p. 253.

⁶¹ ZUGNO, Vanildo A Cristologia das Conferências do Celam, p. 27.

⁶² COSTADOAT, Jorge. *La Cristologia de Aparecida*. Revista Iberoamericana de Teología, p. 33-58. O texto está publicado em <http://www.redalyc.org/pdf/1252/125212539002.pdf> O texto citado será referência para aprofundar a Cristologia do Documento de Aparecida.

⁶³ Quanto aos lugares do encontro com Cristo, o Documento de Aparecida cita: a “Sagrada Escritura (247-249), na liturgia (250-254), na oração pessoal e comunitária (255), na comunidade viva na fé e no amor fraterno (256), nos pobres, afligidos e enfermos (257), na piedade popular (258-265), em Maria (266-272), na vida dos apóstolos e santos (273-275) e nos movimentos e novas comunidades (312)”, ZUGNO, Vanildo. A Cristologia das Conferências do CELAM, p. 32.

com Ele assumindo o mandamento do amor. Isso implica em optar pelos pobres e assumir como consequência desse processo a cruz (Dap 140).

O Documento de Aparecida afirma que “Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, com palavras e ações e com sua morte e ressurreição, inaugura no meio de nós o Reino de vida do Pai.” (DAp 143). Jesus foi fiel ao Pai até a morte. Nosso encontro com Jesus deve levar-nos a sermos discípulos-missionários. “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e da alegria que produz, cresce, também, o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro” (DAp 145).

b) Cristo – Vida plena para todos

O Cristo, no Documento de Aparecida, é Boa Nova e salvação para todos. “Ele revela e promove o sentido novo da existência e a transforma, capacitando o homem e a mulher a viverem de maneira divina, ou seja, para pensar, querer e agir segundo o Evangelho, fazendo das bem-aventuranças a norma de suas vidas.” (DAp 335). O anúncio do querigma deve levar-nos a tomar consciência do amor vivificador que Deus nos oferece em Cristo morto e ressuscitado (DAp 348). A fé em Jesus caminho, verdade e vida (Jo 14,6) nos insere na perspectiva da vida eterna. Isto implica em “ser irmãos e viver fraternalmente e ser sempre atentos às necessidades dos mais fracos (Cf. DAp 349).

O Documento de Aparecida entende que todas as ações que prejudicam a vida dos outros, como todos os sinais de injustiça são contrários a vida. “O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte” (DAp 358). Afirma ainda que “não podemos conceber uma oferta de vida em Cristo sem um dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social” (DAp. 359).

c) O Cristo do Reino

Em Cristo, Deus se dá em pessoa a todos os homens e os povos. Ele é um Deus com rosto humano, que faz a sua opção preferencial pelos pobres. Para Costadoat, o Documento de Aparecida quer ratificar e potencializar esta opção, pois quando o Filho de Deus, Jesus, veio armar sua tenda entre nós, nasceu numa

manjedoura, Deus assumiu a condição de humildade e pobreza. Por isso dizer que o Filho de Deus se fez homem equivale a dizer que o Filho de Deus se fez pobre”⁶⁴.

d) Jesus, único Salvador da humanidade.

No Documento de Aparecida Jesus é o único Salvador; Aquele que está presente em todas as culturas e é o caminho para a vida plena com Deus. Afirma o documento que Jesus Cristo é:

o Filho de Deus verdadeiro, único Salvador da humanidade. A importância única e insubstituível de Cristo para nós, para humanidade, consiste em que Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Se não conhecemos a Deus em Cristo e com Cristo, toda a realidade se torna um enigma indecifrável; não há caminho e, não havendo caminho, não há vida nem verdade. [...] Cristo, o Deus de rosto humano, é nosso verdadeiro e único salvador (DAp 22).

Jesus Cristo é a referência para discernir sobre os valores e as deficiências de todas as culturas (Cf. DAp 95). Por isso todos são chamados a anunciar o Evangelho para todos: aos cristãos que são “frios” na fé e também aos que não conhecem Jesus Cristo. Como afirma o documento: “para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem”, àquela em que Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor” (DAp 376). O documento também chama a atenção quanto ao modo, ou seja, “com nossa vida, com nossa ação, com nossa profissão de fé e com sua Palavra” (DAp. 377). Entende que em todas as culturas há a busca, pela verdade que é Cristo, pois em todas elas estão presentes as sementes do verbo (Cf. DAp. 496).

O rosto de Cristo, no Documento de Aparecida contempla o rosto de todas as culturas e povos latino-americanos, que na “Casa da Mãe” se sentem acolhidos e veem que Ela é a grande intercessora diante do Filho diante das dificuldades presentes na vida de seus filhos.

⁶⁴ Conforme. COSTADOAT, Jorge. *La Cristologia de Aparecida*. Revista Iberoamericana de Teología p. 51.

1.3 ASPECTOS TEOLÓGICOS DA EVANGELII GAUDIUM

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) foi publicada no dia 24 de novembro de 2013, data do encerramento do ano da fé. É o documento que contém o projeto pastoral do Papa Francisco. A Exortação traz a visão de Igreja do atual Papa à luz do Sínodo de 2012 (EG 16). Tem por base doutrinária a Constituição dogmática *Lumen Gentium* (EG 17). O seu coração está no Documento de Aparecida.⁶⁵

“Com o que tem se denominado estilo pastoral da Exortação, uma espécie de conversa entre o pai e os filhos”⁶⁶ este texto eclesiológico tem o seu acento na alegria provocada pelo encontro com Jesus Cristo, a qual deve ser testemunhada e anunciada a todos. Apresenta a “cultura do encontro” como o antídoto para superar a autorreferencialidade, característica típica de uma cultura de exclusão. Tem em Deus como aquele que “primeira”, ou seja, que se antecipa para oferecer o seu amor, a sua misericórdia, querendo estar presente no caminho.

1.3.1 O Sínodo de 2012

O Sínodo de 2012 teve como tema a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Qual é o Cristo a ser transmitido para as atuais gerações? Qual é a cristologia implícita nas proposições do Sínodo?⁶⁷ Encontrar respostas para as perguntas colocadas será o tema abordado nesta parte do trabalho. Sobre o Sínodo Leonardo Agostini Fernandes afirma que ele parte da “centralidade de Jesus Cristo que, na unção do Espírito Santo, realizou o plano salvífico do Pai”⁶⁸. Esses três aspectos serão tomados como eixos cristológicos do Sínodo de 2012.

⁶⁵ “Não se pode separar o autor da Exortação de sua história de vida, e nesta história, não se pode deixar de lado a Conferência de Aparecida. [...] Se quisermos entender o Papa Francisco, precisamos olhar para o Documento de Aparecida. Se quisermos ampliar os horizontes de Aparecida, podemos olhar para a *Evangelii Gaudium* e, com ela, para os demais escritos e atitudes do Papa Francisco.” AMADO, José Portella. *Evangelii Gaudium: alguns aspectos para a sua leitura*, in AMADO, Joel Portella. *Evangelii Gaudium em questão* p. 29.

⁶⁶ AMADO, José Portella. *Evangelii Gaudium: alguns aspectos para a sua leitura*, in AMADO, Joel Portella. *Evangelii Gaudium em questão* p. 27.

⁶⁷ Será tomado como texto referencial a lista final das proposições, tradução não oficial, edição em língua inglesa, disponível em http://www.vatican.va/news_services/press/sinodo/documents/bollettino_25_xiii-ordinaria-2012/02_inglese/b33_02.html, traduzido para o português pelo Google tradutor online.

⁶⁸ FERNANDES, Leonardo Agostini. Missão e Missiologia a partir da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portella. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 280.

O sínodo parte da centralidade de Cristo⁶⁹ que é a Palavra feita carne (11), o Bom Pastor, a verdade em pessoa e a plenitude da beleza do Pai (20), Aquele que Se identifica com os famintos, sedentos, estrangeiros, nus, doentes e presos (31). Com Ele somos identificados no batismo, por meio do qual n´Ele vivemos. Esta filiação divina (4) deve levar os batizados ao anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, da sua vida e do mistério pascal, da sua paixão, morte, ressurreição e glorificação (6). Este é conteúdo do primeiro anúncio, do Kerigma, a salvação do mistério pascal de Jesus Cristo, para a conversão dos corações e o arrependimento dos pecados (9).

O tema da salvação é um dos temas mais apresentados pelo Sínodo.⁷⁰ Parte do princípio que Deus quer que todos sejam salvos mediante o contato com o Evangelho de Jesus Cristo (6), dos sacramentos, de modo especial, pela Eucaristia, na qual Cristo Se oferece pela salvação de todos (34 e 35). Em e através de Jesus Cristo é que recebemos a salvação de Deus, da qual devemos dar testemunho (8) e a qual deve ser anunciada a todos os cantos do mundo (18) pelas mais variadas formas de expressão cultural (20).

Jesus oferece o dom do Espírito Santo e nos revela o amor do Pai. (5) O Espírito Santo dirige a Igreja na sua Evangelização missionária com vários dons hierárquicos e carismáticos (43). É Ele quem abre os corações e os converte a Deus. A experiência de encontrar o Senhor Jesus, possibilitada pelo Espírito, introduz a vida trinitária, acolhida em espírito de adoração, súplica e louvor [...] através da oração (36). Transmitir a novidade proporcionada através do encontro pessoal e vivo com o Evangelho de Jesus faz parte da missão da Igreja.

A Igreja, originária da Trindade, como afirma o Sínodo, continua a missão de comunicar o amor de Deus no mundo (4). Cumprindo o mandato do Senhor (Mt 28,19-20) anuncia a Jesus ressuscitado (27) e convida a segui-Lo e a voltar-se com amor e boa vontade a todas as pessoas, para discernir a ação do Espírito Santo nelas, tendo na comunhão um elemento constitutivo da fé (41). Quase ao final o Sínodo afirma que o “testemunho de uma vida que manifesta a primazia de Deus e que, por meio da vida comum, expressa a força humanizadora do Evangelho é uma poderosa proclamação do Reino de Deus” (50).

⁶⁹ SÍNODO DE 2012, Proposição 5 A partir desta referência citada sempre que houver após alguma frase um número citado entre parênteses () este se refere a proposição correspondente do Sínodo de 2012.

⁷⁰ A Palavra é citada doze vezes em sete proposições.

1.3.2 O Sínodo de 2012 na *Evangelii Gaudium*

Dizer que a *Evangelii Gaudium* traz o rosto do Sínodo de 2012 seria, de certa forma, uma ingenuidade. Se olharmos as fontes da EG percebemos que as proposições do Sínodo de 2012 constituem sua maior fonte, porém há outras fontes importantes.⁷¹ Moraes⁷² afirma que a *Evangelii Gaudium* “sem deixar de estar em sintonia com o Sínodo, que a precedeu, não é uma Exortação ‘Pós-Sinodal’ (foi omitido do título oficial), mas apresenta-se como uma Exortação programática do pontificado do Papa Francisco.”⁷³

A cristologia presente nas Proposições do Sínodo de 2012 coloca o seu centro no Cristo vivo, a novidade do Evangelho, O qual somos convidados a transmitir. A nossa filiação com Jesus Cristo é o motivo que nos leva a transmitir o Evangelho. A Ele temos acesso por meio dos sacramentos e da Palavra. Ele nos oferece a Sua salvação. Parte-se, portanto, do pensamento de que uma correta vida sacramental e observância do Evangelho são a garantia do testemunho de uma fé autêntica. Esta mesma fé que recebemos devemos oferecer e anunciar.

O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* parte também do encontro com Evangelho. Há, contudo, algumas diferenças fundamentais quanto ao Sínodo. Somos transformados pelo Cristo que encontramos no Evangelho. Para Francisco Deus é próximo das pessoas: pela sua encarnação se identificou conosco na humanidade e ofereceu sua misericórdia. A salvação que Deus nos oferece é obra de sua misericórdia, não de nossas “práticas de fé”. Deus vem a nós porque Ele é doação; porque ele “primeireia”, e não porque nós o mereçamos por nossos atos.

⁷¹ Como os textos dos “quatro últimos pontífices: João Paulo II (mais de 40 vezes) Bento XVI e Paulo VI (mais de 20 vezes cada um) e João XXIII (três vezes). Outra fonte é a experiência pastoral do próprio pontífice. A Exortação traz muitas coisas que já havíamos ouvido. Neste sentido, pode-se afirmar que a *Evangelii Gaudium* foi gestada em homilias, entrevistas, pregações, catequeses e audiências de Francisco.” MORAES, Abimar Oliveira de. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 38.

⁷² MORAES, Abimar Oliveira de. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 41.

⁷³ No entender de Paulo Suess o novo momento que a Igreja viveu com a renúncia do Papa Bento XVI e a eleição de Francisco influenciaram para que o texto da exortação se situasse mais no concreto da vida da Igreja. Esta nova etapa tem os seus acentos na conversão, alegria e missão. Conforme SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino, p. 239.

Para o Sínodo, a Igreja é a referência da verdade. Ela detém o “poder” para fazer o discernimento. De outra parte Francisco reconhece a verdade presente em Deus, na Igreja e também nas alegrias, nas dores e na cultura de cada povo. Para o Papa é a Trindade que une e congrega a diversidade e a riqueza das culturas. Por outro lado no Sínodo está expresso que todos são convocados a ser comunhão na Trindade.⁷⁴

Outro aspecto a ser considerado é a forma como Deus se apresenta. Se na Cristologia do Sínodo a grandeza de Deus está nos seus atributos como a verdade, a beleza,⁷⁵ na Cristologia presente na EG a grandeza de Deus está no seu doar e abaixar-se, colocando-Se a serviço dos outros (EG 24). Na *Evangelii Gaudium* o centro não está em seguir uma teoria, ou seja, o Evangelho, mas a partir do Evangelho assumir uma prática de vida, marcada pela alegria e pela beleza do amor oferecido por Deus (Cf. EG 1) e ser capaz de comunicar, expressar este sentimento ao outros, mediante o convite ao seguimento.

Há um grande ponto de convergência entre ambos os textos: tanto na Proposição 36 como na EG 262 há a ciência daquilo que popularmente se diz como que “não se pode levar o que não se tem.” A explicação desta afirmação está contemplada na frase que é comum em ambos os textos, ou seja,

a experiência de encontrar o Senhor Jesus, possibilitada pelo Espírito, que introduz à vida trinitária, acolhida em espírito de adoração, súplica e de louvor, deve ser fundamental para todos os aspectos da Nova Evangelização. Esta é a “dimensão contemplativa” da Nova Evangelização que se nutre continuamente através da oração.

A principal semelhança entre a Cristologia implícita nas Proposições do Sínodo de 2012 e a Cristologia da *Evangelii Gaudium* está no seu conteúdo que é o Cristo, o coração do Evangelho. A principal diferença está na forma como este é apresentado, ou seja, no Sínodo destaca-se o movimento das pessoas de ir ao encontro de Cristo, ou seja, se vive a semelhança De; enquanto na *Evangelii Gaudium* Cristo vem ao nosso encontro e somos transformados mediante o encontro com a proposta de Jesus Cristo e chamados a viver a alegria que brota do Evangelho.

⁷⁴ Conforme Proposição 41 e EG 117.

⁷⁵ Conforme Proposição 20.

1.3.3 Conceitos-chave para entender a EG

Há três conceitos chaves para se entender a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, os quais são muito caros ao Papa Francisco. O primeiro termo é encontro. A alegria provocada naqueles que procuram encontrar-se com Jesus Cristo revela todo um dinamismo presente no Evangelho. O contato com o amor de Deus, revelado na Palavra do Filho feito carne, transforma a vida de todos quantos se deixam encontrar por Jesus e move-os na direção dos outros. O segundo termo é *Primeirear* – Deus que vem ao nosso encontro e que nos motiva a ir ao encontro dos outros; e o terceiro é autorreferencialidade, como quase um oposto dos outros dois, o qual faz uma crítica do curvar-se sobre si mesmo.

a) A cultura do Encontro

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa convida cada pessoa a sair de si para um encontro amoroso com Jesus que nos enche de alegria (Cf. EG 1). O amor de Deus nos humaniza e tirar-nos da nossa autorreferencialidade (Cf. EG 8). Esta alegria “exige um coração aberto para Deus, o encontro sempre renovado com Jesus e, por esse mesmo fato, o coração aberto para o próximo, onde Jesus é de modo especial encontrado”.⁷⁶ Na alegria que brota do Evangelho, que é a Palavra inspirada por Deus, existe todo um dinamismo, uma força invisível que age, contagia e compromete àqueles que se deixam encontrar por ela.

O encontro com o Evangelho transforma e move as pessoas em direção aos outros (Cf. EG 177). Na reciprocidade inerente a este momento “somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, sem olhar às nossas imperfeições, nos oferece a Sua proximidade, a Sua Palavra” (EG 121). Esta, fecundada pelo Espírito, potencializa todas as pessoas para estabelecer relações a exemplo da Trindade (Cf. EG 117-120). No seu dinamismo o Espírito faz mover-nos em direção aos outros, aos pobres.

Quem se deixa encontrar pelo Evangelho, assume como próprio, o mesmo dinamismo de Jesus. Ele foi ao encontro das pessoas e Se fez pessoa de encontro.

⁷⁶ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A alegria na *Evangelii Gaudium*: aspectos relevantes na teologia do Antigo e Novo Testamento in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 60.

Assumi as diversas realidades como próprias; fazia-Se próximo de quem Lhe era próximo, pois entendia que em cada pessoa estava a extensão do amor de Deus. Quem abraça o Evangelho assume

o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 87).

O Papa afirma que o agir de Jesus é respaldado pela profunda comunhão que existia entre Ele e o Pai. Ele é referência para o agir daqueles que procuram segui-Lo. Inspirado em tal pensamento afirma que somente por meio de longos momentos de encontro com Jesus na oração, meditação da Palavra, diálogo, adoração (Cf. EG 262) é possível apropriar-se do seu Espírito a fim de descobrir Sua presença no rosto dos outros e assumir o risco de abraçar Jesus crucificado nos crucificados da história (Cf. EG 91). Esta opção deve encher-nos de alegria e dar-nos uma identidade (Cf. EG 269), pois, no pensar do bispo de Roma, somente o “encontro pessoal com o amor de Jesus é que nos salva” (EG 264).

Há no pensamento do Papa todo um cuidado em vincular fé e compromisso com os outros. Nesse sentido Francisco afirma:

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, [...]. Portanto, quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus (EG 272).

O Papa ao longo da exortação destaca a mudança que acontece na vida dos que fazem a experiência de buscar encontrar-se com Jesus, de deixar-se preencher pela alegria do Evangelho e extravasar esta alegria nos diferentes encontros que

acontecem no dia a dia da sua vida. O amor que nos vêm de Jesus deve ser o elo de união que motiva a sair de nós mesmos e nos encontrar com os outros.⁷⁷

b) Primeirear

Este é neologismo usado pelo Papa Francisco. A sua origem provém da “linguagem futebolística portenha. Expressa a ação de chegar antes, adiantar-se ao outro ou tomar a iniciativa”.⁷⁸ O contrário também vale, ou seja, não ficar esperando, acomodando-se, compartilhando duma lógica do “sempre foi assim”, “é melhor deixar como está” e, conseqüentemente, não colocar-se em processo de saída, de ir ao encontro, de oferecer a graça, de antecipar-se, de fazer algo em prol dos outros, e, porque não dizer, ter medo de abrir-se ao novo.

Este conceito parte do princípio que Deus sempre se antecipa, ou no dizer de Francisco, experimentar que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-nos no amor (Cf. EG 24). Esta atitude de Deus expressa o quanto Deus nos ama. Tal qual Pai misericordioso que espera o filho de braços abertos, Deus sempre se Faz próximo, nos acolhe nas nossas fragilidades, remedia as nossas feridas e consegue ser capaz de nos colocar de volta no caminho. Deus “sempre nos pode surpreender positivamente” (EG 279).

Ele, pela encarnação, se premeireou em relação a humanidade e nas atitudes do Filho se primeireou abaixando-se para tocar a realidade humana, assumindo-a e redimindo-a no mistério pascal, pela morte na cruz. Por meio do Espírito continua a se primeirear na história potencializando cada pessoa para à missão, pois “Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia” (EG 275).

Esta atitude do Pai se reflete na atitude do Filho, Jesus Cristo, que soube se fazer próximo de todos oferecendo a sua misericórdia. Jesus, “modelo de fidelidade e de escuta, soube obedecer ao Pai misericordioso, conformando a sua práxis ao seu

⁷⁷ Para Fernandes “Toda a exortação gira em torno da pessoa e da obra de Jesus Cristo. Não há como resumir aqui, a sua Cristologia, mas percebe-se, claramente, o esforço do Papa Francisco no que diz respeito a propor uma nova evangelização como a ocasião para provocar o encontro do ser humano com Jesus Cristo. [...] Uma verdade que a Igreja não abre mão de anunciar (EG 249), porque ele é o verdadeiro Filho de Deus feito carne (EG 88;120). Esta é a verdade de fé que exige compromisso social porque nele a dignidade humana foi restaurada (EG 178)” FERNANDES, Leonardo Agostini. O culto da verdade... ao redor da Palavra de Deus in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 103-104. Sobre este mesmo assunto consultar também CASULA, Lúcio. *Rostos, gestos e lugares*. A Cristologia do Papa Francisco, p. 60-64.

⁷⁸ LANGER, André. *Bergolismo: o léxico do Papa que surpreende a todos*. O texto está publicado em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526772-bergolismo-o-lexico-do-papa-que-surpreende-a-todos>

chamado. [...] Primeiramente parte do sentido primeiro de que seguir a Jesus é viver o radicalismo do amor que leva a entregar a vida pelos outros”⁷⁹

c) A autorreferencialidade

O conceito da autorreferencialidade é chave para se entender a *Evangelii Gaudium*. Ele é utilizado tanto para referir a atitude pessoal de viver no egoísmo, no fechamento sobre si mesmo, sem preocupar-se com os outros (Cf. EG 67); como também a um modo de viver e agir na Igreja, sintetizadas em expressões como “autopreservação” (EG 27), “fez-se sempre assim” (Cf. EG 33), “mundanismo espiritual⁸⁰ e asfixiante” (EG 93 a 97) e “doutrina monolítica” (EG 40). Por isso Francisco convida para “passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral missionária” (EG 15) e a partir de Jesus Cristo ser capaz de romper com os esquemas enfadonhos no qual pretendemos aprisioná-Lo (Cf. EG 11). Isto para a vida homem e da mulher de hoje significa “estar a caminho. Quando um homem e uma mulher não estão a caminho, então são múmias. São peças de museu. A pessoa não está mais viva.”⁸¹

Essa forma de viver na autorreferencialidade ou de ser Igreja revela uma compreensão de fé. Sou bom ou mau em relação ao Deus Trindade que está longe, mas, de outra parte, tenho dificuldade para ser bom ao Deus que se me apresenta perto, em cada dia, nas pessoas e demais criaturas de Deus, no meu envolver-se com o projeto e ir ao encontro de que se me apresenta como perto⁸². Ainda separamos Deus: temos facilidade a de ir até o Deus que está nos céus, mas dificuldade em viver com o Deus, que está na terra.

Ligado ao tema da autorreferencialidade está a crítica a toda uma cultura que se preocupa por demasiadamente consigo mesma e que não consegue olhar para os outros como sendo iguais, com a mesma dignidade e origem. No número 2 da

⁷⁹ TAVARES, Cássia Quelho. Contornos éticos na *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 212.

⁸⁰ No seu livro *O futuro da fé* afirma que o pior que pode acontecer na Igreja, explicou ele várias vezes, “é aquilo que De Lubac chama de mundanidade espiritual”, que significa “colocar a si mesmo no centro”. FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 256.

⁸¹ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 23.

⁸² O Papa Francisco na EG ao falar das tentações dos agentes de pastoral (EG 76-97) reflete sobre essa temática. Fala que há agentes de vivem a partir de um relativismo prático e agem como se Deus, os outros os pobres não existissem (EG 80). Alerta que precisamos vencer a ‘Psicologia do túmulo’ (EG 83); a desertificação espiritual de sociedades que querem viver sem Deus (EG 86); a crença num Cristo espiritual sem carne e cruz (EG 88) e o mundanismo espiritual (EG 93-97).

Evangelii Gaudium se afirma: “Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem.”

O convite feito pelo Papa na Exortação é que o Evangelho transforme a vida das pessoas. Na Palavra há uma força que nos impulsiona para sair do lugar onde estamos, a autorreferencialidade, para ir ao encontro e/ou deixar-se encontrar. Esta atitude é da natureza do ser humano, ou seja, ser pessoa de encontro. A pessoa é vocacionada para a comunhão, pois foi gerada no amor de Deus, no dizer de Francisco.

Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro (EG 8).

No pensamento do Papa Francisco percebe-se toda uma preocupação diante de uma cultura individualista. Deseja que as pessoas alcancem um pensamento mais humano, mais nobre e mais fecundo e menos indiferente e egoísta (Cf. EG 208).

1.3.4 Características da Encíclica

Analisando a *Evangelii Gaudium* sob o aspecto cristológico é possível afirmar que são três as características gerais que perpassam todo texto: uma Cristologia a) encarnada, b) pneumatológica e c) e do amor onipotente. Elas dão suporte a três termos sob os quais será a conduzida toda a reflexão do capítulo central deste texto: uma Cristologia da alegria, dos pobres e da misericórdia. Os três primeiros aspectos serão aprofundados nesta parte como um “pano de fundo” da Cristologia presente na *Evangelii Gaudium*. O eixo cristológico da exortação está na riqueza da alegria provocada pelo encontro com o Evangelho e a mudança que acontece na vida de quem se deixa encontrar por Ele.

a) Uma Cristologia encarnada

A encarnação do Filho de Deus na história, a sua opção pelos pobres, e a partir desta a sua vida que culminou no mistério pascal faz parte da sensibilidade teológica do Papa Francisco. O encontro com Cristo deve levar-nos a reconhecer a presença de Deus na vida dos outros e na história. O Papa deixa transparecer isso por meio de vários gestos de proximidade com as pessoas⁸³, de modo especial, os mais pobres. Também afirma que “na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88).

b) Uma Cristologia pneumatológica

A presença do Espírito na vida de Jesus, citada várias vezes na EG pelo Papa Francisco, caracteriza a sua Cristologia. Lúcio Casula afirma que “a perspectiva do Papa mostra, assim, os traços de uma ‘Cristologia pneumática’, para a qual, mediante a ação do Espírito Santo, o mistério de Cristo se renova e a sua missão continua no povo de Deus”.⁸⁴ Cristo, vencedor do pecado e da morte, Aquele que nos oferece constantemente a salvação fruto da sua misericórdia é portador da alegria que somos chamados a viver. Na EG 275 e 276 Francisco afirma que o “Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e não nos faltará a sua ajuda para cumprir a missão que nos confia. A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo”. Movidos por esta força que os apóstolos vão e anunciam a Boa Nova (Cf. EG 259) e que a Igreja ainda hoje se renova e mantém esta dinâmica.

c) Uma Cristologia do amor onipotente

Para Francisco a onipotência de Deus se manifesta na forma como demonstra o seu amor. Na EG 37 o Papa diz que Deus é capaz de: “debruçar-se sobre os outros e [...] remediar as misérias alheias. Ora, isso é tarefa especialmente de quem é superior; é por isso que se diz que é próprio de Deus usar de misericórdia e é, sobretudo nisto, que se manifesta a sua onipotência”. Deus é tão grande que

⁸³ Entre estes destaca-se o episódio do encontro com os refugiados na Ilha de Lampedusa, ocorrido no dia 08 de julho de 2013, conforme cita KASPER, Walter. *Papa Francisco: A revolução da ternura e do amor*, p. 109.

⁸⁴ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares. A Cristologia do Papa Francisco*, p. 79.

consegue acolher, entender e se compadecer de todos os seus filhos. Deus é capaz de descer do seu “trono” para acarinhar e acercar-se com todas situações de fragilidade presentes no mundo. “Onde não resta mais nada a fazer [...], lá se abre o bem futuro e se manifesta a acessibilidade misericordiosa de Deus, que não dá por perdido nenhum. A onipotência da misericórdia doa um futuro lá onde tudo parece tornado sem futuro”.⁸⁵

1.4 CONCLUSÃO DA PRIMEIRA SEÇÃO

A *Evangelii Gaudium* é como um grande “manual de instruções” que convida a viver da alegria que é o próprio Deus. A esta alegria temos acesso pelo encontro com o Evangelho. A força contida na Palavra leva ao movimento de sair de nós mesmos para ir ao encontro do outro e partilhar alegria, da qual ninguém deve ficar excluído (Cf. EG 3). Todos são chamados a esta nova etapa de vida marcada pela alegria (Cf. EG 1). O Papa Francisco convida a cada um a “fazer ressoar a Boa Nova de Jesus” (EG 288); anunciar a alegria que é o próprio Deus para todos os povos e em todas as culturas. Ela é a alegria dum Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos.” (Cf. EG 237). Ela é caminho a ser seguido; verdade a ser vivida e vida a ser doada aos outros.

O Papa Francisco, em sua vida, percebeu a ação deste Deus que é fonte de alegria. Como homem de oração, sente-se feliz em estar junto às pessoas e valorizar a manifestação de Deus em cada cultura e em cada ser humano. A cristologia presente na *Evangelii Gaudium* é a soma da riqueza da vida do Papa Francisco, que ao valorizar toda a tradição da Igreja, convida a prática do Evangelho. Fruto do Vaticano II e bastante influenciado pelo Papa Paulo VI, Francisco tem na encarnação, na vida de Jesus Cristo que age sob a ação do Espírito Santo e no Evangelho da misericórdia as referências para o seu pensamento.

Para o Papa o encontro com o Evangelho enche a vida de alegria. Faz sair da autorreferencialidade e buscar o bem do outro. O encontro com o outro abre a vida para novas possibilidades, que orientadas a partir do amor que é Deus, geram comunhão, mediante o respeito às diferenças, à exemplo da Trindade. A Trindade, referência de comunhão, é fonte de alegria e amor. O Pai, por meio do Filho, sai da

⁸⁵ WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem. A visão do Papa Francisco sobre Deus*, p. 78.

sua onipotência e vem ao encontro das pessoas. No Filho oferece a misericórdia e convida para viver o Seu projeto de amor. Pelo Espírito age e atua naqueles que acolheram a Palavra e que, pelo testemunho de uma vida alegre, são sinais da presença do Reino de Deus.

A cristologia presente na *Evangelii Gaudium* parte da alegria de um Deus que em Jesus Cristo se Faz pobre e que, continuamente, oferece a sua misericórdia. Ele olha para cada pessoa com muito amor. Sabe da riqueza presente em cada ser humano e o acolhe nas fragilidades. Ele espera por cada um que se afastou do seu caminho e valoriza cada pequeno passo que é dado por aqueles que já se encontraram com o Evangelho.

O pensamento do Papa tem sua referência em Jesus que chama de bem-aventurados os pobres; exulta no Espírito porque a Boa Nova chegou até eles e que veio para que todos tenham vida e vida em abundância. Para Francisco Deus espera e crê na conversão de cada pessoa. Por isso Ele sempre está pronto para oferecer a Sua misericórdia e salvação mediante uma vida de total despojamento de si e de total entrega a Deus.

2 A CRISTOLOGIA NA *EVANGELII GAUDIUM*

Na análise do texto da *Evangelii Gaudium* percebe-se que “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36) é o seu núcleo fundamental. Deus, por meio de Jesus Cristo oferece, gratuitamente, o seu amor e Se faz caminho ao encontro do próximo. A Cristologia presente na exortação revela a alegria de Deus que no Filho vai ao encontro de todos, de modo especial os pobres para oferecer a sua misericórdia, por meio da conversão ao Evangelho.

Esta vida nova tem a marca da alegria. A *Evangelii Gaudium* traz a alegria de Jesus porque o Pai, no seu amor fez chegar aos pobres a Boa Nova e com eles se compadece, os acolhe, abraça e abre a perspectiva de uma nova vida (Cf. Lc 10,21). É Deus que se antecipa e vai ao encontro. Este convite Jesus também faz aos seus discípulos e seguidores. Francisco cultiva a mística dum Cristo alegre, pobre e misericordioso, que no amor da Trindade envia e convida todos à missão movidos pela conversão provocada pelo encontro com a Palavra.

Para o Papa Francisco o amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo é mediado e concretizado a partir de três atitudes de Jesus: a) a alegria como a característica do Deus Trindade, comunidade de amor, que sai de si e, no encontro com as pessoas, oferece a conversão; b) o “descer” de Deus pela encarnação do Filho e no Filho Jesus fazer a opção pelos mais fracos, pobres, necessitados e identificar-se com eles e c) o movimento de atrair-nos todos e ter a paciência para esperar pela conversão e mudança de vida, oferecendo a cada dia a sua misericórdia. Jesus nos salva pela misericórdia.

“Toda a exortação gira em torno da pessoa e da obra de Jesus Cristo.”⁸⁶ A Cristologia presente na *Evangelii Gaudium* contempla a alegria provocada pelo encontro com o Evangelho. Por meio dele nos chega o amor de Deus que é Trindade. Ele nos convida a partilhá-lo com os outros indo ao encontro dos pobres, participando da sua vida de alegria e comprometendo-nos para que tenham mais dignidade. Ser misericordiosos como o Pai é perceber que Deus sempre oferece a sua misericórdia, a qual converte.

⁸⁶ FERNANDES, Leonardo Agostini. O culto da verdade... ao redor da Palavra de Deus in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 104

2.1 CRISTO ALEGRE

O Papa Francisco tem “Deus como um centro irradiante de festa e alegria” (EG 4) e no Evangelho o convite para uma vida marcada pela alegria (Cf. EG 5). Jesus Cristo é a grande alegria de Deus para a humanidade. O anúncio do anjo aos pastores vem confirmar esta afirmação. “Eu vos anuncio uma grande alegria, que será também a de todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é Cristo Senhor!” (Lc 2,10) Jesus é alegria de Deus, a Palavra feita carne, que Se aproxima e convida para viver nesta alegria permanentemente. Por meio de Jesus, Deus revela o seu projeto de amor. Jesus age por meio do Espírito Santo e comunica aos homens a alegria de Deus, a sua Boa Nova. O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* fala da alegria provocada pelo encontro com o Evangelho e afirma que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”.⁸⁷

Esta alegria, proclamada por Jesus, reconhece a ação do Pai que no Espírito faz chegar o Evangelho até os mais pobres e pequeninos (Cf. Lc 10,21). O próprio Jesus, portador da mensagem de alegria, vai ao encontro dos pobres e sente a alegria da conversão provocada pela Palavra.

A vida de Jesus, marcada pela fidelidade ao Pai no Espírito, comunica alegria. Ele liberta as pessoas do pecado e abre uma nova perspectiva de vida. Esta vida nova, que surge a partir do mistério pascal, é garantia de alegria plena e permanente. Portanto, a alegria que brota da Trindade deve conduzir ao encontro do outro convidando-o à conversão por meio do encontro com o Evangelho.

“A alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida cotidiana como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai” (EG 4) é fruto da alegria que é o Cristo. Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco destaca três aspectos desta alegria. Para ele a alegria brota da Trindade; nos impulsiona à missão e nos leva à conversão. É o próprio Deus, que em Jesus Cristo permite participar da alegria. Esta alegria tornou-se plena na gloriosa ressurreição e pela ação do Espírito Santo no mundo é comunicada continuamente.

⁸⁷ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium* n° 3, citando o Papa Paulo VI, na Exortação *Gaudete in Domino* (GD).

2.1.1 A alegria brota da Trindade

Toda a história da salvação está marcada pela alegria. É a feliz promessa que Deus faz ao seu povo para enviar, no tempo certo, o Salvador⁸⁸. Deus, em Jesus, partilha a sua alegria com a humanidade. Jesus é o amor de Deus que extravasa e, não se contendo em si mesmo, por meio do Espírito Santo, em Maria, se encarna na humanidade, para fecundá-la com a alegria de Deus. O Papa afirma que “com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1) e se inicia uma nova época na história. Esta “alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG 1).

O encontro com o Jesus provoca alegria. Jesus é a alegria de Deus para o mundo. O Evangelho de Lucas, conhecido como evangelho da alegria⁸⁹, apresenta as reações de quem se encontrou com Jesus. O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (EG 5) cita as atitudes do anjo, portador da mensagem da alegria (Cf. Lc 1, 28); de João Batista, que ao receber a visita de Maria, salta de alegria no ventre de Isabel (Cf. Lc 1, 41); de Maria que se alegra no Salvador (Cf. Lc 1, 47). E, novamente, de João, a partir do relato do Evangelista São João, ao descrever o encontro dele com Jesus exclama: “Esta é a minha alegria! E tornou-se completa!” (Cf. Jo 3, 29) e (Cf. EG 5). A alegria trazida pela Palavra, feita carne, transforma a vida de quem a acolhe. Ela provoca a saída de si ao encontro do outro, como Deus, no Espírito, veio ao encontro da humanidade pela encarnação de Jesus.

A vida de Jesus é marcada pela presença da Trindade. A missão de Jesus é fruto do encontro com o Pai, que O reveste com a força do Espírito, para que seja portador da alegria e contagie as pessoas pela Boa Nova, a mensagem da alegria. O Papa cita como referência o texto de Lc, 10, 21 (EG 5). Nele Jesus, movido pela alegria dos discípulos, exulta no Espírito e louva o Pai porque o seu Reino chegou aos pequeninos.

Para Corrêa,

⁸⁸ Todo o relato relacionando Deus como fonte de alegria no Antigo Testamento está colocado pelo Papa Francisco na EG 4.

⁸⁹ COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 150.

na perspectiva lucana, se a alegria de Jesus tem sua origem na comunhão trinitária (Cf. Lc 10,21), a alegria do discípulo é participação na alegria da mesma Trindade. O Pai é revelado aos pequeninos e isto é motivo de louvor para Jesus; os pequeninos conhecem o Pai através de Jesus, pois só ele o conhece e só ele o pode dar a conhecer. [...] A ação salvífica produz alegria nos discípulos (Lc 10,17) que, comunicando os bons frutos da missão, dão motivo de alegria para Jesus (Cf. Lc 10, 21), que se regozija em Deus (‘sob a ação do Espírito Santo’), expressando que esta alegria no louvor que retorna ao Pai. O Pai é a fonte da alegria e é o ponto de chegada da alegria. Ele foi revelado através da ação evangelizadora dos discípulos.⁹⁰

Essa alegria, que é o próprio Jesus, o Verbo encarnado, ao ser comunicada transforma a vida das pessoas. Este pensamento o Papa Francisco expressa fazendo referência a várias citações do Evangelho de São João na EG 5⁹¹. É uma alegria que precisa ser comunicada. Quem age impelido pelo Espírito da Trindade é testemunha da alegria, fruto da relação de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

2.1.2 A alegria impulsiona para a missão

A Palavra de Deus está fecundada pelo Espírito Santo. Jesus agia movido por esta força indo ao encontro dos outros para anunciar o Reino de Deus. Quem se deixa encontrar pelo Evangelho recebe essa mesma força. Ela faz com que aconteça uma transformação na vida das pessoas que as faz sair da sua autorreferencialidade para mover-se em direção aos outros, pois todos são merecedores daquilo que Deus nos oferece gratuitamente: a sua alegria. Para o Papa Francisco “alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém; assim foi anunciada pelo anjo aos pastores de Belém: ‘Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que o será para todo o povo!’ (Lc 2, 10)” (EG 23).

Deus, em Jesus, oferece para à humanidade a sua alegria. Jesus olhava para todos com amor e afeição. Isto revela-se na sua atitude para com o cego, com os pecadores, com a prostituta e conosco, em sua entrega na cruz por amor. Aquele que

⁹⁰ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A alegria na Evangelii Gaudium: aspectos relevantes da teologia do Antigo Testamento, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*. p. 58-59

⁹¹ “Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15, 11). A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: “Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria” (Jo 16, 20). E insiste: “Eu hei-de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há-de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria” (Jo 16, 22).

se deixa encontrar e contagiar pelo Senhor é testemunha desta alegria. Consegue alegrar e chorar com o povo, além de se comprometer na luta por um mundo novo, numa opção pessoal caracterizada pela alegria (Cf. EG 269).

Os discípulos de Jesus tiveram esta experiência. Tocados e formados na alegria transmitida pelo Mestre são impelidos a ir, em nome d'Ele, anunciar as maravilhas do Reino. Percebem como isso é gratificante, pois voltam cheios de alegria. (Cf. Lc 10,17) O Papa afirma que “a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG 21). Ela “contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e semear sempre de novo, sempre mais além”⁹².

Para Francisco comunicar a alegria que é Cristo implica em viver a exemplo do Mestre. No dizer do Papa: “Talvez o Senhor Se sirva da nossa entrega para derramar bênçãos noutra lugar do mundo, aonde nunca iremos” (EG 279). Ao levarmos a Palavra de Jesus temos a certeza de que ela nunca volta vazia, pois ela é viva e eficaz (Cf. Hb 4, 12) e possui um potencial que não podemos prever (Cf. EG 22). Ela transforma e forma, pois sendo fonte de vida, na acolhida, comunica a sua alegria. Ser missionário é encontrar-se com o amor de Deus, em Cristo Jesus e testemunhá-lo. Os discípulos fizeram assim; a samaritana também (Cf. EG 120). Este é o pedido de Jesus, pois Ele envolve-se com os seus e convida a imitá-Lo (Cf. EG 24). Deseja que ninguém se exclua da mensagem da alegria, pois ela é transformadora (Cf. EG 197).

O Papa reconhece toda a força que há na mensagem da alegria que é o Evangelho. O seu desejo é que, a exemplo de Jesus, sejamos missionários, pois a glória do Pai consiste em que demos frutos (Cf. Jo 15, 8 e EG 267), ou seja, que façamos valer em nós esta característica com a qual fomos marcados (Cf. Jo 16, 22 e EG 84). Ela é capaz de mudar realidades afetadas pelo pecado, onde a alegria ainda está ausente, revelando que Deus sempre age com misericórdia, vindo ao nosso encontro.

⁹² COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 152.

2.1.3 A alegria leva à conversão

O Papa Francisco vê em Jesus alguém que olha o ser humano num todo. Parte do princípio de que todos nós somos criados à imagem e semelhança de Deus e, no amor, somos filhos no Filho, pela encarnação, reconhecendo, desta forma, que em cada ser humano há o potencial de Deus. O Papa crê

que o segredo de Jesus esteja escondido naquele seu olhar o povo mais além das suas fraquezas e quedas: “Não temais, pequenino, rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino” (Lc 12, 32). Jesus prega com este espírito. Transbordando de alegria no Espírito, bendiz ao Pai por Lhe atrair os pequeninos: “Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos (Lc 10, 21)” (EG 141).

Nos pequeninos estão contemplados todos os que conseguem na sua humildade abrir-se para acolher a mensagem trazida por Jesus. A partir do amor universal do Pai, que acolhe e entende cada um dos seus filhos, mas que espera, com paciência pela conversão de cada um mediante o encontro com o Evangelho, está expresso o desejo de Deus. Para o Papa “a Boa Nova é a alegria dum Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos. Assim nasce a alegria no Bom Pastor que encontra a ovelha perdida e a reintegra no seu rebanho” (EG 237).

Jesus, nas parábolas da misericórdia, expressa o desejo do Pai de ir ao encontro; de não deixar à mercê do caminho, de nunca abandonar nenhuma de suas criaturas e dar a ninguém como perdido. Ele procura com esperança e espera. Nunca desiste, mas confia e acredita em cada pessoa. Por isso

a alegria que enche o coração do Evangelho de Lucas é somente o eco da alegria de Deus pela conversão dos pecadores, expressada nas parábolas mais bonitas do Evangelho: a alegria do pastor que encontrou a sua ovelha perdida (Lc 15,5) a alegria que há no céu por um só pecador que se converte (Lc 15,7-10); a alegria do Pai cujo o filho volta para casa são e salvo (Lc 15,32). Na realidade, o tema das três parábolas da ovelha, da moeda e do filho perdido não é tanto o perdão, mas a alegria do encontro. O Deus que se alegrava na criação com as suas criaturas (Sl 104,31), alegra-se agora por ter recriado o homem nesse abraço de encontro.⁹³

⁹³ COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da Evangelii Gaudium, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 150.

A conversão é mediada pela capacidade que há no ser humano em se recriar a partir do encontro com a Palavra. O deixar-se refazer ou fazer a partir de Deus é a atitude que brota do coração fecundado pela Boa Nova. Esta “nova oportunidade” alarga o horizonte pois tira-nos da autorreferencialidade e nos move em direção aos outros. A alegria trazida pela conversão precisa ser partilhada e anunciada. Ela encontra apoio no coração de Deus que constantemente nos oferece a sua salvação e se alegra mais “por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão” (Cf. Lc 15, 7 e EG 15).

2.1.4 A alegria no mistério salvífico

A vida de Jesus, marcada pela alegria de anunciar e testemunhar a Boa Nova de Deus, dá novo sentido para à vida do povo. Nesta opção está inerente o caminho que leva a cruz. Ela tem o seu ápice no mistério pascal. Jesus, fiel ao Pai, no amor se entrega por nós. Porém não fica na cruz. Dela ressurgue vitorioso. A ressurreição é alegria da vitória da vida que venceu a morte. Esta alegria precisa ser comunicada. O Papa afirma que “o Evangelho, onde resplandece gloriosa a Cruz de Cristo, convida insistentemente à alegria” (EG 5).

A páscoa representa a oportunidade de mudança de vida. Jesus que nos oferece a salvação e nos liberta do pecado (Cf. EG 1) “permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder” (EG 3).

Francisco acredita no poder e força da presença de Deus no mundo. É o Espírito que faz com que reconheçamos os sinais da presença de Deus e sejamos os anunciadores da alegria do ressuscitado.

A alegria trazida pelo Ressuscitado é permanente e vence todos os obstáculos. Mesmo em meio a tribulações, a certeza da presença do Ressuscitado, a comunhão com ele, é garantia de alegria, de vitória sobre a tristeza. A Páscoa inicia o tempo de alegria plena, que não será ultrapassada. O discípulo deve ser o justo que se alegra no Senhor, aquele que acolhe Jesus em seu caminho de cruz que conduz à glória. A fidelidade da palavra

de Jesus, o abandono confiante a ele é motivo de alegria. Nesse sentido, a alegria cristã encontra-se ligada à fé, é 'alegria da fé'. Supõe a fé e é segurança mesmo em meio a sofrimentos e angústias.⁹⁴

Viver a partir da alegria do Evangelho é reconhecer que ela “bebe na fonte do amor maior, que é o de Deus, a nós manifestado em Jesus Cristo” (EG 7). Jesus soube colocar toda a sua confiança em Deus. Sempre reconheceu que tudo vinha do Pai e que Deus toma sempre a iniciativa (Cf. 1Jo 4, 19). Para Francisco esta atitude de Jesus “permite-nos manter a alegria no meio duma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo” (EG 12).

O Papa convida para esta nova etapa de vida marcada pela alegria. O Evangelho, a alegria de Deus, é a referência deste novo tempo. Deus que partilha a Sua alegria e ao aproximar-Se de nós quer que sejamos participantes da vida nova por Ele oferecida. Esta nova perspectiva provoca um movimento de saída de nós para partilhar a alegria recebida.

Inspirado em Paulo VI deseja que o mundo do nosso tempo possa receber a Boa-Nova dos lábios de pessoas que cuja a vida irradie o fervor do Evangelho, pois foram estes que primeiro receberam em si a alegria de Cristo (Cf. EG 10). A exemplo de Jesus, que louva ao Pai porque a sua Boa Nova chegou aos pobres, (Cf. Lc 10,21) para o Papa, a alegria do Evangelho e a força do Espírito, devem criar em nós um movimento de sair ao encontro dos outros, dos pobres, em sinal de fidelidade a Palavra recebida.

2.2 JESUS CRISTO POBRE

O Papa Francisco ao falar do Cristo pobre considera dois elementos fundamentais que perpassam o seu pensamento: a importância do lugar e o movimento realizado a partir desta perspectiva. Jesus nasceu, viveu e revelou o projeto de Deus a partir da periferia, lugar onde vivem os pobres, os excluídos, os pequeninos, os que não tem vez e nem voz, mas que possuem toda a dignidade, pois

⁹⁴ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *A alegria na Evangelii Gaudium*: aspectos relevantes da Teologia do Antigo Testamento, p. 55 in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*.

também são filhos amados do Pai. Para o Papa “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres” (EG 197).

O outro elemento está apoiado no modo da sua ação. Jesus é portador da Boa Nova do Pai; vive e está em contínua relação com o Pai; recebe d’Ele e se reconhece n’Ele, no Pai está a referência para o Seu agir. Está nas pequenas coisas, feitas no amor, a grandeza das suas atitudes. Esta dialética entre pequeno e grande, pobreza e riqueza, humildade e onipotência, cruz e ressurreição, morte e vida marca o agir de Jesus em favor dos pequenos.

Deus é o Deus dos pequenos. Do meio do insignificante, da periferia, faz surgir e resplandecer a sua grandeza. Maria, uma jovem humilde, mas com um coração grande, capaz de entender o projeto de Deus, acolheu a mensagem do anjo de que ela seria a mãe do Salvador. Deus, por meio do sim de Maria oferece ao mundo o seu presente que é Jesus Cristo, o Salvador (Cf. EG 285-286).

No Verbo que se Fez carne, está a “humanização” do amor de Deus, ou seja, no movimento da *kénosis*, do abaixar-se e assumir a condição de servo. Deus, no amor, em Jesus Cristo, revela a sua grandeza. Ele esvaziou-se para oferecer à humanidade a plenitude do seu Ser. Este agir de Deus está impregnado na missão de Jesus. É a marca registrada do Filho: colocar ao centro quem vive na periferia.

Ao falar da missão de Jesus, o Bispo de Roma destaca três atitudes que sintetizam a seu agir a favor e pelos pobres: a primeira refere-se a ir ao encontro, se aproximar e ter contato com a sua realidade e vida; a segunda está em afirmar que os pobres são bem-aventurados (Cf. Lc 6,36 e Mt 5,3); e a terceira é o compromisso social da comunidade em relação aos pobres (Cf. Mc 6,37).

2.2.1 O assumir o lugar dos pobres

Há uma opção clara no agir de Deus. Ao longo de toda a história da salvação percebe-se que o nosso Deus é o Deus dos pequenos⁹⁵. O Papa, ao traçar um perfil histórico de Jesus descreve a sua vida marcada pela pobreza, desde a sua origem, nascimento, vida com sua família, no trabalho e na frequência ao templo e o início de sua vida pública. Pregou que o Reino de Deus é dos pobres, sendo fiel à sua missão

⁹⁵ O Papa Francisco visita textos do Antigo Testamento para comprovar esta afirmação como está citado na EG 187.

(Cf. EG 197). No entender de Francisco Jesus toma como seu o movimento que desde pequeno, lhe fora ensinado. Maria sai ao encontro de Isabel para servi-la (Cf. EG 288) e Jesus vai ao encontro dos pobres “para instaurar o Reino de seu Pai” (EG 180).⁹⁶ Jesus age movido pela ação do Espírito do Senhor.

A imagem muito apreciada de Jesus pelo Papa Francisco é o Jesus que caminha e que vai ao encontro dos pobres, afastados e excluídos. Jesus viveu no meio dos pobres, partilhou da sua vida, assumiu os seus sofrimentos e angústias e “com eles Se identificou: ‘Tive fome e destes-Me de comer’” (EG 197).

Jesus, fiel ao mandato recebido de “anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lc 4,18) se põe a caminhar. Sentia-se em casa quando estava junto com os pobres. Sempre estava pronto para ouvir e acolher. O Papa Francisco destaca algumas atitudes de Jesus peregrino.

Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: ‘Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele’ (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (Cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (Cf. Mc 2, 16), sem Se importar que O chamem de glutão e beberrão (Cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (Cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (Cf. Jo 3, 1-21) (EG 269).

Jesus, ao ir ao encontro das pessoas e participar da sua vida, estabelece uma relação, um vínculo, inicia um processo em que, aqueles que acolhem a mensagem do amor, são transformados. Lhes oferece a salvação, a misericórdia e uma nova perspectiva de vida. Ao contemplar a sua história sente compaixão e tem um jeito particular de cuidar de cada um.

O Papa Francisco afirma que “Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos” (EG 194). Reconhece o amor presente naqueles que vivem nas periferias da sociedade; os que são excluídos do mundo por não se sentirem valorizados, acolhidos e integrados. Jesus é afetado por eles, assume sua causa e reconhece seu valor e importância.

⁹⁶ Em várias das suas homilias o Papa fala que Jesus caminhava com os pobres e percorria os povos. No caminho tinha contato com o povo, pelo qual sentia compaixão e a quem anunciava o Reino. Vários destes textos estão compilados no livro FRANCISCO, Papa. *Caminhar com Jesus*. O coração da vida cristã, p. 95 e ss.

2.2.2 Bem-aventurados os pobres

O Papa Francisco menciona na *Evangelii Gaudium* que Jesus proclama que bem-aventurados são os pobres, tanto os pobres em espírito quanto todos os demais pobres. Eles estão no coração do Evangelho (Cf. EG 197). Por eles a Boa Nova encontra especial acolhida. Neles está a identificação com Deus que se fez pobre e, em sua pobreza nos enriquece (Cf. EG 198).

Ao colocar os pobres no centro da história Jesus quebra a lógica presente numa sociedade que exclui e usa de vários meios para manter afastados aqueles que são tidos como inúteis e insignificantes. Ele instaura um novo tempo. Um tempo marcado por Deus que opta pelos pobres e Se faz pobre. Para o Papa Francisco há um vínculo e uma relação recíproca entre Deus os pobres. Jesus apresenta-os a Deus que na sua grandeza se apequena; de outra parte, os pobres nas suas fragilidades e necessidades que colocam em Deus toda a sua confiança.

O Papa entende os pobres como aqueles que se confiam integralmente a Deus. No prefácio escrito para o livro de Müller, o Papa Francisco afirma:

Por isso que Jesus elogia os “pobres em espírito” (Mt 5, 3), que dizer, aqueles que olham assim as suas necessidades e, necessitados como são, se entregam a Deus, sem temer depender dele. (Cf. Mt 6, 26). De Deus podemos de fato ter aquele bem que nenhum limite pode deter, porque ele é mais poderoso do que qualquer limite e demonstrou isso quando venceu a morte! De rico que era se fez pobre (Cf. 2Cor 8, 9) para enriquecer-nos com os seus dons! Ele nos ama, cada fibra do nosso ser lhe é cara, a seus olhos cada um de nós é único e tem um valor imenso: “Até mesmo os cabelos de vossa cabeça estão todos contatos... valei mais do que muitos pardais” (Lc 12, 7).⁹⁷

Para Kasper “ser pobre diante de Deus significa pôr a esperança não na riqueza terrena, mas só em Deus”.⁹⁸ Esta confiança que os pobres têm em Deus revela uma relação filial e uma confiança total. Como Deus, sendo Pai, iria se esquecer de um dos seus filhos? O Pai no e pelo Filho se solidariza com os pobres. Casula diz que “os pobres e os pequenos permitem compreender o Evangelho, porque Jesus, que é o

⁹⁷ MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Pobre para os pobres*. A missão da Igreja, p. 8.

⁹⁸ KASPER, Walter. *Papa Francisco*. A revolução da misericórdia e do amor, p. 95

Evangelho em pessoa, identifica-se com eles”.⁹⁹ E esta atitude deve ser prática daqueles que seguem Jesus: olhar o pobre com amor autêntico para procurar efetivamente o seu bem. E o Papa citando a São Tomás de Aquino afirma que “quando amado, o pobre, é estimado como de alto valor” (EG 199).

O olhar o pobre a partir da sua dignidade, e não como sobrança, quebra com a lógica da exclusão. O encontro com a Palavra muda o nosso pensar e agir. O Papa afirma que “quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, ‘àqueles que não têm com que te retribuir’ (Lc 14, 14)” (EG 48). Quebra-se a lógica do merecimento para a lógica do amor de Deus, que tem destinação universal.¹⁰⁰

O viver com e entre os pobres, como Jesus fazia, gera vínculos e cria compromisso. O “tocar a carne sofredora de Cristo nos pobres” (Cf. EG 24) provoca nos que se deixam encontrar pelo Evangelho a não ficar somente naquilo que o Papa Francisco chama de “caridade por receita” (Cf. EG 180). O que Jesus pede, e isto Francisco também tem como compreensão fundamental é oferecer aos pobres uma nova perspectiva da vida. Neste aspecto entra o compromisso social, o de Jesus e o nosso.

2.2.3 O compromisso social

O terceiro aspecto do agir de Jesus em favor dos pobres que é muito destacado pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* é a sua libertação integral, ou seja, capacitá-los para terem condições de buscar vida mais digna e tornarem-se sujeitos da história. Não basta somente dar as coisas, mas oportunizar para que na valorização das qualidades, do seu trabalho, sejam protagonistas da sua história.

No entender de Francisco algumas atitudes são fundamentais para a efetivação deste processo. A primeira delas é o convite para sair da autorreferencialidade. No começo da Exortação Apostólica afirma: “Quando a vida interior se fecha sobre os próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres,

⁹⁹ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares*. A Cristologia do Papa Francisco, p. 67.

¹⁰⁰ A figura que o Papa usa para ilustrar esta compreensão é o poliedro. Nele todos são importantes. Nele não há centralidade e superioridade/inferioridade, mas todos e tudo está em relação e são de igual natureza e importância. Nele é reunido “o melhor de cada um”. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas potencialidades (Cf. EG 236).

já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem” (EG 2). O contato com o Evangelho deve provocar a conversão do coração para que se estabeleçam vínculos entre a nossa fé e o compromisso com os pobres (Cf. EG 201).

A segunda é aquela que Jesus sugere para os discípulos quando os convida os mesmos a tomar atitude em favor dos pobres, se envolver na sua causa e lutar para que lhes seja feita justiça. No entender do Papa Francisco, o pedido de Jesus a seus discípulos expresso no “dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37), envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais de pobreza, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos (Cf. EG 188).

A terceira atitude é cuidar da fragilidade presente em todas as formas de vida. Se “Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-Se especialmente com os mais pequeninos (Cf. Mt 25, 40)” (EG 209) ele pede aos seus para que cuidem de todos os que são tidos como os “descartáveis” da sociedade, aqueles que são os excluídos por não enquadrarem-se nos padrões de vida criados por uma cultura autorreferencial.

A quarta atitude é consequência da terceira, ou seja, se há excluídos há uma economia de exclusão (Cf. EG 53-75) que exclui. Isso exige voz profética de denúncia e clamor pelos direitos dos mais pobres e menos favorecidos. É ter a consciência de que todos são importantes na sociedade, e por isso, merecedores da garantia dos seus direitos. Para o Papa Francisco “Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos” (EG 194). Se houver um sistema que exclui, porém a partir de Jesus e do seu projeto aos pobres, todos são convidados a buscar concretizar aqui o Reino de Deus. Todos são chamados a

amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. Procuremos o seu Reino: “Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo” (Mt 6, 33). O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso, pede aos seus discípulos: “Proclamai que o Reino do Céu está perto” (Mt 10, 7) (EG 180).

Fernandes, ao comentar a missão de Jesus a favor dos pobres, consegue sintetizar bem a Cristologia presente no pensamento do Papa Francisco.

Pelos milagres que validavam e explicavam as palavras, Jesus Cristo manifestou Deus mais próximo dos necessitados. Por meio dos milagres revelava, visivelmente, o amor de Deus que liberta o ser humano da sua miséria e revela o mundo que ele quer transformar. Curar e perdoar foram os dois gestos que caracterizavam a missão de Jesus Cristo. [...] O ser e o agir de Jesus Cristo a favor dos mais necessitados, incomodaram e passaram a constituir a matéria de delito que levou à sentença de morte.¹⁰¹

2.2.4 Os pobres no mistério salvífico

A missão de Jesus se resumiu em anunciar o Reino de Deus. Este tem por base a justiça, que se resume em favorecer para que todos tenham vida e vida em abundância (Cf. Jo 10, 10). No centro da proposta do Reino estão os pobres. Jesus em toda a sua vida colocou-se ao lado dos pobres, aos quais chamou de bem-aventurados (Cf. Mt 5, 3). O Papa Francisco, na EG 178, fundamenta na comunhão da Trindade o sentido da nossa fé a partir dos pobres.

Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que “assim lhe confere uma dignidade infinita”. Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque “Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens”. Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais.

O Papa é enfático ao afirmar que a nossa salvação está relacionada com os pobres. Jesus deixou isto claro para o jovem rico (Cf. Mt 19, 16-22). O compromisso com os pobres é garantia da participação na vida plena e para todos que Jesus veio

¹⁰¹ FERNANDES, Leonardo Agostini. Missão e missiologia a partir da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 283

oferecer. No dizer de Francisco Aquino Júnior “no fazer-se próximo dos caídos, no fazer ou não fazer pelos menores ou pequenos está em jogo, portanto, a vida eterna, a bênção ou a maldição, o Reino dos céus ou o fogo do inferno.”¹⁰² Esta mesma ideia o Papa coloca na EG 179 quando afirma que “o que fizermos aos outros tem uma dimensão transcendente”.

Viver na lógica do amor trinitário é viver a partir do coração de Deus que está sempre voltado para os outros. O Papa afirma que Deus que quer todos os homens se salvem, pois se criados à imagem da comunhão divina não podemos nos salvar sozinhos (Cf. EG 178). Este caminho passa pela nossa adesão a Jesus Cristo. Nele está a verdadeira esperança que procura o Reino escatológico e gera nova história (Cf. EG 181). Por isso pede que na nossa relação com o mundo sejamos convidados a “dar razão a nossa esperança” (EG 271). Este era o espírito que Jesus ensinou; ele nutria a vida das primeiras comunidades e é referência para o nosso agir hoje. Se todos partilham ninguém passa necessidade.

O Papa reconhece a importância dos pobres e os identifica com Cristo pobre. No documento perpassa o pensamento que somente a conversão ao Evangelho e, conseqüentemente, a proposta de Jesus permite o sair das nossas estruturas para buscar os que são os preferidos do Reino, os pobres. Afirma que a pobreza parte do coração do Evangelho. “Hoje e sempre os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que se afirmar que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48).

O defender a causa dos pobres e de todos os marginalizados é viver na radicalidade a proposta de Jesus. No coração misericordioso e contagiado pela alegria do Evangelho existe a preocupação e o zelo para com os pobres. Empenhar-se pela sua causa e lutar para que vivam com dignidade faz parte do agir daqueles que optam por Jesus Cristo. O Papa convida a olhar com carinho para todos os afastados da sociedade. Afirma que o nosso compromisso com os pobres “deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados” (EG 186).

¹⁰² AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A Igreja dos pobres*, p. 40.

2.3 O CRISTO MISERICORDIOSO

Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco parte do conceito de que Deus nunca esgota a sua misericórdia (Cf. EG 6) e que “é próprio de Deus usar de misericórdia” (EG 37) e de colocar a sua misericórdia à disposição de todos (Cf. EG 3). Ele acolhe a cada um na fraqueza e pecado, e também na riqueza das nossas qualidades. Sempre espera que nos abramos para a conversão e a misericórdia, mediante o encontro como o seu amor.

As virtudes do amor, da caridade e da misericórdia são eixos centrais da Exortação e da proposta da renovação missionária apresentada pelo Papa. A salvação que Deus nos oferece em seu Filho é obra da sua misericórdia (Cf. EG 112) e o Evangelho será sempre o Evangelho da misericórdia (Cf. EG 188).¹⁰³

Para o Papa o agir de misericordioso de Jesus está sintetizado no pensamento de São Beda, que ao comentar a cena do Evangelho de Mt 9, 9, escreveu que Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e escolheu-o: *miserando atque eligendo*. (Cf. MV 8). Francisco entende que Deus olha para cada um de nós com amor. Na *Evangelii Gaudium* caracteriza o agir misericordioso de Jesus como sendo a) um agir comprometido, que se comove a partir da miséria da outra pessoa; b) um agir que leva à a conversão e c) que orienta o seu agir pela agir do Deus Trindade. Este Deus, que se faz próximo “nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia” (EG 3).

2.3.1 O agir comprometido

Na EG 179 o Papa fala que o agir misericordioso deve ser como o agir de Deus. O texto do Evangelho de São Lucas 6, 36 “sede misericordiosos como o Pai é misericordioso” vincula e define o agir humano com o espírito do agir divino. A referência para o nosso agir é o agir de Deus revelado por meio de Jesus Cristo. Deus, no amor, se compadece da miséria humana, vem ao nosso encontro para oferecer a Sua misericórdia.

¹⁰³Conforme ARENAS, Octavio Ruiz. Desde el corazón del Evangelio hacia el corazón del Pueblo. Aspectos cristológicos y eclesiológicos de la *Evangelii Gaudium*, p. 06.

Deus ao vir ao nosso encontro sai de si para poder ser em nós e acolher-nos na fragilidade. Francisco afirma que “a misericórdia suscita alegria, porque o coração se abre à esperança de uma vida nova. [...] Em sua origem está o amor com que Deus vem ao nosso encontro, rompendo o círculo que nos envolve, para fazer também de nós instrumentos de misericórdia” (MM 3). Esta atitude deve impulsionar-nos a sair de nós para irmos ao encontro dos outros, movidos pelo sentimento de compaixão, para lhes oferecer a misericórdia. Francisco afirma que Deus sabe primeirar, ou seja,

a comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (Cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusiva. (EG 24)

Em Jesus, o amor de Deus é concreto e comprometedor. Esta é a atitude que se espera dos seguidores de Jesus. O Papa na EG 193 afirma: “Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio” E citando no Papa João Paulo II na EG 198, ao se referir aos pobres, afirma que “Deus manifesta a sua misericórdia antes mais a eles”. Se Deus, na sua onipotência se abaixa, se compadece e age com misericórdia, esta deve ser atitude dos que vivem a partir da lógica do amor.

Aquele que vive a partir do Evangelho, vive a partir do amor. Nele acontece o encontro de dois corações: o nosso e o de Deus. A partir deste encontro, somos orientados a um terceiro coração, que é coração dos outros. Francisco, na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, afirma que a misericórdia renova e redime. Deus cura nosso coração de pedra e o transforma em um coração de carne, capaz de amar, não obstante o pecado. Este processo nos transforma em criaturas novas, ou seja, sou amado, logo existo; estou perdoado, por conseguinte renasço para nova vida; fui misericordiado e, conseqüentemente, fui feito instrumento de misericórdia. (Cf. MM 16)

O agir misericordioso é carregado de compaixão, de um “colocar-se no lugar do outro”, que no entender do Papa é aquilo que Jesus sentia e desta forma agia. Ele entende que o agir humano na misericórdia não é completo quando não se deixa

afetar pela realidade de sofrimento e exclusão de tantas pessoas. “A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros” (EG 88). E Francisco prossegue afirmando que o “desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89). E ainda: “nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a carregar as cargas uns dos outros” (EG 67).

O projeto do Reino que Jesus veio instaurar é o Reino de Deus. O agir com misericórdia é estar numa conversão permanente e constante para sair de nós, das nossas referências, para ser com os outros e se importar com eles; de sair do nosso egoísmo para nos acercar da forma de amar de Deus. Esta caracteriza-se na atitude do abraço. Deus no abraço nos acolhe porque nos ama; se preocupa com cada um de nós e está sempre pronto para nos acolher.

2.3.2 A conversão fruto da misericórdia

No gesto do abraço do Pai misericordioso está a atitude de acolhida¹⁰⁴. Ela é característica fundamental de quem ama, não condena e sempre espera. Quem espera alimenta a esperança de que o germe do amor colocado no coração desperte para uma atitude nova. Por isso Deus tem paciência conosco. Ele não se importa em esperar. Baseado na atitude de Deus para conosco o Papa afirma que toda a pessoa é um ser sagrado que merece a nossa dedicação pois ela é obra de Deus, criada à sua imagem, reflexo de sua glória e objeto da ternura infinita do Senhor. Por ela, na cruz, Jesus Cristo deu o seu sangue precioso por amor (Cf. EG 274).

Ter acesso à glória é entrar na lógica de Deus e na sua forma de relacionar-se com cada pessoa, compreendendo-a numa nova perspectiva.

¹⁰⁴ O Papa Francisco em outros textos como a MV n° 9 cita as parábolas da misericórdia e ao comentá-las afirma que nelas está a alegria de Deus, “sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão”.

Nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão. É por este motivo que nenhum de nós pode por condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido. Por isso, não podemos correr o risco de nos opor à plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa (MM 2).

O amor é a chave que permite uma nova perspectiva de vida marcada pela misericórdia. O Papa Francisco expressa essa ideia da seguinte forma: “a identidade cristã, que é aquele abraço batismal que o Pai nos deu em pequeninos, faz-nos anelar, como filhos pródigos – e prediletos em Maria –, pelo outro abraço, o do Pai misericordioso que nos espera na glória” (EG 144). Em Jesus, Deus se aproximou e abraçou todos os pequeninos. Por sua Palavra Ele nos resgata da autorreferencialidade e insere-nos num caminho de conversão onde está presente a misericórdia. Para o Papa Francisco Deus sempre está pronto para oferecer a sua misericórdia (Cf. EG 3), pois “a misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a sua compaixão. Cada manhã ela se renova” (EG 6).

Revestidos da misericórdia de Deus o Papa convida para ir ao encontro dos outros. Esta atitude exige ternura e abertura para o amor, que no contato com o outro, mediado pelo amor de Deus, ganha proporções de ser “incondicional”. O coração cheio de misericórdia e compaixão revela o rosto da ternura do Pai que é a referência para o nosso agir. O Papa Francisco afirma que “o primeiro e único passo necessário para experimentar a misericórdia, acrescentou o Papa, é reconhecer que necessitamos de misericórdia. Jesus vem em nosso auxílio quando reconhecemos que somos pecadores.”¹⁰⁵ E nos convida para orientar o nosso agir pelo agir do Pai. O agir do Pai tem por referência o agir da Trindade que é a comunidade perfeita na misericórdia e no amor.

2.3.3 Misericordiosos, a exemplo da Trindade

Ao pensar a misericórdia numa perspectiva trinitária acontece a síntese de tudo quanto aqui foi refletido sobre o agir de Jesus na ótica da misericórdia como o Papa Francisco faz referência na *Evangelii Gaudium*: Deus, no amor, pela encarnação em

¹⁰⁵ FRANCISCO, Papa. *O nome de Deus é misericórdia*, p. 16.

Jesus assume a nossa fraqueza, fecunda a humanidade com amor, para que no amor todos, movidos pelo Espírito, sintam-se chamados a doar-se pelos outros.

Afirma o Papa:

A Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). O que fizermos aos outros, tem uma dimensão transcendente (EG 179); A todos quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: “Tive fome e destes-Me de comer”, ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (Cf. Mt 25, 34-40) (EG 197).

O nosso agir tem como fonte de inspiração o agir de Deus Trindade que é a comunidade perfeita no amor. Por isso, segundo Francisco devemos sempre procurar, desejar e cuidar bem dos outros pois criados à imagem da comunhão divina, não podemos nos salvar sozinhos (Cf. EG 178). Nosso vínculo com Deus se expressa na forma com o que concretizamos na vivência dos seus valores junto com as pessoas que Ele coloca em nosso caminho.

Reconhecer o amor, que recebemos deve nos levar a testemunhá-lo. Este pensamento encontra acolhida no pensamento do Papa quando afirma que

gratuitamente recebemos, gratuitamente damos. Somos chamados a servir Jesus crucificado em cada pessoa marginalizada. A tocar a carne de Cristo em quem é excluído, tem fome, tem sede, está nu, preso, doente, desempregado, perseguido ou refugiado. Ali encontramos o nosso Deus, ali tocamos o Senhor. Foi o próprio Jesus quem o disse, explicando qual será o critério pelo qual todos seremos julgados: todas as vezes que fizermos isso ao menor dos nossos irmãos, teremos feito a Ele (Mt 25, 31-46).¹⁰⁶

Esta compreensão de que no irmão está o prolongamento do amor de Deus e que a nossa salvação passa pelas atitudes que temos em relação a quem nos é próximo revela que o amor trinitário é a referência para orientar o nosso agir. Este Deus que na sua onipotência por meio de Jesus e no Espírito, nos abraça na nossa

¹⁰⁶ FRANCISCO, Papa. *O nome de Deus é misericórdia*, p 137.

fraqueza espera que saibamos abraçar todos os que são prolongamento do amor da Trindade.

2.3.4 No mistério salvífico

O amor que Deus nos oferece sempre e com o qual nos acalenta é a sua salvação. Pode-se dizer que reside neste pensamento uma das máximas do Papa Francisco.¹⁰⁷ Em entrevista concedida ao Padre Antônio Spadaro, o Papa Francisco afirma: “O mais importante, no entanto, é o primeiro anúncio: Jesus Cristo salvou-te”¹⁰⁸ Este mesmo pensamento, porém numa reflexão mais aprofundada, é citado, posteriormente pelo Papa no texto da *Evangelii Gaudium* quando afirma: “O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que [...] nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. [...] “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar” (EG 164).

A ressurreição de Jesus é a confirmação do amor de Deus por nós. No mistério pascal somos resgatados de uma vida isolada e transportados para uma vida nova por meio da salvação que Deus nos oferece. Ela sempre se dá por meio de uma mediação concreta¹⁰⁹, ou seja, o nosso agir para com os outros. Desta forma, se cada um, na sua liberdade, iniciar um processo que culmina num caminhar segundo a misericórdia está realizando aquilo que o Papa tira do ensinamento de São Tiago: “Falai e procedei como pessoas que não de ser julgadas segundo a lei da liberdade. Porque, quem não pratica a misericórdia, será julgado sem misericórdia. Mas a misericórdia não teme o julgamento” (Tg 2, 12-13) (EG 193).

O Papa Francisco entende que o agir sem misericórdia é agir sem o Espírito de Deus. Ele vê na misericórdia um elemento constitutivo e central de uma nova sociedade em que todos são acolhidos e valorizados a partir da sua história e, nesta história, têm a capacidade e a sensibilidade para perceber a força operante do amor de Deus. Ele nos permite olhar para a realidade a partir da esperança da qual somos

¹⁰⁷ Basta ler a *Evangelii Gaudium* e perceber que a palavra salvação aparece trinta e cinco vezes (35x) considerando os termos salvar, salvação e salvífica. Também há três referências a Jesus como Salvador.

¹⁰⁸ SPADARO, Antonio. *Entrevista Exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro*, p. 19.

¹⁰⁹ O Papa Francisco no seu livro a Igreja da misericórdia afirma que “no Evangelho de João, o apóstolo Tomé experimenta precisamente a misericórdia de Deus, que tem um rosto concreto: o de Jesus, de Jesus Ressuscitado.” FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia*. Minha visão para a Igreja, p. 11.

convidados a sermos portadores. Kasper, comentando o pensamento do Papa afirma que uma revolução baseada no regresso às origens do Evangelho, baseada na misericórdia, pode mudar o mundo.¹¹⁰

O agir com misericórdia constitui-se como elemento importante e primordial da Igreja que surge a partir de Jesus Cristo. Guiada pelo Espírito é fiel continuadora da obra iniciada por Jesus e encarregada de acolher, oferecer, agir e olhar com misericórdia para todas as realidades as quais necessitam de cuidado. Auxiliada pelos santos, doutores e pastores aprofunda a sua ação misericordiosa no mundo.

Para o Papa Francisco a misericórdia é fruto do amor de Deus que se compadece da miséria humana. Ele, como Pai, nos acolhe como Filhos, apesar das nossas fraquezas e pecados pois acredita que sempre existe a possibilidade de crescer na vivência do amor a partir de relações baseadas na justiça. Para o Papa o compadecer-se deve levar ao agir para a libertação da outra pessoa.

Este agir tem por referência o agir da Trindade, que no Espírito proporciona ao encontro com o Evangelho que nos levará a uma conversão ao projeto de Deus. Fruto desta mudança será o processo de sair da nossa autorreferencialidade para nos aproximarmos dos outros, tocar a suas feridas e nos comprometer no agir em favor destes.

2.4 CONCLUSÃO DA SEGUNDA SEÇÃO

Para Francisco somos transformados pelo encontro com o Evangelho. Ele devolve a alegria de sermos Filhos de Deus e convida a viver a partir da opção por Jesus Cristo. Esta se resume em viver no amor e favorecer para que todos tenham vida e vida em abundância (Jo 10,10). Por isso, para o Papa todas as pessoas são importantes, pois foi o mesmo Deus que as criou e nesta relação nos compromete uns com os outros.

Deus, fonte de amor e alegria, que a nós foi manifestado por Jesus Cristo (Cf. EG 7) e que continua a atuar no mundo por meio do Espírito, move-nos em direção ao outro, a fim de anunciar as maravilhas do Reino. O encontro com o outro nos converte e faz com que sejamos convidados a testemunhar o amor do Filho encarnado

¹¹⁰ Conforme KASPER, Walter. *Papa Francisco. A revolução da misericórdia e do amor*, p. 127.

que optou por viver entre os pobres e para a nossa salvação aceitou, no amor morrer na cruz.

Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco revela este Deus que se encarna na vida do povo e ao oferecer sua Palavra nos enche de alegria para sermos testemunhas do seu amor, mediante a uma vida de conversão e doação total ao outro. Isto resulta na partilha dos dons e na valorização da cultura do outro onde Deus também se revela de maneira particular. Quem congrega e une tudo é o Espírito, a força de Deus que nos impulsiona a ir além de nós mesmos, das estruturas, das teorias rígidas, dos sistemas fechados e da nossa autorreferencialidade. O Espírito leva a anunciar a alegria do Evangelho, mediante o convite ao seguimento a partir de uma conversão de vida voltada para o outro.

Esta vida nova é caracterizada pela acolhida do amor de Deus, que na sua misericórdia, abre a possibilidade de participar da plenitude do seu amor. Este se traduz numa de total doação aos outros. Isso só será possível, no entender do Papa Francisco, mediante uma vida transformada pelo Evangelho. Ela muda o nosso olhar para o mundo e as nossas relações para com os outros.

A Boa Nova de Deus faz com que cada qual sinta-se responsável pela vida do outro, pela casa comum e por meio da vivência do Evangelho da misericórdia, ajude a construir uma nova sociedade, marcada pelo valor de cada ser humano, de cada cultura e portadora da semente de esperança e de paz.

O convite que Francisco faz na *Evangelii Gaudium* é que todos testemunhem a alegria do Evangelho e que a façam chegar para todos, acreditando no poder da Palavra e na força que ela contém para transformar as relações no mundo. Combater a lógica da autorreferencialidade e conclamar a comunhão a fim de que todas as pessoas tenham vida digna. Proclamar o Evangelho da misericórdia é oportunizar a todas as pessoas condições de colocar em comum os seus dons para o proveito de todos.

3 PROCLAMAR O EVANGELHO DA MISERICÓRDIA

O Evangelho é a alegria do Deus que se comunica no amor. A vitalidade presente na Palavra converte e impulsiona para ir além; ir ao encontro dos outros e partilhar esta alegria. O encontro é ocasião propícia para transmitir e anunciar um Deus, que na misericórdia se aproxima, acolhe e cuida de cada pessoa. O convite ao seguimento e a sua acolhida permitem com que o Senhor nos transforme no caminho e faça de cada um de nós seus discípulos-missionários, chamados a proclamar o Evangelho da misericórdia.

Na *Evangelii Gaudium* o Papa pede para concentrar o anúncio no essencial, no que é mais belo, importante, atraente e necessário (Cf. EG 35). Portanto o anúncio deve apresentar a alegria contida no Evangelho. Nele está o gesto de grandeza de Deus, que ao sair da sua onipotência, aproxima-se de cada pessoa e oferece-lhe, constantemente, o Seu amor (Cf. EG 37). O Evangelho traz a atitude do Filho, que assumiu toda a riqueza e fragilidade da natureza humana e que convida a ser próximos de Deus, ser seus discípulos, e permitir que a Boa Nova nos converta. Ela está fecundada pelo Espírito, que transforma a nossa vida, tira-nos da autorreferencialidade e inserindo-nos num novo horizonte marcado pela misericórdia e pela alegria de uma vida doada pelos outros.

A salvação que Deus oferece, fruto de sua misericórdia, revela o quão importante somos para Deus. Cada dia, Ele vem ao nosso encontro, enche-nos de sua alegria e lança-nos em direção aos outros. Deus conhece nossas fraquezas, mas acredita que cada um é capaz de acolher e compreender a mensagem do Evangelho. Quando este processo acontece a vida se transforma e alarga o horizonte do viver. É impossível ficar indiferente diante da alegria provocada pela Boa Nova. Ela convida à “imitação de Cristo” que se resume no viver para os outros. Esta atitude exige acompanhamento, paciência e a valorização dos pequenos frutos da caminhada.

O Papa Francisco diz que o anúncio do Evangelho é a primeira caridade (Cf. EG 199). Vivê-lo é ser sensível pela realidade do outro e desejar unicamente o seu bem. Viver a partir do Evangelho é colocar a primazia nos valores de Deus e combater tudo o que gera exclusão. A busca pela paz está em reconhecer o valor que há na outra pessoa e estabelecer vínculos, para que no respeito às diferenças, se consiga criar condições de convivência na sociedade.

O Evangelho da misericórdia move-se pela esperança de um Deus paciente, que crê na capacidade de cada um de ser capaz de assumir como seus os sentimentos de Cristo: desejar, buscar, querer e viver para que todos possam ter vida, e vida em abundância (Cf. Jo 10, 10). Por isso muito mais do que condenar, o Papa Francisco convida a acolher e oferecer esta vida nova que vem de Deus. E sempre deixar que o Espírito nos conduza na direção aos outros.

3.1 A ALEGRIA DO EVANGELHO

O encontro com o Evangelho é o encontro com o que de mais precioso existe: o encontro com o Filho, o *logos*, o Verbo encarnado, o amor de Deus dado à humanidade. Esta experiência transforma cada pessoa e injeta nela a força e o dinamismo do Espírito. Ele move-nos para além de nós mesmos pois é impossível conter a alegria provocada pelo amor do Senhor.

O discípulo-missionário segue as pegadas de Jesus. Ao testemunhar o amor de Deus, indo ao encontro do outro, inicia um processo que visa o seu bem. Há um envolvimento, um acompanhamento e a paciência para ver os frutos deste processo e se alegrar com os sinais da presença do Reino. Ao sair da sua autorreferencialidade descobre a riqueza de viver para os outros como o fez Jesus.

O testemunho de uma vida marcada pela alegria apoia-se numa vida transformada por Deus que continuamente se revela por meio da vida dos outros, e dentre estes, de modo preferencial, os pobres. Com eles Jesus se alegra porque o Reino lhes fora revelado (Cf. Lc 10, 21); com eles aprendemos a valorizar as pequenas coisas e lutar por sua dignidade.

3.1.1 A alegria do encontro com o Evangelho

O Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium*, destaca a transformação que acontece na vida das pessoas que se deixam encontrar pelo Evangelho. Para ele o “movimento interior, provocado pelo encontro com Cristo, revela como o Evangelho

é força viva [...]. Deus é vida mobilizadora, é centro que irradia alegria, e assim impele para adiante e faz avançar” (EG 3-4).¹¹¹

Avançar significa apropriar-se do Evangelho como uma forma de vida, ou fazer do Evangelho regra de vida. Neste particular creio que é possível vincular Francisco, o Papa, com Francisco, o santo de Assis, que colocou como sendo regra de vida para si e para os seus viver o Evangelho.¹¹² Esta atitude o Papa expressa ao afirmar que “Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (EG 259). Para Francisco o Senhor “quer servir-Se de nós como seres vivos, livres e criativos, que se deixam penetrar pela sua Palavra antes de a transmitir; a sua mensagem deve passar realmente através do pregador, e não só pela sua razão, mas tomando posse de todo o seu ser” (EG 151).

Segundo ele, é o encontro com o Senhor que nos transforma. Quanto mais nos apropriamos de Deus com mais ardor conseguiremos transmiti-lo para os demais e resistir às diferentes “tentações”, colocadas ao longo do caminho. A Igreja precisa de evangelizadores com Espírito, pessoas que unem oração e trabalho. Alerta que “sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se.” (EG 262)

O encontro com o amor salvífico de Deus nos rejuvenesce (Cf. EG 11) e nos torna transbordantes de alegria, cheios de coragem para anunciar o Evangelho (Cf. EG 263). Francisco diz que a alegria do Evangelho é uma alegria missionária (Cf. EG 21). Esta é a alegria que vem do Espírito é a alegria com a qual os apóstolos foram revestidos no dia de Pentecostes. Este deverá ser o Espírito daqueles que vivem a alegria do Evangelho. Costa, ao comentar o texto de EG 264, afirma que

a primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria? Se

¹¹¹ PÁDUA, Lúcia Pedrosa. O Ser humano centro da Evangelii Gaudium in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 135.

¹¹² Conforme está em TEIXEIRA, Márcio Celso (org). *Fontes Franciscanas e Clarianas*, p. 158 – Regra Bula 1.

não sentirmos o desejo intenso de comunicar Jesus precisamos nos deter em oração para lhe pedir que volte a cativar-nos.¹¹³

O amor que recebemos de Jesus nos contagia e inebria de tal maneira que é impossível ficar indiferente. Comunicar este amor revela a beleza e a riqueza provocada em cada pessoa pela vida que há na Palavra, pois faz com que aconteça o movimento de saída de si em direção ao outro. O encontro é momento propício e favorável para comunicar e testemunhar a alegria provocada pelo Evangelho. Desta missão ninguém é excluído.

3.1.2 O Kerigma – anúncio alegre

Para o Papa o Kerigma deve concentrar-se naquilo que é mais necessário, ou seja, comunicar “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). Esta é a síntese da vida de Jesus: resgatar as pessoas da sua autorreferencialidade e inseri-las no mistério de Deus num ato grandioso de doação. Este gesto deve impulsionar a uma nova vida: uma vida de doação, de compaixão, de cuidado e saída de nós mesmos para ir ao encontro dos outros.

O anúncio alegre é fruto da experiência de quem se deixou encontrar pelo Evangelho. O amor recebido de Deus ao ser partilhado se potencializa. Partilhar a riqueza recebida pela acolhida da Palavra é tarefa de todos os batizados, pois todos “devem anunciar a salvação de Cristo e promover os valores evangélicos na sociedade, sendo assim sujeitos ativos na Igreja”.¹¹⁴ O Papa na EG 9 afirma:

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicado, o bem radica-se e desenvolve-se. Por isso, quem deseja viver com dignidade e em plenitude, não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem.

¹¹³ COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 153.

¹¹⁴ MIRANDA, Mário de Franca. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 189.

No entender do Papa Francisco esta experiência de ser amado por Deus, de sentir-se chamado a ir ao encontro do outro e lhe comunicar a Boa Nova, a alegria que brota do coração fecundado pelo Evangelho projeta a pessoa para além de si mesma. Quem fez a experiência do amor de Deus percebe o quão gratificante e importante é ter sensibilidade e respeito pela vida do outro e lhe oferecer a riqueza contida no Evangelho. É ser discípulo missionário da alegria. Para exemplificar isto o Papa Francisco segue um método que parte da antecipação de Deus na nossa vida e vai até reconhecimento e a celebração desta presença gratuita no dia a dia.

3.1.3 O método pedagógico da *Evangelii Gaudium*

O método pedagógico do anúncio do Evangelho que o Papa Francisco propõe na *Evangelii Gaudium* e, que está condensado em EG 24, estrutura-se a partir do conceito “PRIMEIREAR”. Francisco afirma que Deus sempre nos precede com o seu dom. Ele nos adota como filhos a quem, qual Pai, oferece gratuitamente a iniciativa do dom da sua graça. (Cf. EG 162). A comunidade que experimentou este dom, o amor de Deus, sente-se chamada a “primeirear”, a ir ao encontro dos outros, a antecipar-se, como Deus fez quando, gratuitamente, nos deu o seu Filho, ou seja, a comunidade é chamada a “assumir a sua kénosis, tendo ela mesma o mesmo sentimento de Cristo Jesus (Cf. Fl 2, 5), pondo-se de joelhos, abaixando-se para poder servir mais tocando a carne sofredora de Cristo no povo”.¹¹⁵ No amor do Pai e na atitude de Jesus Cristo a comunidade missionária é vocacionada a ser próxima de todos, de modo especial daqueles que não têm quem olhe por eles.

No entender de Suess¹¹⁶ há uma preocupação do Papa Francisco quanto ao vigor missionário da Igreja. Para o teólogo a distância dos pobres provoca o roubo da força missionária (Cf. EG 109). Por isso Jesus nos quer como homens e mulheres do povo. Esta interpelação e indicação, a Palavra de Deus nos fornece de maneira clara, direta e contundente, não precisando de interpretações.

O viver para os outros é consequência de uma “adesão livre e responsável ao Evangelho de Jesus Cristo, que transforma todas as dimensões da pessoa e das

¹¹⁵ KUZMA, César. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 204

¹¹⁶ Conforme SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral, p. 17.

estruturas sociais”.¹¹⁷ O sair de si para ir ao encontro do outro é consequência de uma vida transformada pelo Evangelho. Nela estão presentes algumas atitudes importantes de um processo que favorece a encarnação do Evangelho em cada cultura. As atitudes são expressas em quatro verbos: a) envolver, b) acompanhar, c) frutificar e d) festejar.

a) Envolver

Parte do princípio que em cada realidade existe o germe do Evangelho. Somente mediante uma “abaixar-se” e conviver com o outro é possível perceber os valores e compadecer-se das fragilidades e sofrimentos presentes. Para o Papa Francisco um coração missionário se faz fraco com os fracos e tudo para com todos, pois sempre procura fazer o bem possível (Cf. EG 45). O gesto de Jesus de lavar os pés (Jo 13) ilustra esta atitude de uma vida de doação aos outros. Quem se envolve por querer o bem da outra pessoa, ele a acolhe, a serve, e, se necessário, a remedia, mas nunca a condena, pois está movida por amor. O encontro com o Evangelho nos leva a desenvolver o melhor que podemos pelos outros: ser próximo, capaz de escutar o outro e se comprometer por sua causa (Cf. EG 171).

b) Acompanhar

Esta atitude vem acompanhada de outras duas palavras que ajudam a entender o sentido que o Papa quer dar na EG 24, ou seja, a palavra processo e paciência. O Evangelho é que vai transformando a vida das pessoas. Cada um reage a seu modo no contato com a Boa Nova. Isso exige paciência da parte de quem acompanha (Cf. EG 44). O mudar o ritmo para poder escutar, olhar nos olhos e acompanhar o outro se faz necessário (Cf. EG 46). Francisco lembra que, antes de considerar as limitações é necessário entender o processo de cada um a partir da sua realidade de vida.

A prioridade dos processos leva a não se ater aos resultados imediatos, antes, a ‘privilegiar as ações que geram dinâmicas novas’ (Spadaro, 2013:27). Daí a importância, tão presente na Exortação, de acompanhar, esperar, escutar as pessoas em seus processos, sempre condicionados, mas em direção a um crescimento, a um progresso pessoal (Cf. EG 169-173).¹¹⁸

¹¹⁷ TAVARES, Cássia Quelho. Contornos éticos na *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 213.

¹¹⁸ PÁDUA, Lúcia Pedrosa. O Ser humano centro da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 140.

c) Frutificar

É saber valorizar cada pequeno progresso na vida das pessoas. Acreditar na potencialidade da Palavra, a partir da semente lançada. Nela há uma força que faz aparecer os frutos, mesmo que estes sejam imperfeitos; não tira deles a sua beleza e a riqueza provida da Palavra. A alegria é um sinal de que o Evangelho foi anunciado e está a frutificar” (EG 21).

d) Celebrar

Valorizar cada pequeno gesto que acontece em vista do bem. É a atitude da comunidade que sabe reconhecer que todo o bem tem a sua origem em Deus e por isso merece louvor e ação de graças.

3.1.4 Chamados a viver com alegria

O primeiro chamado que recebemos de Deus é o chamado à vida. Viver a partir do amor do Pai e comunicá-lo aos demais é extravasar o amor de quem vive unido à videira verdadeira e produz frutos (Cf. Jo 15). Estes não são méritos nossos, mas a ação da graça de Deus que nos transforma pela Palavra. No entender de Francisco, “evangelizamos para a maior glória do Pai que nos ama” (EG 267). Movidos pela força deste amor somos conduzidos para onde Deus quer e a realidade necessita.

Na Palavra de Deus existe um dinamismo que nos leva a sair de nós mesmos a fim de comunicar aos outros a alegria do Evangelho. Este potencial que não conseguimos prever, é a força de Deus da qual a Palavra está grávida, que nos convida à comunhão e itinerância. Por isso, somos chamados a ir anunciar esta alegria e permitir que todas as pessoas participem dela (Cf. EG 19-23).

O testemunho é uma palavra muito importante para o Papa. Somente quem fez a experiência de se deixar encontrar pelo Evangelho e vive a partir da alegria que está nele contida é capaz de mover-se em direção aos outros. Para Francisco “o Evangelho tem uma força, que é a palavra de Deus. E, na palavra de Deus, no Evangelho, há o

Senhor”.¹¹⁹ A força existente na Palavra provoca para o movimento do sair de si e ir em direção aos outros. É o Espírito Santo que age e provoca este movimento.

O Papa Francisco afirma que “a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária” (EG 21). O convite que Jesus faz é ir ao encontro dos outros e compartilhar a alegria de ter experimentado o amor de Deus. É o que se costuma chamar de “vestir a camiseta”, testemunhar aos outros o quanto bom e belo é poder doar aos outros.

Este envolvimento é fruto de uma abertura de vida para Deus, a fim de que inspirados no ensinamento do Filho, no poder do Espírito Santo, sejamos capazes de demonstrar a fé de maneira concreta por meio de gestos em favor dos outros. O “nadar contra a corrente” implica em assumir como suas as causas de Jesus Cristo, ou seja, procurar o bem dos outros e dar testemunho da verdade.¹²⁰

Para Miranda “o Papa insiste na evangelização pelo contato pessoal (EG 127), já que se trata de comunicar aos outros a própria experiência salvífica do encontro com Jesus Cristo à semelhança dos primeiros discípulos, da samaritana e de Paulo (EG 120)”¹²¹. A transformação provocada pelo encontro com Jesus leva a assumir a sua opção. Desta forma o Evangelho não será meramente uma teoria; mas uma forma de viver e ser na sociedade. Esta vida se resume em “deixar de se pertencer” a fim de poder “ser para os outros” mediante aquilo o Papa conceitua como “eu entrego a minha vida”.¹²²

A pergunta que surge na carona desta afirmação é: por quem Jesus entregou a sua vida? O Papa Francisco é enfático ao afirmar que também “é preciso também desenvolver o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas, até chegar a descobrir que isto se torna fonte duma alegria superior. A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo” (EG 268). O permanecer ao lado dos pobres é o centro da vida de Jesus. Ele se alegra porque Deus revelou o seu amor, de modo preferencial, a eles (Cf. Lc 10,21).

¹¹⁹ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 235.

¹²⁰ Conforme. FRANCISCO, Papa. *Caminhar com Jesus*. O coração da vida cristã, p. 70-71.

¹²¹ MIRANDA, Mário de Franca. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 190.

¹²² FRANCISCO, Papa. *O Futuro da fé*, p. 55.

3.1.5 Jesus Cristo – Alegria dos pobres

Jesus é a alegria dos pobres¹²³ porque foi enviado, preferencialmente a eles. Ao olhar para eles e se aproximar não lhes negou o que possuem de mais valioso: a sua dignidade. Esta atitude leva a estabelecer uma nova forma de relacionamento. Os pobres reconhecem e valorizam a Jesus porque percebem que Ele procura dar-lhes nova perspectiva de vida mediante a libertação diante de tudo que os oprime. São capazes de valorizar cada pequeno gesto de Jesus em favor deles e colocam em Jesus toda sua esperança (Cf. EG 271).

O Papa Francisco faz uma síntese da vida de Jesus marcada pela alegria de ser acolhido pelos pobres, de viver entre eles e como eles e de reconhecer a força que há neles. (Cf. EG 5 e EG 197) Tanto em Mateus como em Lucas Jesus proclama que são felizes e/ou bem-aventurados os pobres (Cf. Lc 6, 20 e Mt 5, 4). Jesus os faz participantes do Reino, e não só isso, mas os privilegiados do Reino.

Jesus é a alegria dos pobres porque se preocupa com cada um e valoriza cada pessoa dando-lhes uma nova perspectiva de vida. Ele resgata a dignidade do pobre: potencializa aquilo que Deus colocou em cada um deles e convida a partilhar a riqueza da sua vida. O Papa afirma que “toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e quotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal” (EG 265).

O Papa Francisco, com esta afirmação, faz o convite para três atitudes importantes e decisivas para quem deseja viver com base no Evangelho: a primeira está na forma de olhar o mundo. Jesus ao valorizar os pobres e partilhar com eles Sua alegria faz entender que todos são importantes. É a lógica do poliedro (EG 236). A segunda atitude diz respeito àquilo que o Papa entende que seja, de fato, seguir Jesus Cristo pobre; consiste em optar pelos que vivem à margem da sociedade e empenhar-se por eles.¹²⁴ A terceira atitude tem por base a afirmação de que “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres” (EG 197). Ela nos leva a

¹²³ Para Aquino Júnior “quando fala de ‘pobre’ e/ou de ‘periferia’, o Papa Francisco fala dos excluídos (econômica, social, política, culturalmente, etc), dos pequenos, dos que sofrem, enfim, ‘dos mais frágeis da terra’” AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Uma Igreja pobre e para os pobres. Uma abordagem teológico-pastoral*, Revista Pistis p. 646.

¹²⁴ Na EG 191 afirma: “Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos”

alargar a forma de compreender as pessoas, ou seja, como discípulos da misericórdia, acolher e acreditar na conversão provocada pelo encontro com Jesus Cristo em cada pessoa (Cf. EG 30).

Para o Papa Francisco

“Todos! Desde o primeiro batizado, todos somos Igreja, e todos devemos caminhar pela estrada de Jesus, que percorreu Ele mesmo um caminho de despojamento. Tornou-se servo, servidor, quis ser humilhado até a cruz. E se nós quisermos ser cristãos, não há outro percurso. [...] O Evangelho é o Evangelho! Deus é único! E Jesus fez-se servo por nós e o espírito do mundo não tem lugar aqui”.¹²⁵

O apropriar-se do Evangelho implica em uma nova forma de vida. É deixar de lado as seguranças, os conceitos mundanos, a vida na autorreferencialidade, para poder viver para os outros. Na EG 209 afirma “que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra”. Seguir Jesus implica em deixar tudo por amor ao Reino; renunciar a si mesmo e assumir a vida dos outros, no amor, como própria. “Chegamos a ser plenamente humanos, quando formos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro” (EG 8).

3.2 SEGUIR O CRISTO POBRE

O tema do seguimento de Jesus é muito caro ao Papa Francisco. Um dos motivos está na base de sua formação religiosa como jesuíta.¹²⁶ O Cristo do Papa Francisco é o Cristo pobre. Este aspecto transparece na Exortação *Evangelii Gaudium*. No entender do teólogo Francisco Aquino Júnior

¹²⁵ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja*, p. 91.

¹²⁶ Vera Evanise Bombonato afirma que “os Exercícios Espirituais de Santo Inácio estão baseados no seguimento de Jesus (BOMBONATTO, Vera Evanise. *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem a partir da Cristologia de Jon Sobrino, p. 27. Maria Clara Bingemer afirma que a espiritualidade inaciana é eminentemente apostólica e missionária. (Conforme. BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Mística, práxis y misericórdia*. El impacto de la Teología del Papa Francisco sobre las Teologías de hoy, p. 6.

Os fundamentos teológicos da “opção pelos pobres” são claros: “derivam da nossa fé em Jesus Cristo” (EG 186), ‘deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós’ (EG 188). Não é uma questão meramente opcional. É algo constitutivo da fé cristã (Cf. EG 48). Por isso mesmo, os cristãos e as comunidades cristãs ‘são chamados, em todo lugar e circunstância, a ouvir o clamor dos pobres’ (EG 191) e a ser ‘instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres’ (EG 187).¹²⁷

No entender do Papa Francisco a fé em Jesus Cristo implica em empenhar-se para que todas as pessoas possam ter condições de vida digna. Deus nunca deixou nenhum dos seus filhos desamparados. Jesus seguiu esta mesma lógica. Os primeiros cristãos, fiéis a Cristo, colocavam tudo em comum e ninguém passava necessidade (Cf. At 2). Da mesma forma os que seguem a proposta de Jesus Cristo hoje são chamados a “desejar, buscar e cuidar o bem dos outros” (EG 178).

Para que isto aconteça se faz necessária uma conversão pessoal que implica em, sobretudo, no “desacomodar”, sair da nossa autorreferencialidade para ir em direção aos outros. O Papa Francisco afirma que “a dignidade humana implica necessariamente ‘no estar a caminho’”¹²⁸, no sair do lugar onde se está tanto referencial como situacional, para “oferecer a todos a vida de Jesus Cristo” (EG 49).

O seguimento implica em passar da ortodoxia para à ortopraxis, ou seja, “uma verdade de fé (ortodoxia) a ser verificada ou feita verdade na vida e missão da Igreja (ortopraxis)”¹²⁹. O Papa traduz estas expressões na *Evangelii Gaudium* em frases como: “A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne” (EG 88) é “descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado” (EG 91).¹³⁰ Lúcio Casula afirma que “o modo de viver cristão prevê seguir Jesus na sua estrada, aquela estrada que inevitavelmente leva à cruz.”¹³¹

¹²⁷ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Uma Igreja pobre e para os pobres*. Uma abordagem teológico-pastoral, Revista Pistis p. 645-646.

¹²⁸ FRANCISCO, Papa. *O Futuro da fé*, p. 23.

¹²⁹ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Igreja dos pobres*, p. 22

¹³⁰ De outra parte critica todos os grupos que procuram “vender” uma fé fechada num subjetivismo (Conforme. EG 93-97)

¹³¹ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares*. A Cristologia do Papa Francisco, p. 51.

3.2.1 Viver a opção pelos pobres

A opção pelos pobres não é uma ideologia, mas a concretização do desejo de Jesus. Para o Papa não basta somente anunciar o Evangelho, mas comprometer-se e envolver-se com a pessoa do outro, neste caso, o pobre. Francisco enfatiza que somente por meio de uma aproximação real como o pobre será possível servir a ele e querer o seu bem porque ele é belo. Também aprender a apreciá-lo na sua cultura, forma de viver, no modo de ser e na sua bondade (Cf. EG 199). No entender de Paulo Suess “na opção pelos pobres estão embutidas três opções: uma opção pelos lugares (periferias), outra pelos sujeitos (os pobres, os outros, os que sofrem) e mais outra pelas doutrinas.”¹³²

a) Ir às periferias

O Papa Francisco conclama todos para ir às periferias.¹³³ Isto implica em sair do centro e ir lá onde estão os pobres. Esta opção é feita a partir do encontro com o Evangelho e no “sentir o prazer espiritual de estar próximo da vida das pessoas”. (EG 268). Estar próximo implica em compartilhar da sua vida, das suas dores, angústias, esperanças e do profundo desejo de viver. O Papa na EG 269, ao falar de Jesus, afirma que Jesus olhava para as pessoas com amor e delas se aproximava. Não exclui ninguém: acolhe pecadores, prostitutas, mestres da lei, entre outros. (Cf. Mc 10, 21; Mc 10, 46-52; Mc 2, 16; Mt 11, 19; Lc 7, 36-50; Jo 3, 1-15).

A atitude de Jesus é referência para a o agir daqueles que vivem a partir do Evangelho. Ao oferecer o amor e se importar com cada pessoa Ele resgata a sua dignidade e lhe oferece a capacidade de uma mudança de vida cujo centro está em sair de si, da sua autorreferencialidade e voltar-se para o outro. Este processo envolve uma conversão interior muito grande e um desejo de optar por uma nova lógica que é a de viver para os outros, a exemplo de Jesus. Ele não excluía ninguém, mas o acolhia e tornava seu discípulo.

¹³² SUESS, Paulo. *Missão e misericórdia. A transformação missionária da Igreja segundo a Evangelii Gaudium*, p. 86.

¹³³ Aquino Júnior afirma que o Papa Francisco usa a expressão periferia para se referir ao mundo dos pobres. Citando EG 20, 30 e 59 inclui todas as periferias (sociais e existenciais). AQUINO JÚNIOR, Francisco. *Uma Igreja pobre e para os pobres. Uma abordagem teológico-pastoral*, Revista Pistis p. 646.

O ir à periferia significa dar valor para quem parece sem valor. Incluir quem está aparentemente excluído; é mudar a lógica. Reconhecer que todos são importantes. “Ali entram os pobres, com sua cultura, os seus projetos e as suas potencialidades” (EG 236). Para o Papa Francisco “não se vive melhor fugindo dos outros, escondendo-se, negando-se a partilhar, resistindo a dar, fechando-se na comodidade” (EG 272), mas procurando empenhar-se pelo outro em ações que lhe supram as suas necessidades emergenciais e que levam a recuperar a sua dignidade.

Suess afirma que os pobres possuem questões concretas como casa, comida e trabalho. Eles são o centro da Teologia desenvolvida pelo Papa Francisco. Os pobres, os famintos e os que sofrem, em primeiro lugar!¹³⁴ Há três atitudes que são complementares em relação aos pobres para as quais o Papa Francisco chama atenção na EG as quais foram conceituadas como: a) o auxílio emergencial, b) a inclusão produtiva e c) a garantia dos direitos básicos.

aa) Auxílio Emergencial

Este termo é utilizado para descrever a ação que deve ser a primeira em relação aos pobres. A maioria deles possuem necessidade imediata de alimento, roupa e moradia. Fazer campanhas de doação de alimentos, roupas e/ou ainda envolver-se em projetos que procuram suprir as “necessidades mais elementares” que as pessoas possuem como moradia se incluem neste contexto. Francisco fala da importância dos “gestos simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos (Cf. EG 188). Porém, só isto não basta.

ab) Inclusão produtiva

O termo inclusão produtiva quer designar a ação que procura qualificar as pessoas numa profissão, através de projetos sociais e/ou ações com entidades que oferecem cooperação neste sentido a fim de inseri-los no chamado mercado de trabalho. Pelo trabalho recuperam também sua dignidade.¹³⁵ O Papa afirma que “cada cristão e cada comunidade é chamada a ser instrumento de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade” (EG 187).

¹³⁴ Conforme SUESS, Paulo. *Missão e misericórdia*. A transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii Gaudium*, p. 19.

¹³⁵ Conforme FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 209.

ac) Garantia dos direitos básicos

Essa garantia é o que o Papa Francisco chama de “resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres” (EG 188). Em síntese seria todo o esforço feito para que todos os direitos assegurados aos pobres sejam, de fato, cumpridos. De outra parte questionar e lutar contra a desigualdade social marcada pela falta de fraternidade e compromisso com o pobre, sobretudo por uma sociedade autorreferencial.¹³⁶

Para o Papa dar pão a quem tem fome é um ato de justiça. Porém a fome de felicidade só Deus pode saciar. Afirma que uma sociedade que ignora que a vida é dom de Deus; um valor que deve ser sempre promovido e tutelado e que tem na família a base e o fundamento da convivência, como também o remédio para a desagregação social não consegue promover o bem comum e o verdadeiro desenvolvimento do homem¹³⁷.

Francisco comunga do pensamento de estudos bíblicos e teológicos das últimas décadas que afirmam que “não se pode falar de Jesus Cristo a não ser a partir e em função do reinado de Deus, e que no centro do reinado de Deus está a justiça dos pobres e marginalizados, isto é, a garantia e a defesa dos seus direitos”¹³⁸. Na *Evangelii Gaudium* diz que Jesus

quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20) (EG 197).

¹³⁶ O Papa afirma que não se fala apenas em garantir comida, mas prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos. Isto engloba educação, acesso aos cuidados básicos de saúde e trabalho livre, criativo, participativo e solidário, no qual o ser humano exprime e engrandece a dignidade de sua vida. Por meio do salário justo consegue acesso aos outros bens. (Cf. EG 192)

¹³⁷ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da misericórdia*, p. 96.

¹³⁸ PASSOS, João Décio e SOARES, Afonso M. *Francisco renasce a esperança*, p. 216. O mesmo texto está publicado em AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A Igreja dos pobres*, p. 54.

b) O cuidado espiritual dos pobres

O Papa revela uma preocupação quanto ao cuidado espiritual dos pobres. Para Francisco na maioria dos pobres há uma especial abertura à fé; eles têm necessidade de Deus e não podemos deixar de lhes oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta dum caminho de crescimento e amadurecimento na fé (Cf. EG 200). Este caminho é marcado pelo encontro com a proposta de Jesus Cristo, o Evangelho, a Boa Nova.

A abertura que os pobres têm para a fé e a sua identificação com Jesus está expressa nas formas próprias da religiosidade popular. A sua devoção e intercessão junto a um santo, à Maria e por meio deles o acesso pela fé a Deus e a Jesus Cristo (Cf. EG 90) expressam o carinho, o respeito e a confiança que tem na força da mãe de Jesus e nela sentem-se acolhidos e no próprio Jesus.

O Papa reconhece a força evangelizadora dos pobres. Na EG 198 afirma que

É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja. Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles.

Todo este esforço culminará por instaurar uma nova mentalidade que tem sua origem no Evangelho. Nas atitudes de Jesus, percebemos a preocupação pela vida que há nos outros. “O Papa lembra que ‘cada cristão e cada comunidade é chamada a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres (EG 187) e insiste na palavra solidariedade enquanto expressa uma nova mentalidade (EG 188)’”.¹³⁹

c) Uma cultura de solidariedade

A *Evangelii Gaudium* procura fazer uma crítica à cultura em que as pessoas se sintam “donas”, proprietárias dos bens criados por Deus, mas sem sentirem-se compromissadas com os outros. Esta mentalidade privilegia os interesses de alguns

¹³⁹ MIRANDA, Mário de Franca. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 193.

frente às necessidades da maioria. Para o Papa Francisco a “solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens. [...] Deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde” (EG 189).

Para o Papa, a cultura da solidariedade é a consciência de que se Deus criou tudo para o bem das pessoas. Logo todos deveriam ter acesso a estes bens e se responsabilizar pelo seu cuidado. Para ele a palavra solidariedade “significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG 188).

Francisco afirma que “da solidariedade nasce a nossa capacidade de nos abrir aos outros”.¹⁴⁰ Entendida desta forma muda também as relações entre as pessoas. A partir do Evangelho, com Jesus Cristo, aprendemos uma nova forma de nos relacionar. O Papa pede o esforço de cada um para acabar com tantas injustiças sociais. Para tanto é necessário passar de uma cultura autorreferencial, egoísta à cultura da solidariedade onde vemos no outro um irmão e por ele nos sentimos responsáveis. “A medida da grandeza de uma sociedade é dada pelo modo como esta trata os mais necessitados, os que não têm outra coisa senão a sua pobreza”.¹⁴¹

Uma sociedade fecunda da cultura da solidariedade defende a vida e a dignidade de todas as pessoas. A partir da vida, que é Jesus, brota a abundância de vida para todos (Cf. Jo 10,10). Esta compreensão do Evangelho faz frente a um outra “cultura” questionada pelo Papa: a cultura do descartável (EG 53). Esta cultura, baseada na autorreferencialidade e no acúmulo, precisamos enfrentar. Ela visa a desumanização do humano, privando-o de direitos como o trabalho e tratando-o como algo descartável, ou seja, possui valor somente quanto consegue servir para a finalidade que se deseja.¹⁴² Francisco admoesta na EG 195 que “a própria beleza do Evangelho nem sempre conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora”.

Toda esta preocupação que o Papa expressa quanto ao cuidado e a defesa da vida da pessoa humana está intimamente ligada ao cuidado da criação, da qual somos

¹⁴⁰ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 107.

¹⁴¹ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da misericórdia*, p. 96.

¹⁴² FRANCISCO, Papa. *Deus é jovem*, p. 29-32.

os guardiões (Cf. EG 215). Entende que “o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a sua origem”, conforme escreve na carta na encíclica *Laudato sí* (LS 99). Pela “vinculação afetiva”, que une todas as criaturas, “todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos” (EG 216). Por isso não podemos nos furtar de realizar a missão da qual somos revestidos, ou seja, enfrentar as causas estruturais da pobreza.

d) O enfrentamento das causas estruturais da pobreza

Na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco propõe três atitudes que são complementares para enfrentar a pobreza: a) a contestação de uma economia de exclusão; b) a inclusão social dos pobres e c) o agir pelo bem comum e pela paz social. Estas atitudes, que brotam do coração amoroso de Jesus Cristo, são sinal de esperança, pois uma fé autêntica comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, de se empenhar pela luta da justiça e de se preocupar por um mundo melhor (Cf. EG 183).

da) Não à economia de exclusão

Na sua origem está a negação do ser humano, considerando-o descartável, fruto da globalização da indiferença. Por detrás desta cultura que coloca o seu acento no consumo está a recusa de Deus. Diante desta realidade atual o Papa convida, em nome de Cristo, a uma solidariedade desinteressada que procura valorizar os pobres, fazendo-os participantes dos seus próprios bens e combatendo as situações de injustiça que afligem as suas vidas (Cf. EG 53-60).

db) Inclusão social dos pobres

A nossa fé em Cristo que Se fez pobre e deles se aproximou é o que deve nos motivar a assumir a sua causa e ouvir os seus clamores. Por isso o apelo que o Papa faz é que a Igreja se empenhe na luta por justiça convidando os mais favorecidos para colocar os seus bens ao serviço dos outros e do bem comum. O “não se esquecer dos pobres” (Gl 2, 2) colocado como critério chave para a vida dos primeiros cristãos serve ainda hoje como critério de avaliação se uma vida foi transformada pelo Evangelho (Cf. EG 186-201).

Francisco defende uma economia que procura realizar uma adequada administração da casa comum. Crê que pela política seja possível buscar o bem

comum e garantir os direitos dos pobres, combatendo as causas da pobreza. Por isso sugere que a dignidade humana, a luta pela justiça e a distribuição dos bens estruturam a política econômica, cuja finalidade será a promoção integral dos pobres (Cf. EG 202-208).

dc) O bem comum e a paz social

A paz é algo que precisa ser construído no dia a dia no respeito às diferenças, a luta pelo bem comum e pela dignidade da pessoa humana. Com base na Doutrina Social da Igreja, Francisco propõe quatro princípios que ajudam a avançar na construção de um povo em paz, justiça e fraternidade. Estes orientam o desenvolvimento social e a construção de um povo, no qual as diferenças são harmonizadas dentro de um projeto comum (Cf. EG 217-221), a saber: **1. O tempo é superior ao espaço** (Cf. EG 222-225). Parte do princípio de privilegiar ações que geram mudanças na sociedade a fim de construir, na paciência, a plenitude humana. Têm como referência a parábola do joio e do trigo (Cf. Mt 13, 24-30) e numa profunda confiança na ação do Espírito Santo, gerador de novos processos; **2. A unidade prevalece sobre o conflito** (Cf. EG 226-230). Todo o conflito é gerador de um novo processo. O Papa insiste na importância de promover a comunhão nas diferenças e lembra que são felizes os pacificadores (Mt 5, 9). Este critério recorda-nos que Cristo uniu tudo a si ao ressurgir vitorioso de um mundo marcado pelo conflito; **3. A realidade é mais importante do que a ideia** (Cf. EG 231-233). Este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento que por um lado, e valoriza a história da Igreja como história da salvação e por outro impele-nos a praticar a Palavra por meio de obras de justiça e caridade, nas quais torna-se fecunda a Palavra; **4. O todo é superior à parte**: (Cf. EG 234-237) parte do princípio da valorização da peculiaridade de cada povo, da sua cultura e valores, ou seja, a totalidade das pessoas numa sociedade que procura o bem comum que verdadeiramente incorpore a todos. A referência é o poliedro e não a esfera. Tem por base a Boa-Nova de um Pai que não quer que se perca nenhum dos seus pequeninos (Lc 15, 1-7), ou seja, o Evangelho não cessa de ser Boa-Nova enquanto não chegar a todos, curar e incluir todos à volta da mesa do Reino. Para Francisco a Igreja, fiel ao Evangelho, deve ser uma Igreja pobre, fiel a Jesus que se identificou com os mais pobres e pequeninos (Cf. EG 209).

3.2.2 Uma Igreja pobre

“O Papa Francisco faz dos pobres uma questão primeira e central na vida da Igreja e de seu pontificado.”¹⁴³ Esta opção é fruto da sua vivência como jesuíta e como Bispo e Arcebispo de Buenos Aires. Em seus discursos condenava os governos que oprimiam os pobres.¹⁴⁴ Para ele viver a partir do Evangelho é trazer ao coração aqueles que são os destinatários preferenciais da vida de Jesus, ou seja, os pobres.

É óbvio que querendo uma ‘Igreja pobre para os pobres’ o Papa Francisco vai buscar no próprio agir de Cristo esta opção e este agir de Deus em favor dos pobres que são os privilegiados no Reino do Pai. Mas o Papa Francisco não para no Mestre. Ele vai além. Ele busca também nos discípulos de Cristo, ou seja, nos primeiros cristãos, para ver como é que os discípulos da primeira hora entenderam o chamado e a mensagem de Jesus Cristo em relação aos mais necessitados. Eis que aí, entre os vários textos do NT, o Papa Francisco, tomando Gl 2, 2.10, faz esta importante colocação acerca do critério-chave de fidelidade ao Evangelho e de pertença à comunhão dos seguidores de Cristo, a Igreja.¹⁴⁵

Francisco contempla no seu apostolado a “Igreja dos pobres”, expressão cunhada por João XXIII e que no pós Vaticano II sinaliza a aproximação dos pastores com o seu povo. A primeira manifestação neste sentido foi feita pelo grupo dos Bispos conhecido por Pacto das Catacumbas. Este pensamento foi reforçado pelas Conferências latino-americanas ao colocar no centro da missão o assumir a causa do Evangelho de Jesus Cristo, a causa dos pobres e oprimidos. Fiel a esta caminhada o Papa aponta para uma reforma profunda na Igreja, fundada no Evangelho de Jesus Cristo, cuja característica fundamental é a justiça aos pobres, oprimidos e fracos.¹⁴⁶

Leonardo Boff afirma que o Papa Francisco crê num Jesus que ofereceu o seu amor incondicional a todos e que vai salvar a Igreja. Este Jesus nos ensinou a viver como filhos e filhas diante de Deus e, como irmãos e irmãs uns diante dos outros, na

¹⁴³ BRIGHENTI, Agenor. *Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha*, in SILVA, José Maria da. *Papa Francisco. Perspectivas e Expectativas de um Papado*, p. 18.

¹⁴⁴ Conforme está relatado em HIMITAN, Angelina. *A vida de Francisco: O Papa do povo*, p. 47-138

¹⁴⁵ GONZAGA, Waldecir. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial (EG 195) in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 91-92.

¹⁴⁶ Conforme AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus Cristo, in PASSOS, João Décio (org). *Francisco renasce a esperança*, p. 218-221.

solidariedade com os pobres, despojados das riquezas e sem nenhuma discriminação diante de qualquer pessoa, mas como servidores de toda a criatura humana.¹⁴⁷

O convite que o Papa faz para a cada um dos batizados é fazer valer a força santificadora do Espírito que recebemos no batismo. Convida a agir como discípulos de Jesus, transformados pelo seu amor e chamados a cooperar na sua obra. Esta obra começou com “o próprio Jesus Cristo, Boa-Nova do Pai, na força do Espírito Santo, que contagiou os discípulos e os provocou à adesão livre e pessoal e Ele ao seu amor, porque veio ao encontro dos seus anseios mais profundos de bem, de justiça e de verdade.”¹⁴⁸

3.2.3 No discipulado de Jesus

“Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG 179). Este agir da Igreja é respaldado no agir de Jesus. Segundo Hammes

a prática de Jesus apresentada pelos evangelhos traduz a compaixão na resposta a clamores de pessoas doentes, mesmo as estrangeiras, na atenção às pessoas enlutadas, na sensibilidade com a fome e com as pessoas pobres, no perdão dos pecados e na acolhida aos publicanos e aos chamados pecadores públicos. Em sua prática religiosa, Jesus comunica sua intimidade pessoal com o Pai a quem o segue e entra em seu discipulado.¹⁴⁹

Francisco ensina que a alegria tem sua origem no encontro com o Evangelho, no encontro com a intimidade do Pai, que no Espírito impulsiona para estar a caminho e anunciar o Reino de Deus. Contagiados por esta alegria, a exemplo de Jesus, os discípulos vão assumindo como sua a vida do próprio Cristo e se põem em saída. Ser discípulo para Francisco é se transformar pelo encontro do Evangelho e ir ao encontro dos outros, a fim de proclamar que o Reino do Céu está perto (Cf. EG 180).

¹⁴⁷ Conforme BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*, p. 122.

¹⁴⁸ FERNANDES, Leonardo Agostini. “O culto da verdade... ao redor da Palavra de Deus” in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 98

¹⁴⁹ HAMMES, Erico João. O princípio teológico da misericórdia, in MILLEN, Maria Inês de Castro e ZACHARIAS, Ronaldo. *O imperativo ético da misericórdia*, p. 65.

Fiel à Conferência de Aparecida, o Papa associa os termos discípulo e missionário, ou seja, cada cristão é chamado a ser discípulo-missionário (Cf. EG 24, 119, 120 e 173). No entender de Suess na *Evangelii Gaudium* está a síntese do que se encontra no Documento de Aparecida sobre os “discípulos e missionários de Jesus Cristo”. Eles são sujeitos transversais da missão, enviados para “dar testemunho do amor” (DAp 386)-(EG 99 e 161), anunciar a chegada do Reino (DAp 382)-(EG 180-181) e assumir as tarefas prioritárias para o bem comum e a dignificação do ser humano (DAp 384)-(EG 188).¹⁵⁰

O Papa Francisco desta forma entende que para ser discípulo-missionário são exigidas três atitudes básicas: Primeira acolher o amor que é o próprio Cristo, sua Boa Nova, o seu Evangelho; segunda é deixar-se transformar pelo Cristo e testemunhá-lo a partir do “viver para os outros” e terceira transmitir esta mensagem mediante o anúncio e o testemunho do Evangelho, indo ao encontro dos outros lá onde eles se encontram, acolhendo o dom de Deus presente neles e instaurando com e a partir deles uma sociedade mais justa e fraterna.

Para Francisco “ser discípulo significa ter a disposição permanente de levar aos outros o amor de Jesus; e isto sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (EG 127). Baseado nesta afirmação Casula intui que para o Papa a vida cristã e o empenho missionário são lugares e ocasiões para o encontro e conhecimento pessoal com Jesus Cristo e não simplesmente consequentes do encontro com Jesus Cristo na oração, Eucaristia e celebração dominical. Esta experiência de Jesus Cristo e do seu estilo representam um lugar cristológico fundamental para crescer no conhecimento dele e para a experiência da sua salvação.¹⁵¹ A Exortação *Gaudete et Exsultate* (GE), afirma que “o critério de avaliação da nossa vida é, antes de mais nada, o que fizemos pelos outros. A oração é preciosa, se alimenta uma doação diária de amor.” (GE 104)

Este movimento para o Papa é muito importante. Não basta ter só conhecimento de Cristo, mas ser capaz de testemunhá-lo no mundo de hoje, como agentes transformadores da sociedade mediante uma vida de doação e serviço aos outros, sendo sal da terra e luz do mundo (Cf. EG 92). Francisco afirma que é o testemunho de uma vida fraterna fascina e contagia. A preocupação de uns para com os outros, a mútua-ajuda, o encorajamento e o animar-se são evidências de que o que

¹⁵⁰ SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*, p. 57.

¹⁵¹ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares. A cristologia do Papa Francisco*, p. 62.

caracteriza os discípulos de Jesus é o “amor de uns para com os outros” (Cf. Jo 13, 35) (Cf. EG 99).

No amor de Jesus somos “jogados” para além de nós mesmos. “O sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem” (EG 87). No encontro existe a possibilidade de valorizar a riqueza que há no outro e descobrir Jesus nele, aceitando os seus sofrimentos e unindo-se a ele na luta pela fraternidade (Cf. EG 91). Favorece também para que, ao comunicarmos a alegria do Pai, sejamos capazes de perceber os seus frutos mediante a transformação da vida das pessoas.¹⁵² Portanto para Francisco ser discípulo-missionário implica em viver para o outro e estar constantemente em “saída de si próprio para o irmão”. Esta atitude é fundamento para toda a norma moral e sinal mais claro para discernir sobre o caminho de crescimento espiritual em resposta à doação absolutamente gratuita de Deus (Cf. EG 179).

O discípulo-missionário deve ser capaz de construir pontes. Há muito mais coisas que unem as pessoas do que aquilo que as separa. Aceitar o outro implica em encontrar meios para que seja possível a convivência. De outra parte é abrir-se à riqueza que nele está contida. O meio para conseguir realizar este processo está na atitude de misericórdia. Somente por meio de um coração que se volta para o outro, se compadece, se preocupa com a outra pessoa e continuamente está num processo de conversão a partir do Evangelho será capaz de construir pontes. Francisco afirma: “Deus é paciente conosco, porque nos ama; e quem ama compreende, espera, dá confiança, não abandona, não derruba as pontes, sabe perdoar. [...] Ele nunca está longe e, se voltarmos para Ele, está pronto para nos abraçar.”¹⁵³

3.3 CONSTRUINDO PONTES: O AGIR PELA MISERICÓRDIA

O convite que Francisco faz ao longo de toda a Exortação *Evangelii Gaudium* é que o Evangelho nos converta. Este processo exige muita paciência. O primeiro e principal critério colocado pelo Papa para o agir moral é o testemunho: ser discípulos-missionários da misericórdia, ou seja, “a autoridade moral da Igreja depende do testemunho de seus membros, dos cristãos.”¹⁵⁴ Cada um é chamado, na sua

¹⁵² LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A alegria na *Evangelii Gaudium*: aspectos relevantes na Teologia do Antigo e Novo Testamento in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 59.

¹⁵³ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia: Minha visão para a Igreja*, p. 12.

¹⁵⁴ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 51.

fragilidade, a abrir-se ao amor de Deus, para que, na acolhida do outro, construa pontes, em vista do bem comum de todos.

A alegria que a Boa Nova de Deus provoca na vida das pessoas mediante o ir ao encontro do outro é movida pela ternura e compaixão. Diante do sofrimento do outro não se consegue ficar indiferente. Francisco afirma que “o Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. [...] Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor” (EG 39). E continua

Aquele que se encontra com ele e continua com ele aprende a gramática da vida cristã e, em primeiro lugar, a necessidade de perdão e da reconciliação, da fraternidade e do amor que os cristãos têm a tarefa de reverberar em todo o mundo como testemunhas alegres da misericórdia de Deus. Não se trata apenas de expressar sentimentos de compreensão, compaixão e proximidade a todos os que vivem em situações de sofrimento físico, moral, mas de entrar profundamente em suas realidades, com toda a ternura, a generosidade e a solidariedade para assumir a responsabilidade total perante as dificuldades dos outros, trazendo consolação, esperança e coragem a fim de preservar no caminho do Senhor e da vida. A novidade da vida cristã é o próprio Cristo, sua palavra de salvação e de vida, porque Ele é a salvação e a vida.¹⁵⁵

O Papa desta forma deixa entender que Cristo não veio para condenar ninguém, mas para salvar a todos. Ao ir ao encontro dos mais fracos, necessitados soube fazer-se próximo, entrar em sua vida e história, perceber a riqueza presente em cada cultura e realidade. Jesus propõe uma nova forma de viver com base no amor de Deus, que na sua misericórdia sensibiliza-se por cada pessoa, valoriza a riqueza das diferenças e têm nelas o ponto convergente para a paz.

A misericórdia não é um conjunto de leis, sob as quais se avalia a conduta das pessoas. A misericórdia é uma forma de viver a partir do Evangelho. O Papa Francisco na Carta Apostólica *Misericordia et Misera* afirma que “a misericórdia não pode se reduzir a um parênteses da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho. Tudo se revela na misericórdia; tudo se resume no amor misericordioso do Pai” (MM 1). Ela deve levar à prática da

¹⁵⁵ FRANCISCO, Papa. *A Igreja da Misericórdia*, p. 8

caridade e do amor para com o próximo. Ela também é referência para a busca da paz, pelo bem comum e no respeito às diferenças.

3.3.1 A misericórdia como critério moral

O Papa, citando São Tomás de Aquino, considera a misericórdia como a maior de todas as virtudes (Cf. EG 37) e propriedade fundamental de Deus. A assunção da misericórdia como princípio hermenêutico em Francisco parte de um método indutivo, ou seja, parte da realidade concreta de vida das pessoas e não dos princípios doutrinários e teológicos. Para ele o contexto histórico-cultural e as situações da vida se tornam o horizonte de compreensão da vida cristã.¹⁵⁶

Na *Evangelii Gaudium*¹⁵⁷ afirma que “a imputabilidade e responsabilidade dum ato podem ser diminuídas, e até anuladas, pela ignorância, a inadvertência, a violência, o medo, os hábitos, as afeições desordenadas e outros fatores psíquicos ou sociais” (EG 44). O outro, que está diante de mim e que é o meu próximo, precisa ser acolhido a partir da sua realidade particular. Este é um processo que exige paciência pois cada pessoa se encontra num estágio de vivência do amor de Deus. Por isso “é preciso acompanhar com misericórdia e paciência as possíveis etapas de crescimento das pessoas, que se vão construindo a cada dia. Um coração missionário não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada.”¹⁵⁸

Para Francisco “a moral é uma consequência do encontro com Jesus Cristo”¹⁵⁹. Este encontro nos transforma e tem no amor a referência para o agir moral. Jesus disse: “este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15, 12). A síntese da moral cristã para Francisco é o amor ao próximo. Na EG 161 cita várias passagens bíblicas do Novo Testamento as quais dão sustentação ao seu pensamento (Rm 13, 8-10; Gl 5, 14; 1Ts 3, 12 e Tg 2, 8). Nelas coloca a caridade como caminho para o crescimento no amor.

O que orienta o agir cristão é o amor e não um conjunto de leis. O que rege o amor é a graça do Espírito, mediante o agir em favor do próximo. O amor pede um

¹⁵⁶ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares*. A cristologia do Papa Francisco, p. 73-74.

¹⁵⁷ Ele cita literalmente o número 1735 do catecismo da Igreja Católica.

¹⁵⁸ LIMA, Luiz Corrêa. *Evangelii Gaudium: contribuições para questões contemporâneas* in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 247.

¹⁵⁹ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 140.

sair de si para entrar no outro e acolhê-lo com ternura. Desta forma o Papa compreende que antes de emitir qualquer juízo sobre uma pessoa se faz necessário um olhar diferente sobre a situação particular de cada um. O abaixar-se e entrar na dinâmica da vida do outro muda o horizonte de compreensão. A lei não deve escravizar, mas tornar a pessoa livre (Cf. EG 43), vocacionada para servir e não vítima de um cuidado extremo a fim de que não seja refém do pecado. Para Casula

o esforço moral que devemos fazer consiste em ungir os nossos gestos quotidianos dirigidos ao próximo, de modo que toda a nossa vida se transforme verdadeiramente, graças ao nosso empenho, naquilo que já se tornou em virtude da graça que recebemos.¹⁶⁰

O convite feito por Francisco é que “cada ensinamento da doutrina deve situar-se na atitude evangelizadora que desperte a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho” (EG 42). O agir com misericórdia é o agir do Bom Pastor (Cf. EG 125). Esta é a referência para o agir da Igreja. Ela “deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG 114).

Em outros dois textos o próprio Papa Francisco reforça este seu pensamento sobre o agir a partir da misericórdia como critério moral. Na *Misericordiae Vultus* (MV) nº 9 afirma: “E, em sintonia com isto, se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a sermos misericordiosos uns para com os outros”. E na *Gaudete et Exsultate* (GE) reforça este mesmo pensamento “A misericórdia tem dois aspetos: é dar, ajudar, servir os outros, mas também perdoar, compreender” (GE 80).

3.3.2 Misericórdia e Caridade

Misericórdia e caridade são palavras que possuem origem comum. São duas atitudes que brotam da mesma fonte, ou seja, o coração. O agir a partir do coração, fonte do amor é desejar, buscar e cuidar bem dos outros, ou seja, aquilo que o Papa

¹⁶⁰ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares*. A Cristologia do Papa Francisco, p. 43

Francisco conceitua como deixar-se amar por Deus e amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica (Cf. EG 178). Movido por este desejo, Francisco na *Misericordiae Vultus* (MV), ao falar da ação pastoral da Igreja afirma que ela “deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes: no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo” (MV 10).

Francisco é firme em afirmar que é preciso crescer na compreensão da lei do amor. Afirma que faz bem amar uns aos outros (Cf. EG 101). Para Boff, o Papa baseia o seu pensamento num Deus que “nunca abandonou nenhuma pessoa, por mais pecadora e carregada de vícios se encontre. E sabe chorar diante das desgraças humanas,”¹⁶¹ ou seja,

a compaixão pelo sofrimento alheio é, para os cristãos, uma bondade que incita à indulgência e ao perdão para com uma pessoa culpada pela falta e que se arrepende dela. A misericórdia divina é a bondade de Deus, por meio da qual ele perdoa as faltas do homem. Quando Deus é misericordioso com os homens, ele não lhes dá o que eles mereciam (sua cólera), mas pelo contrário, ele lhes concede sua graça, isto é, a vida eterna. Ele é misericordioso para com os homens que este também o seja em sua vida cotidiana: “Sede misericordiosos como o Pai é misericordioso (Mt 5, 48).”¹⁶²

O convite ao agir a partir da misericórdia tem como referência o agir de Deus. Deus não se envergonha das fragilidades humanas. Nestes momentos que revela o quão solidário é diante da miséria humana e nunca deixa ninguém desamparado. O Papa reitera que não faz parte da lógica de Deus excluir, condenar, destruir, mas sim, incluir, acolher e remediar. Deus sempre crê no ser humano e procura salvar a todos. Francisco afirma que “Jesus nos espera, nos precede, nos estende a mão, tem paciência conosco. Deus é fiel. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, ninguém pode impor um limite ao amor de Deus que perdoa”.¹⁶³

Esta nova forma de agir, que visa incluir e não excluir vê no outro o prolongamento da presença de Deus. Se Jesus soube agir desprovido totalmente de interesses o convite feito por Francisco é que exista sempre como horizonte o objetivo de buscar o bem do outro. Na *Evangelii Gaudium*, citando o texto de 1Pd 4, 8 pede:

¹⁶¹ BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*, p. 130.

¹⁶² FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé*, p. 55.

¹⁶³ FRANCISCO, Papa. *O nome de Deus é misericórdia*, p. 123.

“mantende entre vós uma intensa caridade, porque o amor cobre a multidão dos pecados” (EG 193); e na *Gaudete et exsultate* complementa: “a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas” (GE 72). Isto Jesus fez na cruz, ao se doar incondicionalmente, oportunizou para todos uma nova perspectiva de vida que busca a justiça e paz para todos.

3.3.3 Misericórdia e Paz

O que para muitas pessoas pode parecer uma utopia para o Papa Francisco é convicção e opção de vida. A conversão que acontece na vida das pessoas mediante o encontro com o Evangelho faz com que ao sair de si, da sua autorreferencialidade, abrem-se para a riqueza contida na vida dos outros. Esta nova forma de agir repercute nos diferentes espaços onde se está. Este desejo está expresso na *Evangelii Gaudium* 201 quando afirma

que a vocação e a missão próprias dos fiéis leigos é a transformação das diversas realidades terrenas para que toda a atividade humana seja transformada pelo Evangelho, ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social: ‘A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o sentido evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos’.

O caminho para construção da paz passa pela inclusão dos pobres. “Ao anunciar Jesus Cristo, que é a paz em pessoa (Cf. Ef 2, 14), a nova evangelização incentiva todo o batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível duma vida reconciliada” (EG 239). No entender de Kasper para o Papa Francisco o amor pressupõe e ultrapassa a justiça. E citando EG 180 crê que na medida que Deus conseguir reinar entre nós a vida social será espaço de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos. Sem esta perspectiva a nossa fé será infecunda e os discursos hipócritas e vazios (Cf. EG 183 e 207).¹⁶⁴

O Papa convida para “abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do

¹⁶⁴ Conforme KASPER, Walter. *Papa Francisco. A revolução da misericórdia e do amor*, p. 111

único Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal” (EG 245). Está na comunhão nas diferenças e na busca por uma sociedade melhor mediante a uma preocupação que deve ser comum: desejar o bem de todos e desejar um futuro diferente para a humanidade. Para Francisco aceitar os outros nas suas diferenças possibilita meios para “um diálogo, no qual se procura a paz e a justiça social, é em si mesmo, para além do aspecto meramente pragmático, um compromisso ético que cria novas condições sociais” (EG 250).

3.4 CONCLUSÃO DA TERCEIRA SEÇÃO

O Papa espera “que todas as comunidades se esforcem [...] para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25). Esta conversão traz a marca da misericórdia, do agir a partir do amor e nele contemplar a todos. O viver o Evangelho é muito mais do que orientar a vida a partir de preceitos e leis que procuram ser referência de uma vida autêntica, mas saber assumir como própria a vida do outro.

No entender de Casula, o Papa Francisco ao colocar o centro da sua vida e missão na misericórdia entende que ela “não é somente um princípio importante sobre o plano moral ou espiritual, mas é um critério decisivo para a renovação da teologia e do método teológico, a partir do homem, aliás, dos pobres, em estreita relação com a missão da Igreja”.¹⁶⁵ Fernandes comunga dessa ideia ao afirmar que “a proposta de conversão que a Igreja leva para ao mundo precisa refletir sobre a sua própria conversão, pela qual [...] a verdade comunicada não foi um conjunto de doutrinas a serem conhecidas e praticadas, mas a oferta do amor misericordioso do Pai”.¹⁶⁶

Esta atitude está fecundada pela esperança. Diante do amor de Deus sempre há oportunidade para a volta e o recomeço¹⁶⁷. A Igreja de portas abertas (Cf. EG 46) quer ser a Igreja da misericórdia que acolhe sem julgar, mas está feliz pois oportunizou uma vida renovada, quando ao ir ao encontro dos outros, levou o seu bem mais precioso que é a Boa Nova, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

¹⁶⁵ CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares*. A Cristologia do Papa Francisco, p. 76.

¹⁶⁶ FERNANDES, Leonardo Agostini. Missão e Missiologia a partir da *Evangelii Gaudium*, in AMADO, Joel Portela. *Evangelii Gaudium em questão*, p. 305

¹⁶⁷ Conforme FRANCISCO, Papa. O nome de Deus é misericórdia, p. 94

O Papa Francisco crê que, na medida em que a Igreja souber partir mais do Cristo, do seu amor, do que da estrutura pela qual ela está concentrada, mais eficaz será o seu anúncio. O fechamento sobre si é um prenúncio da perda do seu potencial, mas o sair de si e no sair saber dialogar com mundo, tendo o Evangelho como referência, irá fortalecer-se e buscará o seu novo rosto.

O objetivo único da missão está em anunciar Jesus Cristo e permitir que Ele seja conhecido, amado e vivido por mais pessoas. Isso requer uma grande confiança na ação do Espírito que nos conduz para além de nós mesmos, aos quatro cantos do mundo, lá onde estão os filhos e filhas de Deus. E como os primeiros discípulos que voltaram felizes pelas maravilhas que o Senhor realizara por meio deles assim, todos os missionários devem ser felizes pelos pequenos sinais que o Senhor realiza em favor dos quais Ele os envia. Não por qualquer promoção pessoal ou motivo de vanglória, que eventualmente poderá surgir da missão.

CONCLUSÃO

A Cristologia presente na *Evangelii Gaudium* é marcada pelo encontro com o Cristo alegre, pobre e misericordioso. O encontro com o Evangelho, a Boa Nova converte e nos convida a sair da nossa autorreferencialidade e testemunhar a alegria da mensagem da misericórdia, presente na Palavra, dirigida, de modo especial aos pobres. Ela tem no amor da Trindade a sua referência. Deus, ao sair de si e em seu abaixar-se para nos socorrer nas nossas fraquezas oferece a sua misericórdia. Inspirados nesta atitude cada pessoa é chamada a primeirear, a ir ao encontro dos outros, compadecer-se das suas necessidades e comprometer-se por sua causa.

Francisco viveu sob a aurora do Vaticano II. O concílio sobretudo nas constituições dogmáticas *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes*, apresenta um Cristo que na sua encarnação aproxima-se da vida e cultura das pessoas. O Papa compartilha do pensamento de Paulo VI, sobretudo na *Evangelii Nuntiandi* e na Conferência de Aparecida que convidam a cada um ser discípulo-missionário da alegria provocada pelo encontro com o Evangelho. Ela é fruto de um Deus que se faz presente em cada cultura, primeireia, e oferece a sua salvação, o seu amor e a sua misericórdia.

O Papa afirma que a vida, transformada pelo Evangelho, contém a alegria que precisa ser anunciada. O convite ao seguimento é consequência do apropriar-se da Palavra e dela fazer vida, e vida em abundância para todos. O movimento, provocado pelo Espírito presente na Palavra, nos conduz para fora de nós mesmos e em direção aos outros. A riqueza desta partilha de vida é sinal do Reino, que se desenvolve e se realiza nos pequenos gestos diários, valorizando o que há de mais precioso em cada pessoa e em cada cultura.

A Exortação é um convite para a Igreja que movida pelo Espírito do Senhor e conduzida pela Trindade, muito mais do que se preocupar com as suas estruturas e doutrinas, deve renovar-se e converter-se mediante a vivência do Evangelho e seguimento de Jesus. O Evangelho da Misericórdia, baseado no amor, considera cada pessoa e a sua cultura como algo importante. Por isso só consegue ser próximo quem se deixa sensibilizar pela vida do outro e pela riqueza presente na sua vida. Portanto, para ser fiel a Jesus, a Igreja deve ser mais humana e menos moralista; mais

missionária e menos “parada”; colocar sua força mais na ação do Espírito Santo do que nas suas doutrinas e instituições.

Somente a Palavra de Deus, o Evangelho consegue transformar uma sociedade autorreferencial em povo fiel de Deus. Se a Igreja não for missionária ela continuará sendo autorreferencial; se ela não for misericordiosa ela continuará sendo mais moralista do que humana; se ela não souber dialogar e reconhecer o valor presente em cada cultura, em cada época e nisto perceber a manifestação do Espírito ela deixará de ser profética, mas será um “esconderijo” dos que buscam na “velha tradição”, amparo para as suas necessidades.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* faz um grande clamor e nele está o seu principal questionamento: onde está o centro da vida cristã? O que é referência para o agir do cristão? A resposta a estas perguntas está naquilo que Francisco insiste e propõe, ou seja, uma vida a partir do Evangelho, da Boa notícia que é Deus e que no Filho se revelou e no Espírito conduz a história. A referência, portanto, para o agir cristão é viver no Espírito de Deus e não se deixar “domar” pelo espírito do “*antipueblo*”, da cultura da morte, duma sociedade do descartável.

O ser povo fiel de Deus muito mais do que um elemento de fé torna-se um elemento vinculativo a partir daquilo que somos mediante a encarnação de Jesus. Se formos “filhos no Filho”, o viver a partir do Evangelho deve levar a desejar, querer e buscar sempre o bem da outra pessoa. Nela, como também em mim, há o sagrado, a filiação divina, o ser chamado ao amor e a orientar nossa vida e relacionamentos a partir dele (Cf. 1Jo 4). Deus que se manifesta no outro convida à comunhão. (Cf. EG 272) Valoriza a riqueza das diferenças presentes em cada pessoa humana e nas diferentes culturas. Deus é tão grande que por mais que se “tire água desse poço”, nunca se esgota: sempre consegue se recriar e ser pleno de novo.

O Pastor, Teólogo e Profeta Papa Francisco, na correta leitura que faz da realidade, na qual o mundo está mergulhado, questiona e repudia uma “cultura sem Deus”. Se o ímpeto da autorreferencialidade descarta e vê tudo como se “Deus não existisse”, para o Papa Francisco a humanização do mundo passa por assumir aquilo que somos: pessoas, filhos de Deus, gerados no amor, irmãos de todas as criaturas, vocacionados a testemunhar o amor mediante a conversão provocada pelo encontro com a Palavra, que é o próprio Deus.

O que Francisco propõe não tem nada de utópico, mas algo muito desafiador. O mesmo sopro do Espírito que moveu os Apóstolos no Pentecostes, que renovou a

Igreja no Vaticano II e a conduz ainda hoje é sinal de esperança. Desejar e querer o bem dos outros e viver para que todos tenham vida e dignidade é acreditar na força da Palavra; é ir ao encontro do outro e junto com ele dar testemunho do amor, da alegria, da misericórdia e da salvação que Deus nos oferece como caminho para a construção da paz. Ela é fruto de uma vida digna para todos.

O desejo do Papa Francisco é que a Palavra chegue até os confins de toda a terra. E que todos os cristãos se sintam chamados a dar testemunho da alegria de uma vida transformada pelo encontro com o Senhor. Que saibam reconhecer que a missão é de Deus e que nós somos instrumentos. Por isso o desafio que nos é colocado está no convite de sair a cada dia um pouco mais das “nossas seguranças” a fim de colocar toda a segurança em Deus. Como os pobres ter um coração aberto para acolher a Boa Nova. E sempre agir com misericórdia, pois ela ensina a olhar para todos com o olhar de Deus, que se compadece das fraquezas e valoriza as potencialidades.

A *Evangelii Gaudium* é a alegria presente na vida dos que vivem o Evangelho. Do povo fiel de Deus que dá as mãos uns aos outros e vê valor em caminhar juntos na certeza de que Deus está sempre a caminho junto com o seu povo. Este é o povo peregrino, um povo de fé ardente, que luta pela justiça, que sabe ser bom e que irradia a luz que é o próprio Cristo e como Ele vive a partir do amor do Pai e caminha na luz e ungido pela força do Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

AMADO, Joel Portela; FERNANDES, Leonardo Agostini. *Evangelii Gaudium em questão*. Aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. Rio de Janeiro, PUC-Rio; São Paulo: Paulinas, 2014.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Igreja dos Pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.

_____. *Uma Igreja pobre e para os pobres*. Uma abordagem teológico-pastoral. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/viewFile/1306/1240>> Acesso em 20/08/2017.

ARENAS, Octavio Ruiz. *Desde el corazón del Evangelio hacia el corazón del Pueblo*. Aspectos cristológicos y eclesiológicos de la *Evangelii Gaudium*. Disponível em: <<http://www.celam.org/documentos/ponencia.pdf>.> Acesso em 08/09/2017.

AURÉLIO, Marlos. *A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II*. Aparecida: Ed. Santuário, 2016.

BENTO XVI e FRANCISCO. *A profissão da fé*. Catequeses sobre o Credo. São Paulo: Paulus, 2018.

BERGOGLIO, Jorge Mário. *A verdade é um encontro*. São Paulo: Paulinas, 2015. (Col. Francisco).

_____. *Corrupção e pecado*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. *Mente aberta, coração que crê*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

_____. *O verdadeiro poder é o serviço*. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

BERGOGLIO, Jorge & SKORKA, Abraham. *Sobre o céu e a terra: o que pensa o novo Papa Francisco sobre a família, a fé e o papel da Igreja no século XXI*. São Paulo: Editora Paralela, 2013.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia de Jerusalém (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Mística, práxis y misericórdia: el impacto de la Teología del Papa Francisco sobre las teologías de hoy*. Disponível em <<http://www.congresoteologia2016.com/Conferencias.htm>.> Acesso em 24/05/2017.

_____. *Teologia Latino-americana*. Raízes e ramos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2017.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mário Bergoglio*. Uma biografia intelectual. Petrópolis: Vozes, 2018.

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. Série II: o Deus que liberta seu povo. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem segundo a Cristologia de John Sobrino. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CABRAL, Raquel Cavalcante. *Cristologia e Antropologia na Gaudium et Spes*, p. 46-58. O texto está disponível em <http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/250714-fSvy9Swkvwc4g.pdf> acesso em 16/08/2018.

CAMAROTTI, Gérson. *Segredos do Conclave*. Os bastidores da eleição do Papa Francisco e a operação do Vaticano para estancar a hemorragia de fiéis na América Latina. São Paulo: Geração, 2013.

CARIAS, Celso Pinto; CARIAS, Aurelina de Jesus Cruz. *Outra teologia é possível, outra Igreja também*. Petrópolis: Vozes, 2016.

CASULA, Lúcio. *Rostos, gestos e lugares*. A Cristologia do Papa Francisco. Brasília: Ed. CNBB, 2018. (Coleção a Teologia do Papa Francisco, Vol 2).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

_____. *Documentos da Igreja*. Documentos do CELAM. Rio – Medellín – Puebla – Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004.

COLLAZO, Julie Schwieter & ROGAK, Lisa. *Papa Francisco*. Em suas próprias palavras. 3. ed. Rio de Janeiro-RJ/Campinas-SP: Versus editora, 2013., 2013.

COLLETTI, Raquel Maria de Paola. *A Gaudim et Spes e a Evangelii Gaudium: um estudo comparativo na perspectiva da conversão pastoral*. 2015.46f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-1965), Cidade do Vaticano. VIER, Frederico (Coord. Geral) *Compêndio do Concílio Vaticano II*. Constituições, decretos, declarações. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTADOAT, Jorge. *La Cristologia de Aparecida*. Revista Iberoamericana de Teología, p. 33-58. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/1252/125212539002.pdf>. Acesso em 25/01/2018.

CUDA, Emilce. *Para leer a Francisco*. Teologia, Ética y Política. Buenos Aires; Manantial, 2016.

CUSTÓDIO FILHO, Spencer. *Os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola*. Um manual de estudo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

DOCUMENTO DE SAN MIGUEL. *Declaración del Episcopado Argentino Sobre La adaptación a La realidad actual del país, de las conclusiones de la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano (Medellín)*. Disponível em <<http://www.familiasecnacional.org.ar/wp-content/uploads/2017/08/1969-ConclusionesMedellin.pdf>> acesso em 17/09/2017.

ECKHOLT, Margit. *An die Peripherie gehen*. In den Spuren des armen Jesus vom zweiten Vatikanum zum Papst Franziskus Ostfildern: Matthias Grünewald, 2015.

ESCOBAR, Mario. *Francisco*. O Papa da Simplicidade. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

FASSINI, Frei Dorvalino. *A alegria do Evangelho do Papa Francisco*. Nossa vida e missão. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

FRANCISCO, Papa. *A alegria de Evangelizar*. Campinas/SP: Raboni Editora, 2013.

_____. *A alegria de ser discípulo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

_____. São Paulo: Paralela, 2014.

_____. *Amoris Laetitia – sobre o amor na família*. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Magistério).

_____. *A pátria é um dom. Rever com esperança nossos vínculos sociais*. São Paulo: Ave Maria, 2014.

_____. *Caminhar com Jesus. O coração da vida cristã*. São Paulo: Fontanar, 2015.

_____. *Catequeses sobre a Igreja*. São Paulo: Edições Fons Sapientiae, 2014. (Col. Magistério do Papa 4).

_____. *Deus é jovem*. São Paulo: Ed. Planeta e Paulus, 2018.

_____. *Devocional com o Papa Francisco: meditações para uma vida com Deus*. São Paulo: Fontanar, 2016.

_____. *Docat Brasil – Como agir*. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Gaudete et exultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. 3. ed. revista. Brasília: Ed. CNBB, 2018 (Documentos Pontifícios 33).

_____. *Homilias da Manhã*. Na Capela da Domus Sanctae Marthae. Volume I. Brasília: Edições CNBB, 2014.

_____. *Homilias da Manhã*. Na Capela da Domus Sanctae Marthae. Volume II. Brasília: Edições CNBB, 2014.

_____. *Homilias da Manhã*. Na Capela da Domus Sanctae Marthae. Volume III. Brasília: Edições CNBB, 2015.

_____. *Homilias da Manhã*. Na Capela da Domus Sanctae Marthae. Volume IV. Brasília: Edições CNBB, 2016.

_____. *Homilias da Manhã*. Na Capela da Domus Sanctae Marthae. Volume V. Brasília: Edições CNBB, 2017.

_____. *Homilias da Manhã*. Na Capela da Domus Sanctae Marthae. Volume VI. Brasília: Edições CNBB, 2018.

_____. *Laudato Sí. Sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Ed. CNBB, 2015 (Col. Documentos Pontifícios 22).

_____. *Mensagens e homilias* – JMJ Rio 2013. Brasília: Edições CNBB, 2013.

_____. *Misericordia et misera*. No término do jubileu extraordinário da misericórdia. Brasília: Ed. CNBB, 2016 (Col. Documentos Pontifícios, 29).

_____. *Misericordiae Vultus. O rosto da misericórdia. Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. Brasília: Ed. CNBB, 2015 (Documentos Pontifícios, 22).

_____. *O amor é contagioso. O Evangelho da justiça*. São Paulo: Fontanar, 2017.

_____. *O Espírito de São Francisco*. Palavras inspiradas do Papa Francisco sobre o Santo dos Pobres e Protetor dos Animais. São Paulo: Pensamento, 2015.

_____. *O futuro da fé*. Entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

_____. *O Evangelho da Vida Nova. Seguir Cristo, servir o homem*. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Ed. Planeta, 2016.

_____. *Palavras do Papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Percorramos os caminhos da Paz*. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. *Quem sou eu para julgar? O perdão e a tolerância como caminhos para a paz e a harmonia de cada um de nós e de todo o mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2017.

_____. *Santa missa pela evangelização dos povos no parque do bicentenário*. Homilia do Santo Padre. Disponível em <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150707_ecuador-omelia-bicentenario.html> Acesso em 27/08/2018.

GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. *Cristologia*. Madrid: Espanha. Biblioteca de autores cristianos, 2001. (SAPIENTIA FIDEI – Serie de Manuales de Teologia).

HAMMES, Érico João. *Orientações para trabalhos científicos*. Conforme ABNT 2015. Disponível em <<http://conteudo.pucrs.br/wp-content/uploads/sites/30/2016/06/NORMAS-11-04-2017.pdf>> Acesso em 18/04/2017.

HIMITAN, Evangelina. *A vida de Francisco*. O Papa do povo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

HUMMES, Cardeal Dom Cláudio, OFM. *Grandes metas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2017.

KASPER, Wálter. *A misericórdia*. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. *Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor*. São Paulo: Paulinas, 2015.

KRAMES, Jeffrey A. *Lidere com humildade*. 12 lições do Papa Francisco. São Paulo: Ed. Planeta, 2015.

LANGER, André. *Bergolismo: o léxico do Papa que surpreende a todos*. O texto está publicado em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/526772-bergolismo-o-lexico-do-Papa-que-surpreende-a-todos>. Acesso em 11/07/2018.

LITURGIA DAS HORAS. v. I, II, III, IV. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 1999.

INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal. *A caminho da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e Caribenho*. Retrospectiva histórica. 9. ed. São Paulo: Editora Santuário, 2010.

_____ [et al.] *Vaticano II. 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

MARTINS, Alexandre Andrade. *Introdução à cristologia latino-americana*. Cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina. São Paulo: Paulus, 2014.

MERINO, José Antônio; FRESNEDA, Francisco Martínez. *Manual de Teologia Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Pobre para os pobres*. A missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2014.

PASSOS, João Décio. *As fontes da Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *El Papa Francisco y La Curia Romana*. Contradicciones entre poderes e impactos carismáticos sobre una burocracia tradicional. *Revista Selecciones de Teología*. Barcelona, v. 55, n. 219, p. 183-202, julio-septiembre 2016. Disponível em <http://www.seleccionesdeteologia.net/selecciones/lilib/vol55/219/219_Decio_pag.pdf>. Acesso em 22/12/2017.

PASSOS, João Décio e SOARES, Afonso M.L. *Francisco renasce a esperança*. São Paulo, Paulinas, 2013.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (Sobre a evangelização no mundo contemporâneo). São Paulo: Loyola, 1976.

PESSOTO, Diogo Maragon. *O Espírito da Evangelização na Evangelii Nuntiandi e na Evangelii Gaudium*. Uma leitura pneumatológica e pastoral. Disponível em <<http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/img.php?arquivo=/00005e/00005ec2.pdf>>. Acesso em 08/09/2017.

PIQUÉ, Elisabetta. *Papa Francisco*. Vida e Revolução. São Paulo: Leya, 2014.

RATZINGER, Joseph Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Planeta, 2007.

RUBIN, Sérgio; AMBROGETTI, Francesca. *O Papa Francisco*. Conversas com Jorge Bergoglio. Rio de Janeiro – RJ/Campinas-SP: Versus Editora, 2013

SANTOS, Benedito Beni dos. *Evangelizar com Papa Francisco*. Comentário à *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2014.

SCANONNE, Juan Carlos. *El Papa Francisco y la Teología del Pueblo*. Disponível em <http://www.seleccionesdeteologia.net/selecciones/llib/vol54/213/213_Scannone.pdf>. Acesso em 22/05/2017.

SCAVO, Nello. *A lista de Bergoglio*. Os que foram salvos por Francisco durante a ditadura. A história jamais contada. São Paulo: Ed. Loyola, Paulinas e Paulus, 2013.

SCAVO, Nello & BERETTA, Roberto. *Fake Pope*. As falsas notícias sobre o Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2018.

SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática Volume I*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.

SESBOÛÉ, Bernard e WOLINSKI, J. *O Deus da Salvação* (séculos I-VIII). 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

SHRIVER, Mark K. *Peregrino*. Minha busca pelo verdadeiro Papa Francisco. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

SIDEKUM, Antônio; WOLKMER, Antônio Carlos e RADAELLI, Samuel Manica. *Enciclopédia latino-americana dos direitos humanos*. Blumenau: Edifurb e Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2016.

SILVA, José Maria da (org). *Papa Francisco*. Perspectivas e Expectativas de uma Papado. Petrópolis: Vozes, 2014, 2. ed.

SOARES, Afonso Maria Ligório (org). *Dialogando com John Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOBRINO, Jon. *El Cristo de los Ejercicios de San Ignacio*. Madrid: Espanha. Editorial Sal Terra, 1990.

_____. *El Cristo de los Ejercicios de San Ignacio*. Disponível em: <[https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio/JON SOBRINO - 1990 - EL CRISTO DE LOS EJERCICIOS DE SAN IGNACIO.pdf](https://jesuitas.lat/uploads/el-cristo-de-los-ejercicios-de-san-ignacio/JON_SOBRINO-1990-EL_CRISTO_DE_LOS_EJERCICIOS_DE_SAN_IGNACIO.pdf)>. Acesso em 06/08/2018.

_____. *Jesus, o libertador*. A história de Jesus de Nazaré. Petrópolis: Vozes, 1996.

SPADARO, Antônio. *A proposta do Papa Francisco*. O futuro rosto da Igreja. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *La diplomacia de Francisco*. La misericórdia como processo político. *Revista Selecciones de Teología*. Barcelona, v. 55, n. 219, p. 219-228 julio-septiembre 2016. Disponível em <http://www.seleccionesdeteologia.net/selecciones/llib/vol55/219/219_Spadaro_pag.pdf>. Acesso em 16/11/2017.

_____. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Pe. Antonio Spadaro, SJ*. São Paulo: Edições Loyola e Paulus. 2013.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium*. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. *Introdução à Teologia da Missão*. Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015

_____. *Missão e misericórdia*. A transformação missionária da Igreja segundo a *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2017.

_____. O Concílio Vaticano como raiz e fonte da *Evangelii Gaudium*. O texto está disponível em <<http://www.itf.org.br/o-concilio-vaticano-ii-como-raiz-e-horizonte-da-evangelii-gaudium.html>>. Acesso em 28/07/2018.

SUSIN, Luiz Carlos. *O mar se abriu*. Trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000.

TEIXEIRA, Frei Celso Márcio, OFM (org). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2004.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. 2. ed. Porto Alegre: Est, 1980.

VALENTE, Gianni. *Francisco*. Um Papa do fim do mundo. São Paulo: Geração Editorial, 2013

WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo Homem*. A visão do Papa Francisco sobre Deus. Brasília: Ed. CNBB, 2018 (Coleção a Teologia do Papa Francisco, Vol 1).

XIII ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*. Instrumentum Laboris. Disponível em <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.pdf>. Acesso em 08/09/2017.

ZACHARIAS, Ronaldo. *O imperativo ético da misericórdia*. São Paulo: Editora Santuário, 2016.

ZUGNO, Vanildo. *A Cristologia das Conferências do CELAM*. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/043cadernosteologiapublica.pdf>. Acesso em 28/11/2017.